Diário de Lisboa

ANO 84 N.º 21 579

Outubro de 1984
Segunda-feira

30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Para onde vai Portugal?

INQUÉRITO DL

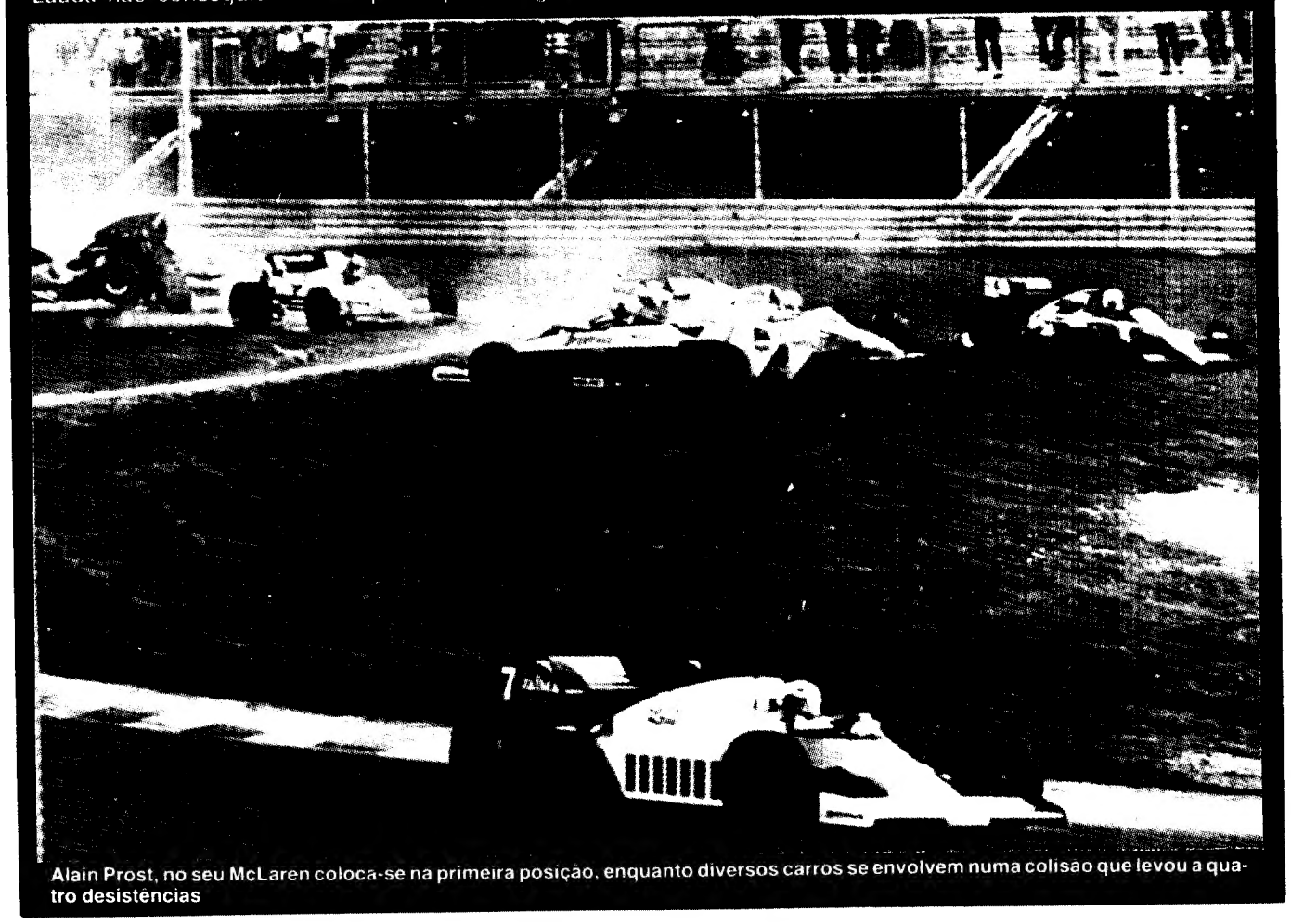
O futuro visto pelos que o constroem. Inicia-se hoje a publicação de um conjunto de depoimentos de dirigentes partidários, líderes sindicais e empresários sobre as perspectivas para o próximo ano. A palavra para Jorge Lacão (PS), Álvaro Rana (CGTP) e Rocha de Matos (AIP)

Págs. 4 e 5

Mundial de Fórmula 1 decide-se no Estoril

Ao vencer ontem o Grande Premio da Europa disputado no novo circuito de Nurburgring, e uma vez que Lauda nao conseguiu melhor que o quarto lugar, o frances Alain Prost transferiu para o Grande Premio de Portugal a decisao sobre quem sera o campeao mundial de 1984

pag. 15



Alain Prost, no seu McLaren coloca-se na primeira posição, enquanto diversos carros se envolvem numa colisao que levou a quatro desistências

Por ser "presa especial"

Deputados impedidos de visitar detida do caso "FP-25"

Dois deputados, Margarida Marques (PS) e Hasse Ferreira (UEDS) foram ontem impedidos de visitar na Cadeia das Mónicas, à hora normal das visitas, Maria Luísa Magalhães, uma das três detidas que ali se encontra presa no âmbito do caso «FP-25». De acordo com o compromisso que tinham previamente assumido com Júlio de Castro, o preso que esteve em greve de sede, e que visitaram na passada sexta-feira, os dois membros do Parlamento dirigiram-se à cadeia das Mónicas onde uma guarda prisional, que se recusou a identificar-se, e que se declarou como responsável do serviço, os impediu de se avistarem com a detida. Instada sobre a razão, a guarda afirmou que «podem visitar qualquer outra presa, mas que essas (referentes ao caso «FP-25») são presas especiais». A deputada do PS afirmou ao «DL» que já endereçaram ao ministro da Justiça, Rui Machete, um requerimento perguntando quais foram as instruções dadas para impedir a sua visita, solicitando ainda um pedido de esclarecimento sobre a existência de um estatuto de presos especiais. No mesmo sentido, os dois deputados escreveram uma carta ao director-geral dos Serviços Prisionais. Esta situação poderá ocasionar que o marido da detida, Júlio de Castro, recomece de novo a greve de sede interrompida até às 24 horas de hoje. Entretanto, Maria Luísa Magalhães, cujo internamento é uma das reivindicações do marido, deverá ter sido ontem visitada pelo médico do Hospital Prisão de Caxias.

D. Branca ouvida, de novo, esta manhã

PJ promete investigar até às últimas consequências

Em comunicado divulgado esta manhã, a Polícia Judiciária garante que as investigações referentes ao caso de D. Branca serão levadas até «às últimas consequências», no sentido de apurar a actividade exercida pela «banqueira do Povo», «enquanto depositária de vultuosos numerários de milhares de depositantes».

De acordo com o texto, a mala encontrada no Barreiro continha numerosa documentação, nomeadamente recibos de depositantes, os quais estão a ser objecto de análise. A PJ sublinha ainda, como o «DL» já tinha noticiado no passado sábado, que os comunicados entretanto surgidos a público são contestados por Maria Branca dos Santos. D. Branca terá declarado aos investigadores que a sua assinatura é forjada, e que nada tem a ver com o texto que marcava para hoje a reabertura do «escritório» e convocava para amanhã uma manifestação frente a S. Bento, caso o escritório não fosse hoje reaberto.

Aliás, Maria Branca dos Santos dirigiu-se de novo esta manhã à sede da Judiciária, onde estava a prestar declarações a agentes da 7.ª secção da PJ, a qual habitualmente se ocupa do tratamento de burlas.

No entanto, apesar dos sucessivos desmentidos da «banqueira do Povo», cerca de 200 depositantes concentram-se desde as primeiras horas de hoje junto do n.º 39 da Avenida Rio de Janeiro, na esperança de reaverem o seu dinheiro. Entretanto, D. Branca declarou a semana passada na Judiciária que lhe roubaram 800 mil contos de um buraco de uma parede de uma das suas residências. A PJ já está a investigar o caso, e se se confirmar a ocorrência, este será mais um dos «desvios» de que os depositantes acusam vários ex-colaboradores da organização da «banqueira do povo».

Hoje: oito páginas de Sete Ponto Sete

FNAC

Somos o ar condicionado

Se os jovens pudessem...

Nuno, 22 anos, estudante

"Recuperar com coragem e trabalho"

– *O que estuda?*
– Estou no 4.º ano de Direito.
– *Porque escolheu esse curso?*
– A profissão atrai-me. É interessante conhecer a linguagem da sociedade de hoje em dia. Sem conhecermos as leis não é possível conhecer essa sociedade. Aquilo que se aprende em Direito é a razão de existir da própria sociedade.
– *As leis são fundamentais?*
– Acho que sim.
– *Quais as perspectivas de trabalho?*
– Ainda não pensei nisso. Ainda me falta fazer o 4.º, o 5.º anos e o estágio. Depois penso nisso.
– *Como está este país?*
– Mais ou menos. Depende do ponto de vista. Ainda não está totalmente irrecuperável.
– *Como é possível recuperar?*
– Com coragem e trabalho.
– *Que espécie de coragem?*
– A coragem é para os que têm de tomar decisões. O trabalho compete a quem tem de trabalhar num sentido comum.
– *Costuma estar informado?*
– Sim.
– *A nível nacional, qual das últimas notícias lhe suscitou mais interesse?*
– Interessado em particular não houve nenhuma. Talvez o caso da D. Branca.
– *E o que pensa sobre esse caso?*
– É um bom caso de publicidade. Não estou bem dentro do assunto. Ler jornais ou ver televisão não é necessariamente estar dentro do assunto.
– *O que pensa dos nossos órgãos de informação?*
– – São muito subjectivos. Poucos ou nenhuns jornais são objectivos. Todos tentam dar uma parte da informação e não toda.
– *Qual dos últimos acontecimentos internacionais que mais o interessou?*
– O último foi a subida do dólar, que significa descida do escudo.
– *O que é a crise?*
– Não a sinto. Vivo com os meus pais, só a posso sentir através deles. Mas penso mais uma vez que se deve há falta de coragem e de trabalhar, desde que haja trabalho.
– *O que faz para além de estudar?*
– Faço desporto. Tenho feito muita coisa, desde ginástica a judo. Não sou federado em nada, jogo em qualquer coisa.
– *O que pensa do nosso nível cultural?*
– Limito-me ao meio da faculdade. Penso que pode ser sempre melhor do que é e só temos a ganhar com isso.
– *Como vê a mentalidade portuguesa?*
– Somos portugueses. Gosto de ser o que sou. Temos coisas boas.
– *O que pensa do caso «FP-25»?*
– Nada. Ainda não vi o fim.

comunicação social

Jornalista britânica expulsa da Jugoslávia

As autoridades jugoslavas expulsaram do país a jornalista britânica Nora Belof, de 65 anos, acusada de ter contactado «com elementos contrários ao Estado».

A jornalista expulsa era correspondente em Belgrado do semanário britânico «Observer» – e foi notificada para abandonar o país depois da Polícia ter revistado a sua residência e terem apreendido manuscritos e pastas diversas.

A jornalista, a primeira a ser expulsa da Jugoslávia ao fim de muitos anos, afirmou que a Polícia teontou que ela subscrevesse uma declaração onde reconhecia ter estado em contacto com elementos da oposição.

Nora Belof prepara um livro sobre o marechal Tito e escreveu anteriormente um outro com o título «No Interior do Império Soviético: Mito e Realidade».

Nora não poderá entrar na Jugoslávia até Outubro de 1989 – refere a nota entregue à jornalista.

"Rádio Impacto" retoma emissões

A «Rádio Impacte», do Montijo, vai retomar amanhã as suas emissões depois de três meses de encerramento» – declarou à NP um responsável daquela estação emissora.

A estação foi encerrada em 13 de Julho por elementos dos CTT e da Polícia Judiciária, após mandato de busca emitido pelo Tribunal Criminal de Setúbal.

Na ocadião, os elementos dos CTT e da Judiciária apreenderam e selaram o local onde a «Rádio Impacte» realizava as suas emissões.

Segundo a mesma fonte, a «Rádio Impacte» vai retomar as transmissões todas as terças, sextras, sábados e domingos na frequência de 104 megaciclos (FM Estéreo) entre as 21 e as 24 horas.

Disse ainda que um elemento da Rádio Impacte» aguarda julgamento no Tribunal de Setúbal em consequência do encerramento da estação em Julho.

83 no Peru

Julgamento da chacina de Uchuraccay

Um dos implicados no assassínio de oito jornalistas peruanos em Janeiro de 1983, atribuído à comunidade de Uchuraccay, entrou em contradição quando prestava declarações na terceira audiência no Tribunal de Ayacucho (Peru).

Interrogado sobre uma presumível bandeira vermelha que alguns camponeses de Uchuraccay disseram ter visto nas mãos dos jornalistas quando chegaram à aldeia, o acusado afirmou não ter conhecimento «de nada».

Durante as declarações afirmou que a bandeira não foi transportada pelos jornalistas, mas que ele próprio a tinha recolhido na aldeia de Iquiche sete dias antes de 26 de Janeiro de 1983, data do crime e que a trouxera para Uchuraccay.

No primeiro momento, após ter sido descoberta a matança, pensou-se que a presença de uma bandeira vermelha nas mãos dos jornalistas poderia ter levado a confundi-los com rebeldes.

Esta hipótese, porém, foi posta de parte após terem sido ouvidas outras testemunhas.

Fotografias tiradas por uma das vítimas, Willy Retto, que foram descobertas meses após o crime, revelaram que os jornalistas tinham falado com os camponeses antes de serem atacados, o que poderia ter demonstrado que não eram terroristas.

O processo corre com três acusados detidos dos 20 incluídos, 17 dos quais não foram encontrados.

Fundo de Desemprego não compra edifício do "DN"

Relativamente a uma notícia inserta no jornal «Semanário» (edição de 22 de Setembro passado), sob o título «Fundo de Desemprego quer edifício do 'DN'», esta entidade desmente tal propósito.

Num breve comunicado, lê-se que «o Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego (GGFD) é uma entidade cujo estatuto jurídico lhe não permite a titularidade de bens imóveis».

É depois explicitado que, de acordo com o disposto no despacho conjunto publicado na II Série do «Diário da República» de 22 de Março do ano corrente, no âmbito do processo de viabilização da EPNC, «decidiu o Governo que parte dos créditos do Estado sobre a empresa poderiam ser saldados através da doação do edifício 'DN', mas a concretização dessa operação, pela questão jurídica atrás referida, não passará pelo serviço público (GGFD).»

Esclarece-se ainda que quer o GGFD quer o Instituto de Emprego e Formação Profsissional «não têm nem nunca tiveram a intenção de instalar qualquer serviço próprio no edifício em referência».

Prémio para Walraff

O jornalista alemão Guenther Wallraff foi contemplado com um prémio internacional já anteriormente atribuído a Lech Walesa e à Amnistia Internacional pela defesa dos Direitos Humanos.

O prémio «Monismanien», no valor de 20 mil coroas, foi este ano atribuído a Wallraff em reconhecimento dos seus esforços em denunciar as ameaças às liberdades e direitos civis em sociaedades democráticas.

Wallraff tornou-se conhecido pelas suas reportagens feitas no interior de grandes empresas, onde consegue infiltrar-se (pelo menos até agora) e trabalhar durante algum tempo sob uma falsa identidade.

A sua maior proeza jornalística foi conseguida como repórter do jornal de grande circulação «Bild Zeitung», cujos métodos sensacionalistas procurou desmascarar.

Refira-se (há sempre gente esquecida...) que Walraff é autor do livro «A descoberta de uma conspiração», livro em que relata entrevistas que teve com o general António Spínola. Nos contactos com Spínola, o jornalista fez-se passar por um representante da extrema-direita alemã disposto a fornecer armas destinadas a uma contra-revolução em Portugal.

"Corriere della Serra"

Um dos jornais italianos de maior prestígio, o «Corriere della Sera», foi comprado por um consórcio apoiado pela «élite» financeira e industrial do país – anunciaram em Milão fontes financeiras.

O jornal, de Milão, com uma tiragem superior a 600 000 exemplares, tinha há dois anos uma administração nomeada pelo Tribunal, bem como a Editora Rizzoli, que o controla.

O jornal esteve à beira da bancarrota em 1982, devido a dívidas provocadas pela ligação dos seus anteriores proprietários, a família Rizzoli, com o Banco Ambrosiano, que faliu nesse mesmo ano.

O «Corriere della Sera» passa agora a ser propriedade da Companhia Financeira Gemina, controlada pela família Agnelli, proprietária da FIAT, pelos Pirelles, proprietários da fábrica de pneus do mesmo nome, e pelo Banco Mediobanca.

O jornal foi vendido por 130 000 milhões de liras – e no negócio estão ainda envolvidos uma companhia de investimentos pertencente ao grupo químico Montedison e um grupo de financeiros católicos.

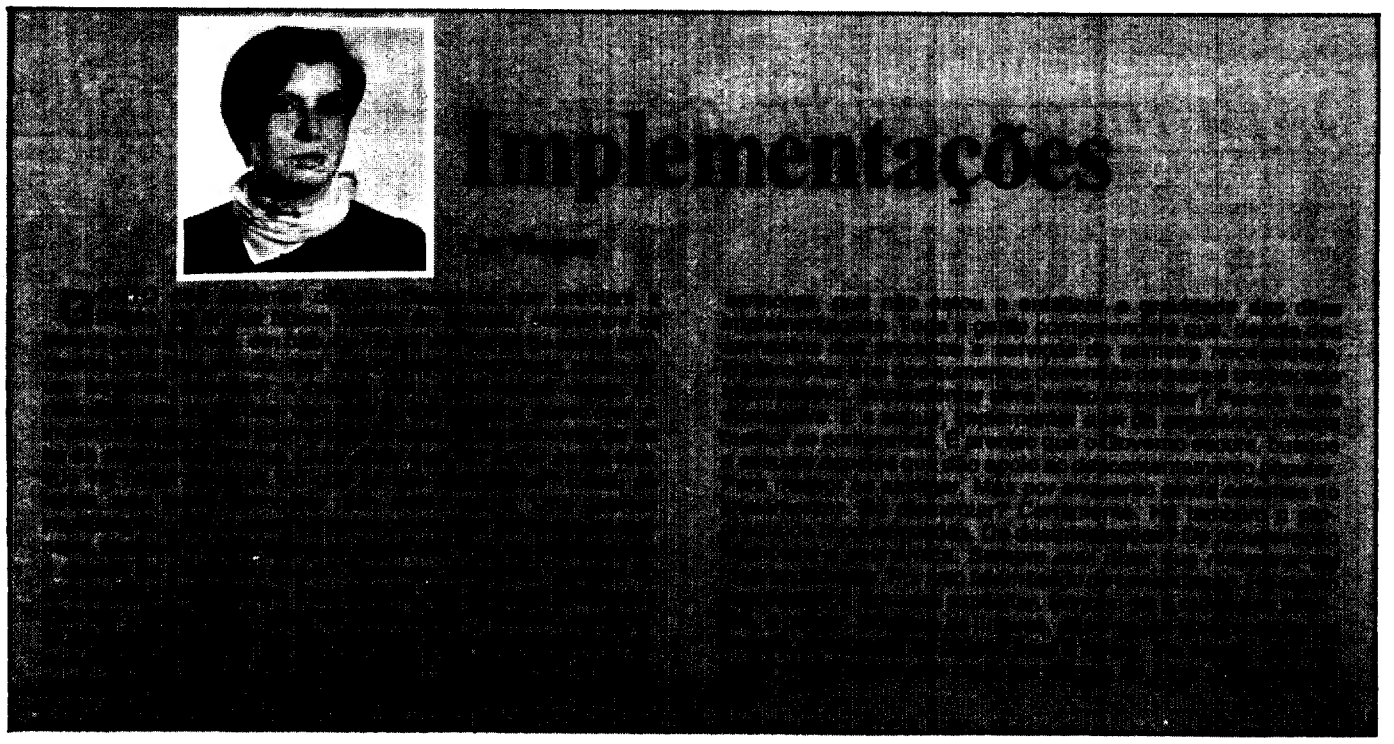
"O Desforço"

O semanário mais antigo que se publica ainda na vila de Fafe está a comemorar o 92.º aniversário da sua fundação.

Título: «O Desforço».

O jornal foi fundado em 1892 por dois fafenses, João Crisóstomo e Artur Pinto Bastos.

Saudações do «DL».



Se os jovens pudessem...

Nuno, 22 anos, estudante

"Recuperar com coragem e trabalho"

– *O que estuda?*

– Estou no 4.º ano de Direito.

– *Porque escolheu esse curso?*

– A profissão atrai-me. É interessante conhecer a linguagem da sociedade de hoje em dia. Sem conhecermos as leis não é possivel conhecer essa sociedade. Aquilo que se aprende em Direito é a razão de existir da própria sociedade.

– *As leis são fundamentais?*

– Acho que sim.

– *Quais as perspectivas de trabalho?*

– Ainda não pensei nisso. Ainda me falta fazer o 4.º, o 5.º anos e o estágio. Depois penso nisso.

– *Como está este país?*

– Mais ou menos. Depende do ponto de vista. Ainda não está totalmente irrecuperável.

– *Como é possivel recuperar?*

– Com coragem e trabalho.

– *Que espécie de coragem?*

– A coragem é para os que têm de tomar decisões. O trabalho compete a quem tem de trabalhar num sentido comum.

– *Costuma estar informado?*

– Sim.

– *A nível nacional, qual das últimas noticias lhe suscitou mais interesse?*

– Interessado em particular não houve nenhuma. Talvez o caso da D. Branca.

– *E o que pensa sobre esse caso?*

– É um bom caso de publicidade. Não estou bem dentro do assunto. Ler jornais ou ver televisão não é necessariamente estar dentro do assunto.

– *O que pensa dos nossos órgãos de informação?*

– – São muito subjectivos. Poucos ou nenhuns jornais são objectivos. Todos tentam dar uma parte da informação e não toda.

– *Qual dos últimos acontecimentos internacionais que mais o interessou?*

– O último foi a subida do dólar, que significa descida do escudo.

– *O que é a crise?*

– Não a sinto. Vivo com os meus pais, só a posso sentir através deles. Mas penso mais uma vez que se deve há falta de coragem e de trabalhar, desde que haja trabalho.

– *O que faz para além de estudar?*

– Faço desporto. Tenho feito muita coisa, desde ginástica a judo. Não sou federado em nada, jogo em qualquer coisa.

– *O que pensa do nosso nível cultural?*

– Limito-me ao meio da faculdade. Penso que pode ser sempre melhor do que é e só temos a ganhar com isso.

– *Como vê a mentalidade portuguesa?*

– Somos portugueses. Gosto de ser o que sou. Temos coisas boas.

– *O que pensa do caso «FP-25»?*

– Nada. Ainda não vi o fim.

comunicação social

Jornalista britânica expulsa da Jugoslávia

As autoridades jugoslavas expulsaram do pais a jornalista britânica Nora Belof, de 65 anos, acusada de ter contactado «com elementos contrários ao Estado».

A jornalista expulsa era correspondente em Belgrado do semanário britânico «Observer» – e foi notificada para abandonar o país depois da Polícia ter revistado a sua residência e terem apreendido manuscritos e pastas diversas.

A jornalista a primeira a ser expulsa da Jugoslávia ao fim de muitos anos, afirmou que a Polícia teontou que ela subscrevesse uma declaraçao onde reconhecia ter estado em contacto com elementos da oposição.

Nora Belof prepara um livro sobre o marechal Tito e escreveu anteriormente um outro com o título «No Interior do Império Soviético: Mito e Realidade».

Nora não poderá entrar na Jugoslávia até Outubro de 1989 – refere a nota entregue à jornalista.

"Rádio Impacto" retoma emissões

A «Rádio Impacte», do Montijo, vai retomar amanhã as suas emissões depois de três meses de encerramento» – declarou à NP um responsávei daquela estação emissora.

A estação foi encerrada em 13 de Julho por elementos dos CTT e da Polícia Judiciária, após mandato de busca emitido pelo Tribunal Criminal de Setúbal.

Na ocadião, os elementos dos CTT e da Judiciária apreenderam e selaram o local onde a «Rádio Impacte» realizava as suas emissões.

Segundo a mesma fonte, a «Rádio Impacte» vai retomar as transmissões todas as terças, sextras, sábados e domingos na frequência de 104 megaciclos (FM Estéreo) entre as 21 e as 24 horas.

Disse ainda que um elemento da Rádio Impacte» aguarda julgamento no Tribunal de Setúbal em consequência do encerramento da estação em Julho.

83 no Peru

Julgamento da chacina de Uchuraccay

Um dos implicados no assassinio de oito jornalistas peruanos em Janeiro de 1983, atribuido à comunidade de Uchuraccay, entrou em contradição quando prestava declaraçoes na terceira audiência no Tribunal de Ayacucho (Peru).

Interrogado sobre uma presumível bandeira vermelha que alguns camponeses de Uchuraccay disseram ter visto nas mãos dos jornalistas quando chegaram à aldeia, o acusado afirmou não ter conhecimento «de nada».

Durante as declaraçoes afirmou que a bandeira não foi transportada pelos jornalistas, mas que ele proprio a tinha recolhido na aldeia de Iquiche sete dias antes de 26 de Janeiro de 1983, data do crime e que a trouxera para Uchuraccay.

No primeiro momento após ter sido descoberta a matança, pensou-se que a presença de uma bandeira vermelha nas mãos dos jornalistas poderia ter levado a confundi-los com rebeldes.

Esta hipotese, porém, foi posta de parte após terem sido ouvidas outras teste[illegible].

Fotografias tiradas por uma das vitimas, Willy [illegible], que foram descobertas meses após o crime, revelar[illegible] os jornalistas tinham [illegible] com os camponeses [illegible] serem atacados, [illegible] ter demonstrado [illegible] eram terroristas.

O [illegible] com três acusados [illegible] dos 20 incluidos [illegible] quais não foram en[illegible].

Fundo de Desemprego não compra edifício do "DN"

Relativamente a uma noticia inserta no jornal «Semanário» (edição de 22 de Setembro passado), sob o título «Fundo de Desemprego quer edifício do 'DN'», esta entidade desmente tal propósito.

Num breve comunicado, lê-se que «o Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego (GGFD) é uma entidade cujo estatuto jurídico lhe não permite a titularidade de bens imóveis».

É depois explicitado que, de acordo com o disposto no despacho conjunto publicado na II Série do «Diário da República» de 22 de Março do ano corrente, no âmbito do processo de viabilização da EPNC, «decidiu o Governo que parte dos créditos do Estado sobre a empresa poderiam ser saldados através da doação do edificio 'DN', mas a concretização dessa operação, pela questão jurídica atrás referida, não passará pelo serviço público (GGFD).»

Esclarece-se ainda que quer o GGFD quer o Instituto de Emprego e Formação Profsissional «não têm nem nunca tiveram a intenção de instalar qualquer serviço próprio no edifício em referência».

Prémio para Walraff

O jornalista alemão Guenther Wallraff foi contemplado com um prémio internacional já anteriormente atribuído a Lech Walesa e à Amnistia Internacional pela defesa dos Direitos Humanos.

O prémio «Monismanien», no valor de 20 mil coroas, foi este ano atribuído a Wallraff em reconhecimento dos seus esforços em denunciar as ameaças às liberdades e direitos civis em sociaedades democráticas.

Wallraff tornou-se conhecido pelas suas reportagens feitas no interior de grandes empresas, onde consegue infiltrar-se (pelo menos até agora) e trabalhar durante algum tempo sob uma falsa identidade.

A sua maior proeza jornalística foi conseguida como repórter do jornal de grande circulação «Bild Zeitung», cujos métodos sensacionalistas procurou desmascarar.

Refira-se (há sempre gente esquecida...) que Walraff é autor do livro «A descoberta de uma conspiração», livro em que relata entrevistas que teve com o general António Spínola. Nos contactos com Spínola, o jornalista fez-se passar por um representante da extrema-direita alemã disposto a fornecer armas destinadas a uma contra-revolução em Portugal.

"Corriere della Serra"

Um dos jornais italianos de maior prestigio, o «Corriere della Sera», foi comprado por um consórcio apoiado pela «élite» financeira e industrial do país – anunciaram em Milão fontes financeiras.

O jornal, de Milão, com uma tiragem superior a 600 000 exemplares, tinha há dois anos uma administração nomeada pelo Tribunal, bem como a Editora Rizzoli, que o controla.

O jornal esteve à beira da bancarrota em 1982, devido a dívidas provocadas pela ligação dos seus anteriores proprietários, a família Rizzoli, com o Banco Ambrosiano, que faliu nesse mesmo ano.

O «Corriere della Sera» passa agora a ser propriedade da Companhia Financeira Gemina, controlada pela família Agnelli, proprietária da FIAT, pelos Pirelles, proprietários da fábrica de pneus do mesmo nome, e pelo Banco Mediobanca.

O jornal foi vendido por 130 000 milhões de liras – e no negócio estão ainda envolvidos uma companhia de investimentos pertencente ao grupo químico Montedison e um grupo de financeiros católicos.

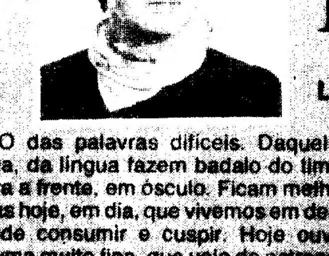
"O Desforço"

O semanário mais antigo que se publica ainda na vila de Fafe está a comemorar o 92.º aniversário da sua fundação.

Titulo: «O Desforço».

O jornal foi fundado em 1892 por dois fafenses, João Crisóstomo e Artur Pinto Bastos.

Saudaçoes do «DL».



Implementações

Lia Viegas

GOSTO das palavras difíceis. Daquelas que enrolam a língua, da língua fazem badalo do timbale, empurram os beiços para a frente, em ósculo. Ficam melhor às pessoas com óculos. Mas hoje, em dia, que vivemos em democracia, qualquer um as pode consumir e cuspir. Hoje ouvi várias vezes no noticiário uma muito fina, que veio do estrangeiro, quero crer. A implementação da lei das rendas de casa, a implementação da lei da segurança interna. Quer dizer que vai haver essas leis, que vai haver deveras, ou que as vão aperfeiçoar? Estou de férias, não tenho dicionário nem enciclopédia. Uns querem implementar, outros não querem implementar. De qualquer maneira, cheira-me que a coisa vai adiantada. Porque implementar é depois de começar, não é? Deve ser implantar, plantar ou aplicar. Mas mais técnico, mais sabido. Não deve ser para quem toca de ouvido. É só para os entendidos. Por isso estamos aturdidos. Eles já vão em implementar, falta só complementar, complementarizar. E depois dão-nos o suplemento, o condimento. O meu [illegible] é que nos [illegible]. É claro, meus senhores, que não estou a enfatizar a gravidade das ditas implementações. Toda a gente compreenderá que, depois dos aumentos dos produtos e serviços de primeira necessidade, implementar a lei dos aumentos de rendas de casa é um bocado intempestivo. Implementar será então empalear? Parece mais elucidativo. E a seguir, implementar a lei da segurança interna melhor se comprende. É preciso que o Governo escute, busque e assuste aqueles que dão apoio ao descontentamento popular. Para melhor os castigar. Mas por enquanto ainda estamos no implementar. No elementar? Certamente. Há também o programa de reprivatizações. De desinfestações? De recuperação financeira e económica. Sempre ouvi dizer que recuperar sai mais económico. Por isso falam tando de consertação. Há algum desconcerto? Convém explicitar. Sentam-se à mesa dos almoços, a palear. Enrolam as línguas, das línguas fazem badalo de timbale, empurram os beiços para a frente, em ósculo. Até um surdo percebe que são palavras difíceis de dizer. Implementações.

política de A a Z

Recordar a República pensar a democracia

①

AS comemorações do 5 de Outubro devem sempre constituir, em todo o território nacional, uma manifestação cívica de afirmação democrática. Mais do que a recordação dos feitos revolucionários de 1910, importa manter vivo o espírito que os animou: o amor da Liberdade, a vontade de construir no País uma pátria, um Portugal bem governado e mais livre, mais progressivo, mais justo.

A Revolução de 5 de Outubro de 1910 liquida a monarquia, institucionaliza a República; não conseguiu, porém, construir uma Democracia. Durou, a braços com dificuldades económicas, lutas internas, agressões do exterior, guerra mundial, conspirações de reaccionários e de inconformados, uns brevíssimos dezasseis anos. A reacção conservadora, interrompendo a vida da I República pelo golpe militar de 28 de Maio de 1926, dominou o país – a ferro e a tiro, com algemas mordaças – durante quarenta e oito anos. Nesses longos anos de opressão, de perseguições, de censura e de terror policial, a Revolução republicana foi comemorada como uma afirmação de oposicionismo antiditatorial, anti-autoritário, antifascista.

Depois de 25 de Abril de 1974, vemos o Presidente da República associar-se às comemorações. As comemorações oficiais têm a solenidade correspondente à dignidade e à intenção comemorativa. Mas não despertam o interesse popular. Nem a deposição da coroa no monumento ao Presidente António José de Almeida, nem a cerimónia do hastear da bandeira na varanda da Câmara Municipal de Lisboa, evocativa do momento histórico da proclamação da República, dão lugar à concentração e manifestação dos cidadãos. As romagens ao cemitério de Alto do São João vão envelhecendo. Continuaram a ser jornadas de saudade republicana. E não é já perante os túmulos dos combatentes, dos mártires, dos tribunos, agora que a Liberdade foi reconquistada, que se vai reafirmar a resistência à tirania e bradar a fé no futuro democrático.

Não soubemos atrair as jovens gerações ao culto dos valores políticos, cívicos e patrióticos que estão associados, naturalmente, à Revolução republicana como passo para uma Democracia de progresso social.

A educação cívica das jovens gerações tem sido descuidada. Confiou-se no «milagre de Abril». E governantes que não governam e políticos que só com a «carreira» andam preocupados, não prestaram atenção à inevitabilidade de as crianças de Abril de 1974 – os que tinham oito ou dez anos na alvorada da Liberdade – serem, hoje, cidadãos eleitores. Recebem os direitos democráticos sem que lhes tenham ensinado o que foi, no tempo da opressão, a luta pela Liberdade. E a vida não lhes ministra lições de Democracia.

②

Um historiador dos nossos dias, conhecedor profundo do «republicanismo» português, especialista do período sidonista, o professor João Medina, aos microfones da RDP, pronunciou um severo juízo crítico sobre os dezasseis anos da I República. Não nos surpreenderão as reacções de sentimentalismo incrítico, nem os protestos de valorização global de um período histórico acidentado e contraditório. As contradições e as decepções referidas por João Medina são irrefutáveis. E é de boa pedagogia política recordá-las a dez anos do 25 de Abril, quando, também, relativamente a este tempo histórico que é o nosso, começam a adensar-se as desilusões. Também nos nossos dias conturbados, dias de crise, de inquietações, de perplexidades, a maioria dos cidadãos interroga-se sobre o futuro da Demoocracia.

O «restauracionismo» faz caminho. Está na Assembleia da República, está no Governo. É ainda minoritário? Sem dúvida. Mas detém alavancas de poder.

③

Como em 5 de Outubro de 1910, a Revolução de Abril derrubou o poder-de-Estado retrógrado e tirânico. A Liberdade passou aclamada, entusiasticamente, pelas portas que Abril abriu. A Constituição de 1976 consagrou, na letra da lei, a institucionalização de um regime democrático. Mas é mais fácil definir a Democracia no articulado legal do que convertê-la numa realidade política, económica e social.

A dez anos de Abril, o problema que se coloca instantemente aos verdadeiros democratas, e a melhor maneira de no presente homenagear os sonhadores e os combatentes de 1910, será continuar Abril, passando das evocações piedosas à acção consciente, lançando-nos no esforço colectivo de construir a Democracia.

Tornou-se claro que a simples mudança de pessoas no Governo da nação e zonas próximas, não é suficiente para assegurar a mudança de mentalidade e de métodos. É preciso democratizar de raiz. É necessário refazer o Estado para a Democracia. É urgente, repeitando o espírito e a letra da Constituição, promover a participação dos cidadãos na vida política (e não só nos actos eleitorais), na gestão pública (e não só no pagamento de impostos).

Falando em Vila Velha de Ródão, o Presidente da República disse: «É inútil esperar que o Estado centralizado e centralizador, transmitindo a cada um dos seus funcionários esse mesmo espírito de autoprotecção de competências e poderes acumulados,se regenere por si próprio de modo a ser um factor de inovação, de criação e de desenvolvimento». E acrescentou que: «mais do que criticar este persistente estado de coisas, que é, afinal, a tradição portuguesa, importa determinar o que pode alterar estas tendências históricas, para canalizar para aí os esforços de mudança.»

Aí está uma das direcções em que é necessário actuar: o esforço de mudança. A outra é a intensificação da participação política e social. Desse esforço de mudança, dessa maior participação dos cidadãos, depende a construção da Democracia.

RDA: 35 anos de luta pela Paz

Günther Drefahl (Panorama DDR)

Com a fundação da República Democrática Alemã em 7 de Outubro de 1949 começou um novo capítulo na história do povo alemão e da Europa. O novo Estado alemão como expressão da luta travada por muitas gerações apresentou-se desde a hora do seu nascimento na vida internacional com o juramento de fazer tudo o que fosse necessário para que nunca mais uma guerra partisse do solo alemão.

A grande oportunidade histórica para uma política alemã da paz e da amizade entre os povos, que se abriu após a libertação do povo alemão do fascismo hitleriano, através do triunfo da União Soviética e dos povos aliados na coligação anti-hitleriana, foi consequentemente aproveitada na RDA. As bases socioeconómicas da política de pilhagem imperialista e fascista foram radicalmente eliminadas.

A RDA é o primeiro Estado alemão que não coloca exigências quanto ao território de outros Estados e que reconhece incondicionalmente as fronteiras existentes. O dever de fazer tudo o que for necessário para preservar e fortalecer a paz é na RDA princípio fixado na Constituição. Ninguém pode nem quer renunciar a este dever.

Através da participação activa na aliança de defesa do Tratado de Varsóvia a RDA contribui para manter o equilíbrio militar entre o Este e o Oeste como meio mais importante da preservação da paz. Pela sua situação geográfica no centro da Europa e directamente na fronteira entre as duas mais poderosas coligações militares do mundo, a RDA está prioritariamente interessada em preservar no continente europeu a paz e a segurança.

Por estas razões a RDA exerce desde a sua fundação uma política de paz e isto tanto com palavras como através de acções. Conjuntamente com os demais Estados socialistas e como parte integrante do movimento mundial pela paz, a RDA empreende actualmente esforços sobretudo para afastar o perigo dum holocausto nuclear.

A RDA apoia incondicionalmente as iniciativas de paz dos Estados da comunidade socialista fixadas na Declaração de Praga, de Janeiro de 1983 e na Declaração de Moscovo de Junho de 1983 e sobretudo a proposta de que todas as potências possuidoras de armas nucleares declarem, tal como a União Soviética, com base no Direito Internacional, a renúncia ao emprego em primeiro lugar de armas nucleares, que os Estados do Tratado de Varsóvia e os da NATO concluam um acordo sobre a renúncia mútua à aplicação da força militar e sobre a manutenção de relações pacíficas.

A Europa, que em duas guerras mundiais sofreu um imenso derramamento de sangue, deverá ser no futuro um continente da paz, da segurança e da cooperação com vantagens recíprocas, livre de armas nucleares de todo o tipo e também livre de armas químicas. É este o objectivo pelo qual zela a RDA juntamente com todas as forças amantes da paz no mundo, independentemente de tudo aquilo que as possa separar em relação a outros aspectos. Neste âmbito os cidadãos e as forças sociais compreendem-se como parte do amplo movimento pela paz na RDA.

No 35.º ano da fundação da RDA o Conselho da Paz festeja também o 35.º aniversário da sua constituição. Em 10 de Maio de 1949 constituiu-se em Berlim o «Comité Alemão dos Combatentes pela PAz» que mais tarde recebeu o nome de Conselho da Paz da RDA. Com grande empenho participaram na sua fundação representantes dos partidos

Continua na pág. 10

ponto a ponto

O ministro da Cultura, **Coimbra Martins** está desde sábado no Recife para uma visita oficial de quatro dias ao Brasil, em que o tema dominante é a cultura portuguesa. Coimbra Martins visita o Museu Homem Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco, e o gabinete português de leitura, nesta cidade brasileira. O ministro da Cultura terá ainda um encontro com o sociólogo brasileiro Gilberto Freire, em Apicucos, e visita a cidade de Olinda. Hoje, Coimbra Martins visita Brasília, onde participa num almoço oferecido pela ministro brasileiro da Educação e Cultura, Esther Figueiredo Ferraz.

O ministro da Justiça, **Rui Machete,** afirmou que «o direito tanto pode constituir um entrave ao progresso como ser um instrumento de eleição para promover a modernização das relações sociais. Rui Machete falava na sessão de abertura da sexta Conferência de Ministros da Justiça dos países hispano-luso-americanos e Filipinas, a decorrer em Lisboa até sexta-feira.

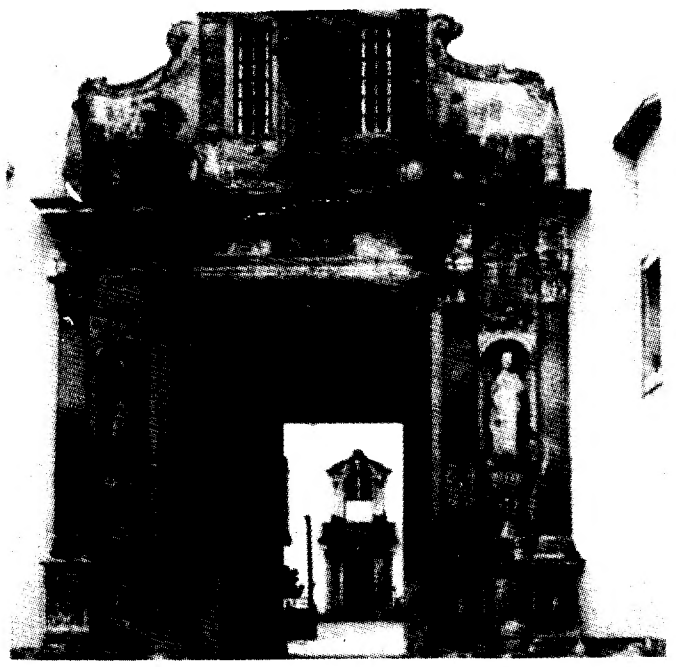
O ministro da Justiça disse ainda que «os países de língua castelhana e portuguesa, para além dos traços bem marcados que individualizam as respectivas culturas, têm muitos pontos que os aproximam e que justificam a comparação entre as suas experiências».

A comissão coordenadora da APU em **Condeixa-a-Nova** criticou a gestão PS/PSD do município, afirmando que «não é decidida, eficaz e transparente».

Considera a APU que «os dinheiros públicos estão a ser esbanjados até na forma como se mandam executar as obras» e que a situação financeira da Câmara «é preocupante».

Em comunicado, os autarcas da APU acusam o presidente da autarquia de «graves irregularidades, compadrio e corrupção nos alugueres de máquinas e no perdão de 40 mil contos de multas à empresa Sanurb».

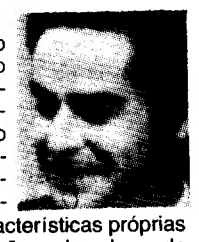
UM simpósio europeu sobre agricultura avançada, dedicado ao tema «Produtividade Agrícola», decorre na cidade italiana de Pavia entre 15 e 18 deste mês. Patrocinado pela FAO, organismo das Nações Unidas paa a Agricultura e Alimentação, o encontro terá a participação de técnicos internacionais de renome, entre eles o director da estação agronómica, **Vaz Portugal.** Vaz Portugal, antigo ministro português da Agricultura será relator do simpósio, deslocando-se a Pavia a convite da Universidade Europeia do Trabalho, da Comunidade Económica Europeia.



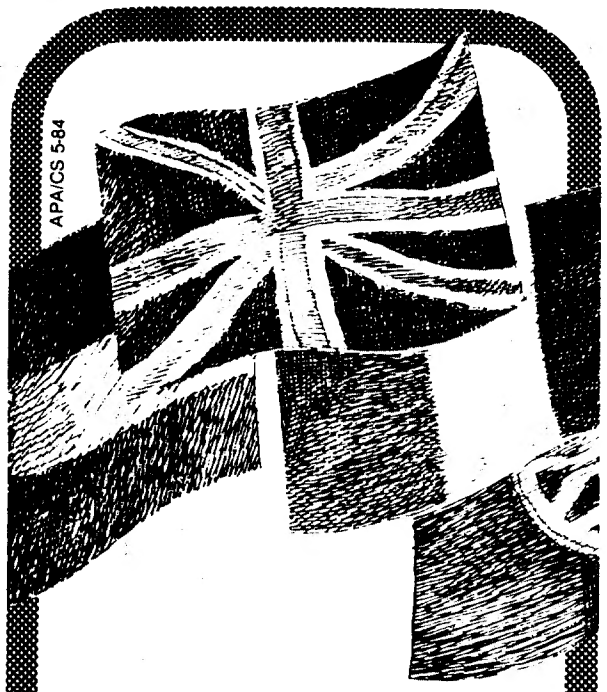
O secretário de Estado do Fomento Cooperativo afirmou ontem, em **Coimbra,** ser possível «acabar com os bloqueios ao código cooperativo actualmente existentes».

Armando Lopes falava na sessão de encerramento do «debate nacional sobre o código cooperativo» que decorreu no auditório da reitoria da Universidade e contou com a presença de duas centenas de participantes. Nas conclusões foi salientada a necessidade de se criar um consenso de que as cooperativas «não podem ter fins especulativos como empresas não capitalistas nem públicas».

A secção da **JSD de Carcavelos** decidiu em plenário não eleger qualquer delegado ao sexto congresso daquela organização juvenil do Partido Social-Democrata. O plenário manifestou ainda a sua «solidariedade» com a posição tomada pela comissão política distrital da JSD de Lisboa e «acompanhá-la até às últimas consequências, ou seja, até ao recurso ao congresso do PSD para que a legalidade seja imposta com um novo congresso realizado em termos legais».



OS sociais-democratas algarvios vão realizar no dia 13 um encontro sobre o sector da construção aberto a empresas do ramo, autarcas, representantes do sector cooperativo e pessoal técnico. O encontro foi anunciado pelo presidente da comissão política distrital do partido, **José Vitorino,** que o justificou pela «conhecida grave crise que afecta o sector de construção no País e no Algarve». José Vitorino salientou que na região o problema «tem características próprias e uma grande dimensão» pela carência de habitação, pelo volume de construções no sector turístico e pelas obras públicas em curso.



cambridge school

A única Escola de Línguas que lhe oferece tão grande variedade de cursos

- Cursos básicos, em grupo, de **Inglês, Francês e Alemão**
- Cambridge First Certificate
- Cambridge Proficiency
- Inglês para «Executive Secretaries»
- Inglês para bancários
- Cursos **VIDEO**
- Cursos especiais para crianças
- Cursos intensivos
- Cursos de preparação para exames dos Institutos Francês e Alemão

— Cursos individuais para homens de negócios e pessoas de todas as profissões, em Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano e outras línguas

— Português para estrangeiros

— Cursos especiais para empresas

— Cursos no estrangeiro durante todo o ano

Cambridge Executive School no centro da capital e ainda 8 outras escolas bem localizadas em Lisboa, Almada, Coimbra, Porto e Funchal

Professores da nacionalidade.
Pequenos grupos.
Métodos modernos.
Aulas práticas de conversação.

Inscrições abertas ao longo do ano

Para mais informações contacte entre às 9h e as 21h

LISBOA AV DA LIBERDADE, 173-1°
TEL 55 47 80 55 47 89 — 1200 LISBOA
LISBOA AV DA LIBERDADE, 173-3°
TEL 53 34 73 — 1200 LISBOA
LISBOA AV GUERRA JUNQUEIRO, 8 1° DIR
TEL 88 45 44 89 96 01 — 1000 LISBOA
BENFICA EST DE BENFICA, 729-5° DIR
TEL 70 43 29 70 36 38 — 1500 LISBOA
ALMADA PRAÇA DO M F A 12 1°
TEL 276 02 34 275 32 18 — 2800 ALMADA
PORTO RUA DUQUE DA TERCEIRA, 381-1°
TEL 56 03 80 56 11 30 — 4000 PORTO
COIMBRA PRAÇA DA REPUBLICA, 15
TEL 3 49 69 2 92 85 — 3000 COIMBRA
FUNCHAL RUA DA CARREIRA, 240 1°
TEL 4 37 18 — 9000 FUNCHAL

CAMBRIDGE EXECUTIVE SCHOOL
AV. DA LIBERDADE 173-4 TEL 521352 - 57660 80 1200 LISBOA

"Rentré" política: para onde vai Portugal? "Rentré"

Perspectivas políticas, económicas e sociais para 84/85 foi o tema que, na «rentrée» política, o «DL» propôs à reflexão de dirigentes partidários, sindicalistas e empresários. Hoje e nos próximos dias iremos publicando os seus depoimentos que, naturalmente, deixam entrever alguns dos fios com que se vai tecendo a vida portuguesa nos próximos tempos.

Um ano de mudanças

Nem tudo fica dito, nem também se procura nas afirmações políticas a adivinhação do futuro. E, no entanto, a «saison» que começa neste Outono instável bem pode vir a assistir ao fim de uma era, e ao princípio de outra, na vida política portuguesa.

No campo estritamente político, uma mão-cheia de acontecimentos ameaça alterar radicalmente o quadro em que nos habituámos a viver. Embora a isso não se venha prestando grande atenção, o Presidente da República que vai ser eleito em 85, não será pela primeira vez desde 1976 um representante institucional das Forças Armadas, nem por elas será escolhido. E mesmo que seja um militar, caso os «eanistas» ou o PSD venham a optar por um cidadão fardado, essa escolha terá mais que ver com prestígio popular ou falta de alternativa do que com jogos de equilíbrio e poder virados para o interior das Forças Armadas.

O processo de regresso das Forças Armadas aos quartéis, iniciado por Ramalho Eanes em 1976, que passou pela extinção do Conselho da Revolução, pela Lei de Defesa Nacional da AD e, mais recentemente, pela demissão do general Garcia dos Santos da chefia do Estado-Maior do Exército, poderá com a eleição de um civil para Belém, ter o seu fim natural.

Mas uma pergunta fica – como reagirão as Forças Armadas a este facto, elas que ainda estão traumatiadas pela guerra colonial e pelo «prec», que estão mal equipadas, que são quase inúteis no teatro de guerra europeu?

Saberão as Forças Armadas suportar este quase «ostracismo», depois de mais de um século de permanente intervenção na vida política e quando, apesar de tudo, ainda são consideradas por um dos seus chefes «a reserva moral da Nação», num país em crise económica, onde a fome desponta aqui e ali, onde o diálogo social é difícil e as instituições muito frágeis?

É prematuro procurar respostas, sendo evidente que é este ano que elas se vão começar a desenhar.

Mas 84/85 vai ver também a clarificação dessa nebulosa que tem sido o «eanismo». Protegido até hoje pelo manto diáfano de cada um, o «eanismo», partido ou movimento, vai ter de optar – entre o progressismo do MAD, o conservadorismo moralizante da província e a social-democracia ex-terceiro-mundista. Opção difícil e acompanhada pelo silêncio, mas também pelo empalidecer da estrela de Belém, quando o Presidente Eanes perder a possibilidade, em Maio ou Junho de dissolver a Assembleia da República, hoje o mais importante dos seus poderes. Sem que possa, entretanto, assumir-se como líder partidário.

E a estes escolhos, já muitos para uma força nova, um outro obstáculo se junta. Se o Governo mantiver a intenção de marcar as eleições autárquicas para depois das presidenciais, poderá o movimento «eanista» afirmar-se sem se hipotecar definitivamente a outras estratégias? Na pugna pelos municípios e as freguesias, ele poderia talvez com êxito retirar dividendos do discurso sobre a grandes do Poder Local (em contraponto com as misérias do Terreiro do Paço) que o Presidente vem desenvolvendo até à exaustão. Mas terá o «eanismo» élan suficiente para enfrentar primeiro a luta por Belém?

Outras questões se vão levantar neste ano – a sucessão de Mário Soares no Partido Socialista, o futuro de Mota Pinto no PSD, a sorte de Lucas Pires no CDS. Delas já se fala e continuará a fazer.

Como se vai também continuar a falar de economia. Agora para tirar a prova dos nove às vantagens da banca privada, outro salto no desconhecido que se iniciou no ano passado. E conhecer, de uma vez por todas, das intenções dos «Dez» quanto à nossa «entrada» na Europa. E, ainda, do sucesso desses sonoros programas de recuperação e de modernização com que o ministro Ernâni Lopes nos submerge, sem resultados que não sejam novas promessas de um futuro melhor. Com o aproximar das presidenciais (elas outra vez!), ou se começa a ver a luz ao fundo do túnel ou Soares terá de rever as suas contas.

A situação das empresas públicas será encarada finalmente pelo poder? E a inflação vai baixar? Os impostos descer? O emprego aumentar? Tantas foram já as promessas, nestes últimos dez anos, que a esperança é pouca. Mas a sensação generalizada, e nisso os depoimentos que o «DL» publica são unânimes, é que isto assim não pode continuar.

O desafio de vencer esta endémica pobreza de Portugal e dos portugueses é, por isso, outro tema essencial de 84/85.

Finalmente, o comportamento dos parceiros sociais vai ser mais uma estimulante questão dos próximos meses. A criação do Conselho de Concertação Social foi a grande novidade do «bloco central». Ainda é cedo para se fazer o balanço do seu funcionamento, até porque a discussão do PREFE passou despercebida à maioria da opinião pública.

A pedra de toque na sua institucionalização será, antes, a revisão das leis laborais, que o ministro Amândio de Azevedo foi incapaz de fazer a partir da Praça de Londres. Entre dois fogos, o do patronato em busca dos privilégios perdidos e o da UGT, a querer fugir do «amarelo» que os rivais lhe querem vestir, o espaço para a negociação e consenso é muito pequeno. E a crise é demasiado grande para que todos fiquem satisfeitos. Se o CCS falhar, quem fica com a razão toda é a CGTP. E depois?

Depois, em relação a tudo isto, veremos daqui a um ano. Para então fazer o balanço, ajustar contas e, fundamentalmente, assinalar as diferenças, que prometem ser grandes.

José Manuel Vilaça

Álvaro Rana (CGTP-IN)

Os Governos passam... os trabalhadores constroem

A situação real do País no decurso do ano corrente vem-se caracterizando por uma profunda degradação das condições de vida do povo português, como é reconhecido nos mais recentes relatórios divulgados pelo INE e pelo Banco de Portugal.

Em todas as áreas, mas mais acentuadamente no domínio das condições económicas e sociais, é muito difícil encontrar, actualmente, uma família trabalhadora que não se debata com os reflexos do aumento do custo de vida, da insegurança e instabilidade de emprego, dos salários em atraso, ou ainda com os problemas que se agravam no âmbito do ensino, dos serviços de saúde e segurança social, ou com a carência de casas e a deterioração do parque habitacional.

Hoje em dia os trabalhadores portugueses pagam mais pelo que comem, não têm melhor assistência, ganham muito menos, correm muito maiores riscos de cair no desemprego, pagam mais impostos. Em suma, vivem indiscutivelmente pior.

Estes são os problemas reais que, compreensivelmente, afligem, inquietam e preocupam a generalidade da população portuguesa.

Os observadores mais atentos da evolução da sociedade portuguesa recordarão certamente que desde 1976 os sucessivos governos vêm afirmando que com uma política de «medidas de austeridade» seriam resolvidos os problemas do povo e superadas as dificuldades do País.

Em consequência destas «medidas messianicas» têm-se sucedido os aumentos de produtos e serviços essenciais, tem sido continuamente desvalorizada a nossa moeda, foram aumentadas as taxas de juro e impostas violentas restrições ao consumo interno e tem sido acelerada a venda e a dissipação das reservas de outro do País.

Puseram-se em prática as habituais «receitas» do Fundo Monetário Internacional.

Em mais de 8 anos de aplicação destas medidas, houve tempo de sobra para que se apurassem os benefícios atribuídos ao «modelo político» que os governos que neste período estiveram à testa do país escolheram como o melhor processo para resolver os problemas nacionais mais candentes.

Após mais de 8 anos a realidade é evidente, tudo piorou. A fórmula governamental revelou-se um tremendo fracasso.

A situação social dos trabalhadores e das suas famílias tem-se agravado e atinge limites extremos. A fome e a miséria fazem parte do quotidiano de milhares e milhares de famílias trabalhadoras. A economia nacional encontra-se num nível inquietante de degradação.

Existem muitos dados que comprovam os perigos que pesam sobre o nosso país.

Entre Junho de 1983 e Junho de 1984 a inflação ultrapassou 32%.

Em apenas seis meses o seu governo, de Outubro de 1983 a Março de 1984, Mário Soares e Mota Pinto, segundo os próprios dados oficiais, destruíram mais de 100 000 postos de trabalho.

No final de 1975 o número de trabalhadores sem emprego rondava os 50 mil. Em 1983 os desempregados eram já mais de 450 mil e, actualmente, são mais de 600 mil. Ou seja, como reflexo do figurino político que nos tem sido imposto, o desemprego, nos últimos 8 anos, cresceu mais de 10 vezes.

Ninguém tem dúvida quanto ao dramatismo e aos gravíssimos problemas que se ligam à crescente e descontrolada subida do desemprego.

Assim parece não entender o Governo actual, que utiliza os dinheiros do Fundo de Desemprego, cujas receitas provêm exclusivamente dos descontos efectuados nos salários dos trabalhadores, para financiar «empresários» mesmo que tenham desbaratado as empresas, ou para oferecer verbas consideráveis às organizações dos mercenários do divisionismo.

O comportamento deste Governo pode-se avaliar com mais objectividade, sabendo-se que, em 1984, concedeu a pretexto de «viabilizar» empresas cerca de 770 mil contos ao patronato, manifestou a disposição de brindar os divisionistas com 90 mil contos, enquanto deixou sem qualquer subsídio mais de 500 mil desempregados.

O regabofe com os dinheiros do Fundo de Desemprego faz recordar a utilização fraudulenta que, antes do 25 de Abril, o Governo fascista fazia com os dinheiros da Previdência Social.

A situação real em que se encontra o País é o espelho das responsabilidades que cabem à política do Governo de Mário Soares e Mota Pinto.

Por ter plena consciência de que o seu estafado modelo acarreta consequências que provocam um crescente descontentamente popular, o actual Governo, além do recurso a promessas demagógicas que não cumprirá, procura limitar as liberdades e os direitos dos cidadãos, através de leis autoritárias e repressivas.

As últimas iniciativas legislativas deste Governo denunciam

" política: para onde vai Portugal? "Rentré" política: para onde vai Portugal?

Rocha de Matos (AIP)

"Não creio que se possa esperar muito de 1985"

Portugal vive um ritmo de mudança imediata muito grande, o que acentua a própria instabilidade decorrente da conjuntura internacional. E se é bem certo que não há, hoje, países autónomos pelo menos no plano económico, temos de reconhecer que essa dura verdade se acentua em países pobres como o nosso. Apesar de tudo, temos de assumir as nossas próprias responsabilidades, e deixarmo-nos, uma vez por todas, de atribuir aos outros, e aos que vieram antes de nós, as nossas culpas globais.

O «projecto Portugal» suege assim agravado pelo seu ritmo específico de mudança, que infelizmente não configura uma evolução, mas sim uma frenética alteração de regras de jogo. Isto é sobretudo visível, como bem se entende, no campo governamental. Ora, como não somos anarquistas, e por isso reconhecemos a necessidade de um Governo estável e forte: e como, infelizmente, a realidade portuguesa, desde há dezenas de anos, vive, mais do que o desejável, de intervenções governamentais, temos que o País claudica numa das suas bases, e numa área extremamente sensível.

Acresce que os sucessivos governos, se têm como característica mais estável a sua própria instabilidade interna e externa, apresentam outra característica não menos perniciosa, que é a falta de transparência e de participação. Falando como empresário, reconheço e insisto nas dificuldades de diálogo, de concerto e de informação a nível institucional. E a constituição e funcionamento do Conselho de Concertação Social; a forma como foi elaborado o PRFE; a condução das negociações com a CEE; o processo de abertura da banca ao secor privado – tudo isso e outras coisas menores confirmam amplamente o que venho dizer, em nome da AIP e no meu próprio nome.

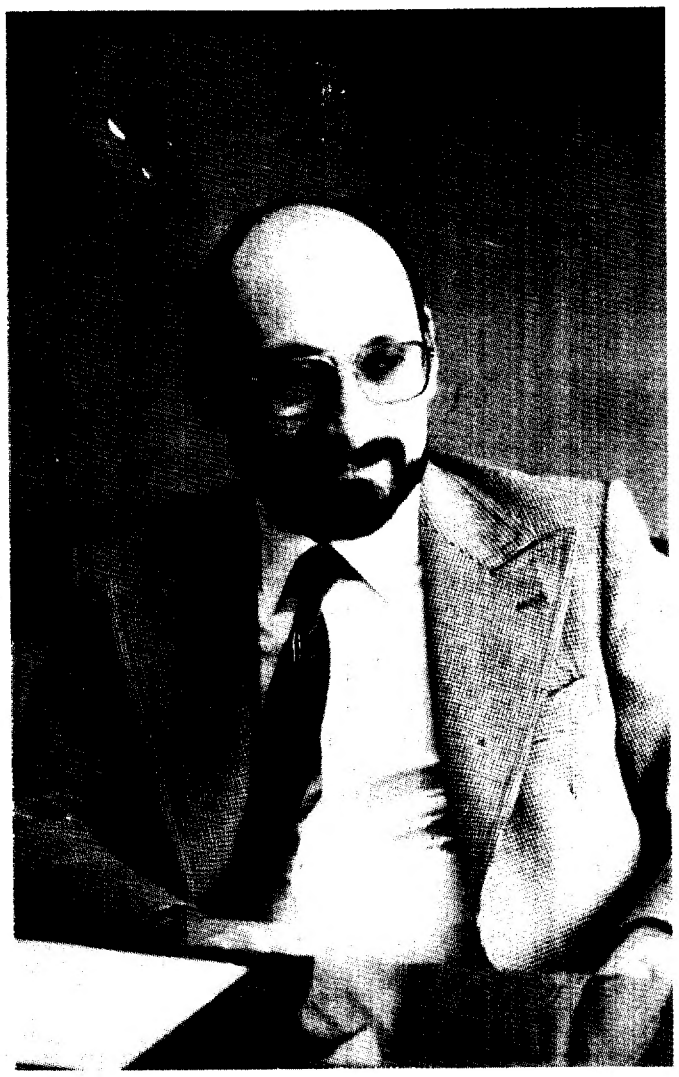
E repare que cito, intencionalmente, quatro áreas estratégicas com as quais estamos basicamente de acordo. Na verdade, como empresário e na representação institucional que me compete, tanto eu como os meus companheiros longamente reclamamos a criação de um determinado órgão de consenso, debate e concertação; defendemos, obviamente, a elaboração de um programa de regeneração económica e financeira; somos adeptos da adesão à CEE; e adeptos da privatização da banca e da economia.

Verificamos porém que estas medidas, em si mesmas adequadas e necessárias, são mal concretizadas, incompletas, defeituosas: mas sobretudo, foram tomadas sem a participação dos agentes económicos e, em certa medida, através de formas pouco democráticas.

A classe política com honrosas excepções, representa hoje um quadro de interesses, empregos e carreiras, com um dos pés no profissionalismo dos Partidos e da Administração Pública e o outro pé nas EP's que são o respectivo «braço económico».

Ora este quadro, num país mutável e deslizante como o escudo, é o único que não muda! A ser asssim, não creio que se possa esperar muito do ano de 85, apesar das três grandes incógnitas que ele guarda, a saber – a adesão à CEE, eleição do PR, eleições autárquicas.

A adesão à CEE não pode ser



secundarizada ou subordinada a interesses partidários. Tenho alertado, com a representatividade institucional que me confere o cargo – tenho alertado para a urgência de se preparar o País. É essa uma acção e uma programação em que nós, empresários, não podemos arrancar sozinhos. Se pudéssemos, há muito que o tínhamos feito. Ora, não há quaisquer indicadores da definição da matriz estrutural da economia no quadro da CEE. Essa matriz, esse modelo, tem de ser definido no mínimo com o Governo na posição de parceiro necessário. Isto, porque não me agradaria que fosse o Governo a defini-lo isoladamente.

Ora, verifico que o Governo nem como parceiro o fez. E isto é bem mais grave do que a fixação da data da adesão. Porque considero a adesão inevitável, com este ou outro Governo: mas as mudanças estruturais demoram anos.

As eleições, refiro-as aqui sobretudo como indicador do Estado político do País: não cabe à AIP pronunciar-se, a não ser perante situações que não se enquadrem no quadro democrático e constitucional.

De qualquer maneira, o ano político será árduo e difícil, o que me faz pensar nos reflexos desse jogo no desempenho económico. Porque a verdade é que a economia continua muito débil, e muito sensível aos efeitos da política no sentido estrito – que, em Portugal, é muito estrito, e quantas vezes mesquinho...

No plano económico propriamente dito, não creio que seja possível, em 85, rectificar o quadro negativo, a menos que algumas terapêuticas sejam finalmente aplicadas e produzam efeito.

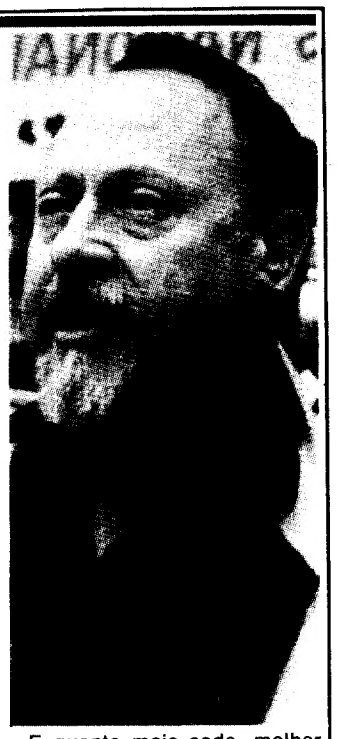
Espera-se um desbloqueamento da área financeira e de crédito a partir da efectivação, em termos reais e não no papel, de um sistema de mercado e adequada concorrência. E todos estão de acordo em que o sector empresarial do Estado bateu no fundo. Será que, em 85, começaremos ao menos a ver o início da recuperação? O saneamento de todo o arcaico e obscuro circuito da economia alimentar, que tanto pesa no conjunto da sociedade? A rectificação do sistema fiscal? O relançamento de uma política de habitação? A concretização de uma política tecnológica?

Isto prende-se, como é óbvio, com o estado social do País.

A sociedade portuguesa enfrenta situações muito difíceis: falta de trabalho, de emprego, de casa própria, de dinheiro, de horizonte, e de confiança. Paradoxalmente, passa-se isto num país que tem o sistema mais rígido de estabilidade empregatícia: e no entanto, quando comparados com a Europa, temos problemas gravíssimos de desemprego e de instabilidade laboral e ainda com uma agravante: é que, em Portugal, o desempregado-tipo só não passa fome se arranja «colocação» na pujante economia paralela ou «crédito» nos «banqueiros do povo» que por aí pululam. Ao passo que na CEE o desempregado não perde os seus padrões de consumo e dignidade.

Aqui, dando de barato que os fundos da Previdência ainda aguentam, cremos que a articulação entre o seguro-desemprego, já criado no papel e a adaptação das leis laborais, segundo um quadro de tipo europeu, será a única forma de vencer o impasse. Tal como estamos, corremos o risco do problema se colocar de outro modo: isto é, o que está em causa é o risco de liquidar, de uma vez por todas, com grande parte da estrutura empresarial e com os milhões de empregos que ainda sustenta.

Estamos no entanto certos de que isso não ocorrerá nunca, pois os empresários lúcidos, contra ventos e marés, saberão garantir a sobrevivência das empresas, tal como os trabalhadores lúcidos saberão garantir a viabilização dos postos de trabalho.



inequivocamente os seus propósitos.

A chamada Lei de Segurança Interna visa permitir a utilização de métodos repressivos com que se pretende sufocar os protestos populares que se levantam contra a política de ruína imposta ao País. Nesse mesmo sentido se orienta o pacote de revisão das leis laborais, cuja filosofia, no essencial, assenta na eliminação e redução drástica de direitos dos trabalhadores e em garantir ao patronato o poder discricionário e absoluto nas empresas.

O Governo, com a legislação que tem vindo a engendrar, manifesta o desespero em que está mergulhado e o seu pendor contra os trabalhadores.

O Governo sente-se perdido, mas agrava ainda mais as já intoleráveis condições a que forçou o povo português. É evidente que está condenado. Não há Governo que consiga aguentar-se, em Democracia, governando contra os trabalhadores. Está condenado à derrota.

A luta de massas desenvolver-e-á nos locais de trabalho, nas empresas, nos sectores e nas regiões, em torno da resolução dos problemas concretos dos trabalhadores. Encherá, de novo, as ruas, as vilas e as cidades e porá termo a esta política e a este Governo.

E quanto mais cedo, melhor para o nosso país.

Ao longo de 14 anos a existência da CGTP tem demonstrado possuir capacidade e força para se opor aos governos que persistem em destruir as esperanças de se viver melhor.

No momento em que se comemora o seu 14.° aniversário, a CGTP-IN lutará pela concretização de uma nova política e um novo Governo que corresponda à resolução dos problemas dos trabalhadores e do País.

Esta «prenda de anos» está nas mãos dos trabalhadores.

Mais uma vez provar-se-á que os governos passam... os trabalhadores constroem o País.

Jorge Lacão (PS)

Continuar o esforço de concertação social

Perspectivar o desenvolvimento da situação política, social e económica do País ao longo de 1985 não é tarefa fácil. Sobretudo para quem pretenda fugir a meras especulações ou à simples transferência do desejo como se este, por si, constituísse uma necessidade histórica.

A missão dos agentes políticos não deverá ser confundível com a dos profetas. Menos ainda com a dos visionários. Um político, à altura das responsabilidades que tal estatuto supõe, deve estar sempre preparado para aceitar a fabilidade dos seus projectos ou a impossibilidade dos seus objectivos. Só desse modo, segundo julgo, terá capacidade para combater por eles — na medida em que se mostrar apto a operar o distanciamento suficiente entre o ideal e o interesse em face das condições concretas da realidade em que se move. Cujas variáveis escapam frequentemente à previsão, tantas vezes porque a ocorrência imprevista e dramática dos factos vem alterar profundamente as condições iniciais.

Estas considerações, se algum valor têm, é justamente na esfera da acção política que mais patentes se tornam. A autonomia do político perante o social e o económico é uma constante da história. Saibamo-lo bem para evitar determinismos e manter sempre vivo o sentido darelatividade das coisas. E das ideias. A começar pelas que seguem.

Ora — importa perguntar — será possível, no emaranhado das opiniões políticas em que nos temos movido, descortinar uma linha de coerência?

A esta pergunta penso possível responder positivamente se, ao contrário de certos observadores atentos ao pormenor das coisas, quisermos olhá-las pelo essencial. E o essencial, na política portuguesa, no ano de 1984, foi a estabilidade e a demonstração de que só em clima de estabilidade o País pode ser governado com seguro sentido de orientação.

O que vai passar-se em 1985? Diria, sem querer antecipar o futuro, que o pior que poderia passar-se era perdermos a linha de coerência de 1984, ou seja, quebrarmos as condições políticas da estabilidade. A dicotomia será, portanto, entre a estabilidade e a rotura. Quem, no cenário político, promover a rotura estará, por certo, operando no sentido do passado — maior agravamento da crise económica, maior paralisia no desenvolvimento social, maior enquistamento dos factores de progresso.

Eis aqui uma leitura possível para o nosso futuro político: a desintegração das variáveis virá provocar a perturbação social e a anomia económica; a sua integração dar-nos-á mais força para recuperar os atrasos.

Quem vai determinar a integração ou desintegração das variáveis políticas? Naturalmente, em grau maior ou menor, todos os agentes políticos.

Se o Presidente da República tiver o bom senso de acabar em tranquilidade o seu mandato. Se o PS e o PSD forem capazes de manter a Coligação. Se o futuro Presidente da República se inserir sem ambiguidades, no espírito de um sistema semipresidencial que carece, para defesa da democracia, de consolidar a sua componente parlamentar. Se assim não for, 1985 poderá perfilar-se no horizonte como uma **caixa de pandora** — alguém teria coragem para abri-la?

Em matéria económica é, naturalmente, fácil prever que 1985 continuará a ser para os portugueses um ano de dificuldades. Na verdade, é mais fácil modificar os cenários políticos que as estruturas ecvonómicas. A palavra de ordem, contudo, ou é de mudança ou o trauma psicossocial da crise acabará para nos arastar para um decadentismo de más consequências. É neste ponto que a adesão à CEE vale, para Portugal, mais do que a curto prazo possa pensar-se. Definitivamente fechado o ciclo colonial com ele se enterram os mitos fantásticos do V Império. Agora resta-nos apenas escolher entre a possibilidade única de sermos

admitidos como iguais na cena europeia ou deixarmo-nos mergulhar numa neocolonização económica por qualquer potência que nos dispute — com as inevitáveis consequências políticas e sociais que daí adviriam.

A chave do problema a resolver em 1985 poderá ser a seguinte: o desenvolvimento económico só se fará com estabilidade política e social. Duvidosamente esta se manteria sem aquela mas a primeira não é condição suficiente da segunda.

Numa sociedade aberta e democrática muita coisa depende de instâncias diversas da instância política — por onde, **et pour**

Continua na pág. 18

trabalho

Reformados exigem actualização das pensões

Reformados, pensionistas e idosos reunidos no sábado em Lisboa para assinalar o «Dia do Reformado» exigiram do Governo uma actualização das pensões.

Nos termos de uma moção aprovada por aclamação, as pensões do regime geral devem passar para 10.750 escudos e as dos rurais, para 9350 escudos.

Os pensionistas reunidos no centro de dia da Associação de Reformados de Lisboa ainda que a pensão social passe para 7.400 escudos e o suplemento de grande inválido para 6.450 escudos.

A moção aponta para a necessidade de um Serviço Nacional de Saúde para que os reformados não morram por falta de cuidados médicos e rejeita o projectado aumento das rendas de casa, que classifica de «catástrofe nacional».

A moção reclama que seja encarada pelo Governo a ocupação dos tempos livres dos reformados, com entradas gratuitas em teatros e cinemas em matinés especiais e rejeita a criação da chamada polícia de «segurança interna» – porque – sublinha o documento – «temos larga experiência dos ditadores Salazar e Caetano com a sua feroz PIDE».

Durante a cerimónia falaram o presidente da direcção da Associação de Reformados de Lisboa, Manuel Furtado, o deputado do PCP Francisco Miguel e João Silva do MDP/CDE, os quais teceram críticas à política do Governo.

Manuel Furtado referiu que «Mário Soares só fala bem no estrangeiro, passa mais tempo lá fora que em Portugal e que a grande desculpa para as viagens é a CEE».

Salientou que a Associação de Reformados «apoia os trabalhadores no activo unidos à CGTP-IN na luta pela queda do governo», apela para «a unidade política do povo português» e, acredita que «a criação do novo partido virá preencher o vazio político do País».

A comemoração do dia do reformado iniciou-se com um almoço-convívio e com um espectáculo de variedades que englobou fados, teatro, e baile.

Emigração

CCPF contra o desmantelamento dos Serviços de Apoio

O Conselho da Comunidade Portuguesa em França (CCPF), em comunicado emitido em Paris, denuncia «as tentativas de desmantelamento dos Serviços de Programação e Apoio à Comunidade (SPAC)», considerando como propósito desta acção, entre outros, «o afastamento de alguns funcionários, entre os quais membros da direcção do STCDE (Sindicato dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas na Europa)».

O CCPF considera que esta decisão representa acima de tudo um «ataque à emigração e às suas estruturas reprsentativas, cortando-lhe apoios preciosos, e visa colocar «homens de mão» com o aval dos partidos no Governo nos postos-chave, que terão para missão o controlo político e a manutenção da comunidade emigrante numa situação de dependência, tal como nos tempos do regime fascista».

O CCPT estranha ainda que, «enquanto órgão criado pelo Governo português, não tenha sido sequer consultado no que concerne às medidas relativas à pretensa reestruturação do SPAC, uma vez que tal decisão diz respeito à comunidade portuguesa». No seu comunicado, o CCPF congratula-se com a criação da Comissão de Apoio e Defesa dos Interesses da Emigração, comprometendo-se a desencadear as acções conducentes à reposição da legaliade no SPAC.

«Finalmente, o CCPF manifesta a sua disponibilidade para integrar uma comissão de trabalho destinada à reestruturação dos actuais serviços» e a utilizar todos os meios ao seu alcance, «para alertar a comunidade portuguesa quanto à gravidade da situação presente».

Seminário nacional sobre política fiscal

Promovido pela CGTP-In, vai realizar-se nos próximos dias 27 e 28, na Faculdade de Direito de Lisboa, um seminário nacional sobre política fiscal, subordinado ao lema «Pela baixa dos impostos, pela recuperação do poder de compra», que terá a participação de sindicalistas e técnicos em matéria fiscal.

Segundo uma nota da central sindical, é «a primeira vez que, no nosso País, se reunem tantas personalidades e especialistas na matéria, estando já confirmadas a apresentação de, entre outros trabalhos, os do professor dr. Teixeira Ribeiro, dr. Medina Carreira, dr. Augusto Mateus, dr. Mário Murteira, dra. Aurora Murteira, dr. Macaísta Malheiros e dr. Avelãs Nunes».

Entretanto várias estruturas sindicais da CGTP-In estão a preparar estudos sectoriais sobre a carga fiscal que serão debatidos no seminário.

Entre os temas em discussão, serão particularmente abordadas as consequências da evolução da carga fiscal e parafiscal sobre o nível de vida dos trabalhadores desde 1975, considerando os vários níveis salariais e ramos de actividade, bem como as experiências e linhas de orientação na área da contratação colectiva.

Cimeira decorre hoje

PS e PSD reapreciam acordo de Governo

PS e PSD estão hoje a «reapreciar» o acordo de Governo que assinaram em 4 de Junho de 1983.

«Apreciar a actividade do Governo», «estudar medidas a implementar» e «abordar a temática das eleições presidenciais» são temas considerados «obrigatórios» na cimeira, embora fontes socialistas e sociais-democratas admitam a possibilidade de serem abordadas outras questões, como, por exemplo, a revisão da lei eleitoral e ainda as eleições autárquicas de 1985.

Esta cimeira é a quarta que se realiza este ano, «oficialmente», uma vez que em Maio foram efectuados diversos encontros entre os mais altos dirigentes dos dois partidos, para debater a remodelação governamental, a qual acabou por não se efectuar.

A convocação da reunião foi da iniciativa do PSD que, no Conselho Nacional de 22 e 23 de Setembro, no Porto, decidiu «reafirmar a sua confiança na Comissão Política Nacional para conversações a nível de cimeira com o PS, visando uma apreciação rigorosa e concreta do acordo que serviu de base à actual coligação governamental».

O Conselho Nacional do PSD decidiu ainda que, na cimeira, «deverá ser feita uma apreciação e abordagem da temática das eleições presidenciais de 1985, nas quais o PSD não deve surgir em posição de subalternização».

Em 26 de Setembro, Mário Soares e Mota Pinto, depois de uma reunião de várias horas, a sós, decidiram convocar a cimeira para o dia 8 de Outubro.

Nessa reunião, os líderes dos partidos que compõem a coligação governamental discutiram «assuntos correntes da administração pública», tendo uma fonte do gabinete do vice-primeiro-ministro afirmado na altura que «houve acordo total entre os dois» e que «a coligação não corre perigo».

Segundo fontes dos dois partidos, a discussão sobre as presidenciais pode vir a ser «o ponto quente» desta cimeira, uma vez que os socialistas não desejam discutir o assunto nesta altura.

Fontes socialistas afirmaram à NP que o PS não considera ser a altura propícia para discutir com o PSD as eleições presidenciais de 1985, pelo que este tema apenas poderá ser abordado de forma genérica.

O acordo de Governo assinado entre o PS e o PSD afirma textualmente que «as presidenciais não porão em causa o presente acordo, que em qualquer caso se manterá».

«Os dois partidos acordam em diligenciar em momento oportuno no sentido da definição da estratégia comum, que dê satisfação às legítimas aspirações dos dois partidos, sem prejuízo da afirmação da faculdade de apresentação de candidatos próprios» – diz ainda o acordo.

As três cimeiras «oficiais» anteriores, realizadas este ano, abordaram sempre um tema comum: remodelação governamental.

A primeira cimeira de 1984 realizou-se em 12 de Janeiro, e concluiu «não se justificar uma remodelação governamental, mas apenas alterações em casos pontuais».

A «questão quente» desta reunião foi o projecto de despenalização do aborto, que o PS decidira apresentar na Assembleia da República em 25 de Janeiro.

Sobre este assunto, o porta-voz do PSD, Fernando Condesso, afirmou no final da reunião que «os deputados do PSD votarão contra qualquer projecto nesse sentido (despenalização do aborto)».

A segunda cimeira realizou-se em 9 de Fevereiro e decidiu pelo «empenhamento dos dois partidos na defesa da coligação e pelo entendimento a nível parlamentar».

O comunicado da reunião refere a necessidade de «proceder às reformas estruturais indispensáveis ao saneamento financeiro do sector empresarial do Estado, à modernização das estruturas agícolas, dinamização do mercado de capitais, à reforma do sistema fiscal e à revisão da legislação laboral adaptando-a às necessidades de uma economia aberta, capaz de enfrentar o desafio europeu».

A cimeira de Fevereiro foi apontada por ambos os partidos como marcando uma «nova fase da acção governativa».

A cimeira de 15 de Maio foi «antecipada» pelo PSD, através de um comunicado divulgado na véspera, pelo qual os sociais-democratas afirmavam «vir há algum tempo a chamar a atenção do Partido Socialista para a necessidade de uma remodelação de Governo».

O comunicado afirmava ainda a necessidade de «promover um novo «élan» governativo» e convocava a reunião para «a manhã de terça-feira, dia 15».

A cimeira, segundo Mário Soares afirmou na altura, destinava-se a «discutir políticas, e só no final se falaria de pessoas».

Mota Pinto, na mesma altura, afirmou que o encontro «não era histórico», admitindo, na hipótese de remodelação governamental, «ser possível que nesta ou naquela área se enverede por novos caminhos».

«Na devida altura, o País será informado com toda a transparência do que resultar deste encontro» – afirmou ainda Mário Soares, esclarecendo que no final da reunião não seriam feitas declarações.

Em 30 de Maio, Mota Pinto anunciou aos jornalistas que não seria feita qualquer remodelação governamental e que iria propor isso mesmo ao Primeiro-Ministro.

Em 31 de Maio, Mário Soares anunciou ao País, através da Televisão, que o momento não era propício a uma remodelação governamental.

A remodelação governamental não consta da agenda da cimeira de hoje, embora fontes sociais-democratas admitam que o assunto «seja ventilado» e afirmem ser certa uma decisão quanto ao Ministério da Agricultura.

Demissão de Mário Soares defendida por Lucas Pires

O presidente do CDS, Lucas Pires, defendeu sábado a demissão do Primeiro-Ministro Mário Soares, devido ao que considerou o fracasso das negociações de adesão de Portugal à CEE, em 1 de Janeiro de 1986.

Para o líder do CDS, que falava ao programa «Cartas na Mesa» da Rádio Renascença, o «único objectivo que parecia manter a coligação, após todos os outros terem fracassado, era a integração europeia em Janeiro de 86 e a celebração de um acordo agora em Outubro. Mas isso acaba também de falhar», acrescenta Lucas Pires.

Segundo ele, «o Primeiro-Ministro tem de assumir este fracasso e demitir-se». Lucas Pires salientou ainda que o CDS «nunca falou em eleições para não ser acusado de estar a desestabilizar a situação», adiantando que porventura «poderiam encontrar-se outras soluções».

Falando sobre o seu partido, Lucas Pires definiu como principal objectivo estratégico do CDS a união da oposição democrática. «A nossa ideia – precisou – é que o CDS deve ser o veículo à volta do qual toda essa oposição se aglomere».

Na perspectiva de eleições gerais em 1986, Lucas Pires afirmou que o «CDS pode aspirar a obter 25 por cento dos votos e a conseguir assim uma maioria relativa, se se mantiverem as perspectivas de crescimento» que o partido tem actualmente.

Sobre a sua eventual candidatura às eleições presidenciais do próximo ano, o presidente do CDS afirmou que pelo facto de não falar nisso, «isso mesmo não significa que seja uma aceitação ou uma recusa».

Em Évora

Trabalhadores agrícolas fazem vigília

Sindicalistas e membros das UCP's/Cooperativas Agrícolas do Distrito de Évora vão realizar no próximo dia 26, entre as 16 e as 24 horas, na Praça do Giraldo, em Évora, uma vigília que visa sensibilizar a população para a necessidade de ser intensificada a luta pela resolução dos problemas concretos dos trabalhadores.

A decisão foi tomada durante um plenário promovido pela União dos Sindicatos de Évora em que foi debatida a situação social naquele distrito. Os participantes foram unânimes em reconhecer a necessidade de reclamarem do Governo, com urgência, medidas eficazes que ponham termo ao desemprego, aos salários em atraso, à ofensiva contra o sector público e nacionalizado e ao aumento do custo de vida. Decidiram igualmente evitar a aplicação do **pacote antiautárquico,** a aprovação da revisão da legislação laboral e a chamada «Lei de Segurança Interna».

Quanto às dificuldades que se vivem no distrito, os dirigentes sindicais e das UCP's/Cooperativas constataram a existência de milhares de desempregados, de milhares de jovens à procura do primeiro emprego e de trabalhadores com salários em atraso, cujo montante ascende a mais de 40 mil contos.

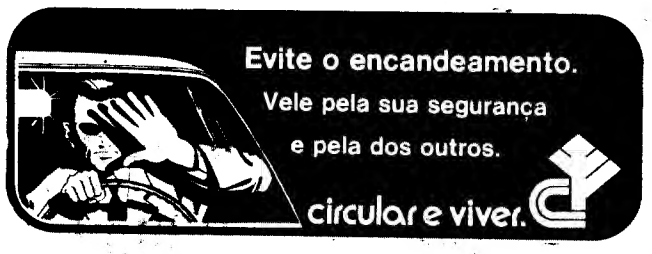
Salários em atraso na Sintex

Os trabalhadores da indústria de plásticos Sintex estiveram paralisados durante toda a semana passada, em luta pelo pagamento de salários.

O Sindicato dos Químicos do Norte afirma que a administração, além de não pagar os retroactivos de 1983 e 1984, de não ter pago o 13.º mês de 1983 e de dever ainda 70 por cento do subsídio de férias deste ano, também não paga os salários aos cerca de 140 trabalhadores da empresa.

A nota sindical acrescenta que a administração persiste na sua atitude ilegal e desumana de não pagar salários sem que, por parte do Ministério do Trabalho e do Governo, haja qualquer acção tendente a repor a legalidade.

Os trabalhadores da Sintex já se manifestaram em frente à Secretaria de Estado do Emprego, exigindo que a situação seja resolvida.



Entrada para a CEE não está posta em causa

— *garante Soares*

O Primeiro-Ministro Mário Soares reafirmou ontem que apesar dos atrasos verificados nas negociações, Portugal entrará para a CEE. Soares, que falava à chegada a Lisboa de uma visita ao Brasil, referiu que «quando as negociações para a adesão se aceleram comenta-se que os governantes não acautelam os interesses nacionais e quando se atrasam criticam-se também». «É-se preso por ter cão e preso por não se ter», comentou o Primeiro-Ministro.

Soares esteve no Brasil a presidir a uma reunião da Internacional Socialista, tendo aí mantido contactos com o presidente brasileiro João Figueiredo e outros políticos. Segundo o Primeiro-Ministro português, os dois países vivem um momento que exige «o incremento das relações económicas e culturais» na prespectiva do relacionamento com os países africanos de expressão portuguesa e da entrada de Portugal para a CEE.

«A nossa adesão à CEE torna-se de alguma forma a porta de entrada do Brasil na Europa», adiantou Soares que, por outro lado, considerou «não ser ainda oportuno» pronunciar-se sobre a sua possível candidatura às eleições presidenciais.

Enquanto os eleitos (se) debatem

Eduardo Pereira atribui milagres às autarquias

O ministro da Administração Interna declarou em Vila Nova de Famalicão, que «a gestão autárquica foi o único milagre que se deu em Portugal após o 25 de Abril».

«A autonomia autárquica é, sem dúvida, uma grande vitória, após a consolidação da democracia no nosso país» – acrescentou. Eduardo Pereira falava na sessão solene de encerramento do Segundo Encontro Municipal de Vila Nova de Famalicão.

Após salientar que o Ministério da Administração Interna (MAI), quando tomou posse fez «duas grandes promessas». Eduardo Pereira frisou que «a regulamentação da legislação autárquica estará concluída durante 1985 e o caminho da regionalização estará completo entre 1986 e 87».

O ministro considerou que a autarquia «é hoje uma unidade complexa, mas nunca alguma vez será uma empresa».

«A autarquia é, sim, uma unidade administrativa que tem de se reger por regras empresariais» – observou.

Sublinhou que quando o poder autárquico encetou o caminho da independência em relação ao Poder Central, «faltava tudo», estradas, electrificação, redes de água e até mesmo algumas estruturas.

«Faltam ainda muitas destas coisas, mas não tanto que não se possa dar um segundo salto no sentido de levar os municípios a reflectirem sobre tudo o que já foi feito, e de uma vez por todas que 1984 seja o ano de mudança e do apagar da mentalidade dos portugueses de que o trabalho das autarquias é só transportar tijolos» – disse.

Conclusões

A importância da regionalização como caminho indispensável para o desenvolvimento do País foi a principal conclusão dos 200 autarcas que durante dois dias estiveram reunidos em Famalicão.

As relações das autarquias com os vários departamentos governamentais foram consideradas pelos participantes no encontro como «não exemplares, dificultando assim o planeamento global em termos de ordenamento e das acções a desenvolver».

Segundo os autarcas presentes, a situação financeira degradada de muitos municípios tem de ser ultrapassada, «evitando-se que ela seja travão para o desenvolvimento das actividades».

Os munícipes consideraram ainda que «a informação desempenha um papel fundamental no diálogo entre as culturas de regiões e povos diferentes e a informação regional não pode ser controlada pelos poderes centrais».

A este propósito, foi advogado que «as rádios locais, pela sua importância em termos de informação regional devem ser legalizadas e incentivadas, mas não controladas pelos poderes locais e centrais».

Os participantes do Segundo Encontro Municipal de Famalicão concluíram ainda que «o Rio Ave tem de ser despoluído a curto prazo envolvendo as autarquias e outras entidades, designadamente a Secretaria de Estado do Ambiente.

Compartes opõem-se a recuos nos baldios

Cerca de 1200 compartes e 145 conselhos de baldios do Norte e Centro de Portugal proclamaram em Viseu a disposição de se oporem à alteração da lei vigente que regula a sua autonomia.

«Não recuaremos nem um passo na defesa dos baldios» por mais que deles se pretenda lançar mão – lê-se numa proclamação final do encontro.

O documento afirma que liquidar as assembleias de compartes «seria acabar com a possibilidade de o povo de cada lugar onde existe o respectivo baldio decidir sobre a forma como quer administrar o que é seu».

«Os baldios são dos povos» foi «slogan» muito repetido na conferência que se propôs derrotar «os projectos de roubo», como foi classificada a intenção de revogação da lei vigente.

«Mais fácil é agora defender a actual Lei dos Baldios em vigor que depois combater o roubo do que é nosso» – diz a proclamação aos povos, compartes e conselhos de baldios do Norte e Centro do País.

No encontro foi aprovada uma moção condenando o roubo do busto de Aquilino Ribeiro, em Soutosa, e de regozijo pelo seu reaparecimento.

O busto do escritor encontrava-se exposto na Escola Secundária Alves Martins, onde decorreram os trabalhos da conferência convocada pela Federação Nacional da Agricultura e por vários Secretariados e Comissões Directivas de Baldios.

Trocaram-lhes as voltas

Autarcas de Barroselas demitem-se por escola

A Assembleia de Freguesia de Barroselas demitiu-se em bloco, em reunião realizada naquela localidade.

Na origem da decisão, que tem como consequência a queda da Junta que tinha maioria absoluta da Aliança Democrática, está o facto de não ter sido construída, naquela localidade, uma escola secundária, prometida pela Câmara Municipal de Viana do Castelo e pelo Governo Civil do distrito, desde 1980.

A escola que estava prometida para Barroselas vai ser edificada na freguesia de Santa Marta de Portuzelo.

A Assembleia de Freguesia de Barroselas era constituída por 12 autarcas da Aliança Democrática, seis do Partido Socialista e 2 da Aliança Povo Unido.

Solidária com a decisão tomada pela Assembleia de Freguesia, a Junta deliberou igualmente apresentar o seu pedido de demissão.

Barroselas é a maior freguesia rural do concelho de Viana do Castelo, e conta com cerca de 4 mil eleitores.

AD demitiu-se e "perdeu"

Socialistas vencem eleições em Vila Fria

O Partido Socialista venceu ontem as eleições para a Junta de Freguesia de Vila Fria, concelho de Viana do Castelo.

Os socialistas registaram 500 votos e a Aliança Povo Unido 166.

A anterior Junta de Freguesia era composta por 9 autarcas da AD (473 votos), 2 da APU (156) e um autarca eleito pela lista do Partido Socialista (95).

O ex-presidente da Junta de Freguesia de Vila Fria, Manuel Vitorino (AD) apoiou nestas eleições a lista do Partido Socialista, que tem como novo presidente Manuel Dias Gonçalves Pires.

Estavam inscritos 1050 eleitores, tendo votado 685 eleitores registando-se 10 votos brancos e 9 nulos.

Diz a nossa Conferência Episcopal

Renovar com urgência a fé é prioridade absoluta

O que fazer para renovar a Igreja portuguesa segundo o Concílio Vaticano II? Esta tarde, os católicos portugueses terão algumas indicações sobre o caminho a trilhar no futuro, depois da divulgação de uma Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa, desde há dias anunciada e que se intitula «Sobre a Renovação da Igreja em Portugal na Fidelidade às Orientações do Concílio e às Exigências do Nosso Tempo».

É longo o título. De acordo, aliás, com as contribuições que ao longo de ano e meio foram feitas para a elaboração final do documento, de cerca de quatro dezenas de páginas. Nas paróquias, nos movimentos, nos grupos de jovens, nos seminários e em reuniões de padres, juntaram-se «equipas» para dar respostas colectivas. Era o termo de uma alargada «consulta» aos católicos portugueses, em parte ditada pelos contactos havidos nos últimos tempos entre o Papa e o episcopado e os católicos portugueses.

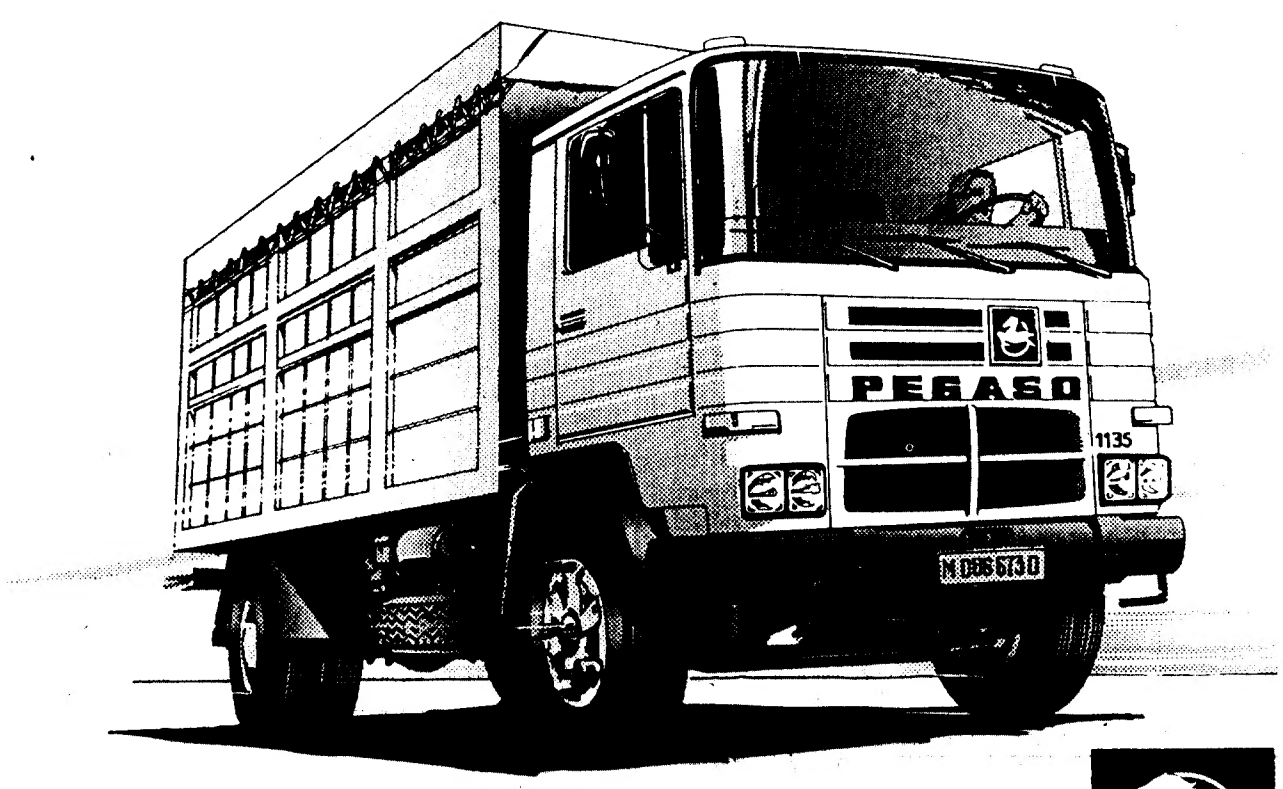
Os bispos de Coimbra e de Beja «pesaram» os resultdos da «sondagem» a nível nacional, apoiados pelo coadjutor de Aveiro, depois das consultas. Dessa reflexão sem um exaustivo estudo. Mas é ao arcebispo de Aveiro, D. Maurílio Soares, e ao secretário-geral da Conferência Episcopal, D. Serafim Ferreira da Silva, que esta tarde apresentará a Carta Pastoral que no essencial propõe a renovação da fé como prioridade absoluta, segundo julga saber o «DL».

Despertar a fé nos não crentes, fortalecer a fé nos crentes e nas comunidades de fiéis, de modo a congregar o clero e demais agentes da pastoral num esforço comum de grande projecção é a principal motivação que esteve na origem da Carta Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa.

MAIS QUILÓMETROS MENOS PROBLEMAS

20 000 Camiões **PEGASO**, vendidos por ano no mundo inteiro, são o testemunho indesmentível de todos os que têm de enfrentar, diariamente, condições de trabalho extremamente difíceis e que apenas podem ser vencidas pelos melhores.
A tecnologia espanhola, neste sector industrial, alcançou um nível de competitividade perfeitamente equiparável às grandes empresas mundiais.
Os camiões **PEGASO** estão a provar, todos os dias, que a qualidade e tecnologia desenvolvidas por mais de 600 especialistas da ENASA são competitivas em mais de 45 países de 5 Continentes.
PEGASO oferece-lhe toda uma vasta gama de camiões, de 14 a 38 toneladas, e motores de 38 a 310 cv.

PEGASO



sonarte

Os compradores de qualquer veículo novo PEGASO, no período de 1 de Junho a 31 de Dezembro de 1984, ficam habilitados ao sorteio dum magnífico automóvel TOYOTA STARLET 1300, a realizar em 16 de Janeiro de 1985.

PEGASO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: Salvador Caetano, I.M.V.T. — S.A.R.L.

de ontem para hoje

Bombeiro vitimado em Torres Vedras

UM elemento dos Bombeiros Voluntários de Torres Vedras morreu, na madrugada de ontem, quando combatia um incêndio numa serração localizada no lugar do Sobreiro Curvo, na freguesia de A dos Cunhados. Luciano Adriano Dias Martinho, de 32 anos, casado, com dois filhos menores, foi apanhado pela derrocada de uma das paredes do edifício. Segundo um porta-voz dos Bombeiros de Torres Verdras, o fogo deverá ter tido origem criminosa. No sinistro ficou ainda ferido, embora sem gravidade, um outro soldado da corporação, José António Faria.

«Choques» regressam do Algarve

Os oitenta elementos do Corpo de Intervenção da PSP, que durante dois meses estiveram a prestar serviço no Algarve, regressaram este fim-de-semana a Lisboa. A acção dos homens do tenente-coronel Manuel Monge esteve sobretudo voltada para o patrulhamento a Portimão e Lagos tendo ficado aquartelados na Fábrica Sogal, nesta última cidade.

Tabaco de contrabando no Sabugal

Uma carrinha de marca japonesa, e com a matrícula HU-48-28, foi apreendida pela GNR em Soito, Sabugal, por transportar 25 mil maços de tabaco de contrabando de tipo norte-americano. Os ocupantes da carrinha conseguiram escapar às autoridades.

Jornalistas caíram ao Tejo

Um automóvel Datsun caíu na noite de sábado ao Tejo, junto à gare marítima de Alcântara (Cais do Pinho), mas os seus três ocupantes (jornalistas desportivos) conseguiram salvar-se pelos seus próprios meios. O carro, em que seguiam José Manuel Esteves Cruz e Óscar Saraiva, da «Gazeta dos Desportos», e João Carlos Lourenço, vinha de Belém e em vez de descrever a curva avançou em frente, acabando por voar para o rio. O acidente (semelhante a outros que já têm ocorrido no mesmo local) foi atribuído à falta de sinalização, de iluminação e de protecção da doca. O Datsun foi retirado da água com o auxílio de cabos de aço puxados por um auto-sapador.

Traficantes de haxixe em Bragança

Três indivíduos foram detidos pela PSP junto da Escola Secundária da Sé, em Bragança, quando tentavam vender oito barras de haxixe, com o peso aproximado de doze gramas cada. São eles José Portelinha, vendedor ambulante, de Vidago, Aníbal Ferreira, trolha, de Chaves, e Angelino Sá, estudante, de Mirandela.

Dois mortos na estrada de Paredes

O embate entre dois automóveis, ocorrido na estrada de Baltar, em Paredes, provocou dois mortos e dois feridos graves. A identidade dos mortos é a seguinte: Hermenegildo Aparício Sousa Barreira de 53 anos, trabalhador da Câmara do Porto, e Joaquim Vieira Moutinho, de 43, ambos residentes em Rio Tinto. Quanto aos feridos são Armindo Jesus Silva, de 41 anos, de Venda Nova, e José Augusto, de 37, funcionário dos CTT.

Roubaram a viola a Manuel Freire

O cantor e compositor Manuel Freire ficou sem a sua viola, depois de ter actuado num espectáculo no Coliseu do Porto, oganizado no passado dia 4, pela Associação 25 de Abril. O instrumento do intérprete de «Pedra Filosofal», no valor de 120 contos, foi roubado, por meio de chave falsa, do seu automóvel que deixara estacionado na Rua Guilherme da Costa Carvalho, naquela cidade. No espectáculo, que marcou o «arranque» da referida Associação no Norte do País, estiveram ainda José Mário Branco, Vitorino e o Grupo Vai de Roda, tendo sido lançada uma serigrafia alusiva ao acontecimento de autoria do artista Jorge Pinheiro. Presentes destacados elementos da Associação 25 de Abril, como Pezarat Correia, Vasco Lourenço, Vítor Crespo e Costa Neves.

Embrulhos com G-3 em Azeitão

Embrulhos contendo peças de espingardas automáticas G-3 foram encontrados na madrugada de sábado, pela GNR, na estrada que liga Maca a Azeitão, no distrito de Setúbal. Horas antes a GNR já tinha detectado embrulhos idênticos na estrada entre Alto dos Moinhos e Sesimbra. Segundo um porta-voz daquela força paramilitar, os embrulhos deverão ter sido lançados de uma viatura.

«Professora originou barafunda na escola»

Um esclarecimento que se impõe, por lapso a que o «DL» é completamente alheio: não foi em Pousaflores (Ansião) que uma «professora originou barafunda na escola», como noticiávamos na nossa edição de dia 3. Os acontecimentos verificaram-se, sim, pelas razões aduzidas, naquele concelho, mas na localidade de Casal Novo (S. João de Brito). Nada de confusões, pois, com as professoras de Pousaflores.

Esperas, toiros, artesãos e petiscos...

Sol dá uma mãozinha à feira de Vila Franca

As esperas de toiros em Vila Franca provocam feridos, como já este ano aconteceu, mas também revelam toureiros...

Com as colheitas feitas, o melão já vendido, a Feira Anual de Vila Franca de Xira que, nesta sua centenária edição se prolonga até ao próximo domingo, trouxe até à nova cidade ribatejana milhares de forasteiros. Nos seus três primeiros dias teve todas as peripécias próprias e marcantes de um certame deste tipo: esperas, toiros, comes-e-bebes variados, diversões para crianças e, sobretudo, sol. Com sol, a Feira de Outubro tem outro tom. E esse não faltou, para já.

Vila Franca ainda não curou as sequelas das cheias de 19 de Novembro do ano passado, mas nem por isso se alheou das virtualidades que a feira anual apresenta. Receosa que a tragédia este ano se repita, a sua população vestiu os seus melhores trajes e acompanhou este investimento da câmara municipal, na ordem dos três mil contos – disse o presidente, Daniel Branco, ao «Diário de Lisboa» –, esquecendo essa ameaça cíclica por alguns dias. Novembro ainda está para vir: é este o sentimento dos vila-franquenses que ouvimos.

Os forasteiros que visitaram o Pavilhão de Exposições da CM, no Campo do Cevadeiro, encheram literalmente o seu cada vez mais exíguo espaço no sábado e ontem. O trânsito era, este fim-de-semana, a amostra viva da adesão popular. Com muitas dificuldades, entre o Cevadeiro e a Escola n.º 1 da Armada, uma distância de pouco mais de três centenas de metros, foi percorrida em mais de meia hora. E se era complicado entrar na nova cidade, não menos desgastante era sair, sobretudo ao fim da tarde.

O IV Salão de Artesanato, uma crescente aposta da câmara municipal, teve uma afluência recorde durante os seus três primeiros dias. É claro que nem todos os visitantes compraram cerâmica do Sardoal, estanhos de Vila Viçosa, mobília tradicional alentejana de Évora, tecelagem de Almalagués, tapeçaria de Miranda do Corvo, rendas de bilros de Vila do Conde. Mas o simples contacto com estas mostras de arte popular, no entender de Daniel Branco e José António Carmo, o vereador da CM responsável pela iniciativa (do Departamento de Cultura e Acção Social), foi já em si um facto importante.

O IV Salão de Artesanato, de resto, tem motivações várias nesta nova cidade cuja identidade cultural está ameaçada pela explosão industrial que a caracteriza. «Terra por onde passam os viajantes e para onde vêm os migrantes (de que varinos e avieiros são exemplos perenes), vê hoje, com meios massivos de comunicação, a sua cultura em perigo de ser definitivamente esquecida», eis, porventura, a razão primordial desta iniciativa. Por isso, entre os cerca de sessenta artesãos presentes, três são do concelho: Maria Sobral (Castanheira do Ribatejo), Joaquina Dedeiras (Alverca) e Joaquim Melo (Vila Franca de Xira).

O prato em que comemos, a jarra onde colocamos as flores, a cadeira onde nos sentamos, têm uma história, a nossa história. Quem somos, onde nascemos, como vivemos? Essa história é-nos avivada pelo artesanato. E foi guiada por estas premissas que a CM vila-franquense deitou, há quatro anos, mãos à arte popular. O salão de artesanato presente nesta feira é o mais rico de todos, atraindo a atenção de especialistas e, ao mesmo tempo, de simples curiosos e interessados. O grande objectivo da feira foi, neste campo, plenamente alcançado, pensa o presidente da edilidade, que assim se confessou ao «DL».

Os outros atractivos fortaleceram-se: num certame em que o terrado é caro, digamos que mesmo dos mais caros do País, a participação de comerciantes e expositores excedeu todas as expectativas. De tal modo que a área da feira foi escassa para tanto movimento. As casas de comidas, sempre iguais em todas as feiras, essas também não tiveram mãos a medir, em parte porque estamos no princípio do mês. No «Quinito», na «Casa Valdez», na «Adega das Palmeiras» e no «Gamboa», este fim-de-semana, esgotaram-se frangos, enguias, bacalhau, carne à portuguesa e mais pratos de uma culinária que se mantém ao longo dos anos.

A última espera de toiros decorrerá amanhã, bem cedo, e terá o aparato próprio da despedida. É, com efeito, na última espera que aqueles que ainda não se afoitaram a saltar as trunqueiras para dar um «capotazo» a um toiro, fazer um cite, imitar a sorte de bandarilhas ou encetar uma pega, o que antes era sina do chamado pé-descalço e dos que procuravam uma oportunidade no mundo dos toiros, o tentarão fazer. De outro modo, dirão adeus, até Julho que vem, por ocasião do Colete Encarnado. Entretanto, na espera de sábado, mais um ferido engrossou o rol dos assistidos no Hospital Distrital de Vila Franca de Xira.

J. R.

Terá sido o "Hortênsia"?

Iate inglês à deriva ao largo de Leixões

O iate britânico «Warri Maid» foi encontrado, no sábado, abandonado ao largo da costa portuguesa a 60 milhas de Leixões pela fragata «Hermenegildo Capelo», da Marinha de Guerra.

O oficial de dia do Comando Naval do Continente disse ter recebido um «rádio» de um navio mercante referindo um iate que andava à deriva ao largo da costa portuguesa.

O Comando Naval do Continente comunicou à fragata «Hermenegildo Capelo», em serviço de busca e salvamento, para se fazer para a zona.

Avistado o iate, elementos da guarnição da fragata «Hermenegildo Capelo» entraram a bordo mas não encontraram vestígios de sobreviventes.

Passado o reboque, a fragata rebocou para Leixões o iate que chegou a fim da tarde de sábado.

O oficial de dia do Comando Naval do Continente disse, ainda, que o iate «Warri Maid», registado em Swansea, Grã-Bretanha, é propriedade de Andrew Huddlston.

Admite-se que o iate tenha sido surpreendido pelo ciclone Hortênsia que no sábado passou ao Norte dos Açores.

Desejava mulher saiu-lhe "travesti"

Um industrial de Famalicão entregou à PSP um «travesti» a quem momentos antes diz ter confundido com uma mulher, convidando-o a entrar para o seu carro, na Avenida da República, no Porto. O industrial afirma ter dado pelo logro já na Rua Faria Guimarães, tendo então exigido ao «travesti» a devolução dos 500 escudos que lhe havia entregue previamente, mas que este lhe apontara uma pistola (que afinal era de gás), exigindo-lhe que o levasse de novo à Praça da República.

O «travesti», que nega a versão do industrial, foi identificado como sendo Alfredo Pinho dos Santos, de 26 anos, casado, «artista de variedades».

Furtos de residências em fim-de-semana prolongado

Os assaltantes de residências não suspendem a actividade em consonância com as outras pessoas que aproveitam férias e fins-de-semana para descanso ou ocupações lúdicas.

Pelo contrário, aproveitam-se precisamente da ausência dos locatários e da maior vulnerabilidade das habitações para aí se introduzirem com menor risco e mais tempo para vasculharem à vontade, os recantes onde eventualmente se guardem os principais valores.

Nestes períodos, como agora aconteceu, os relatórios policiais respeitantes às denúncias acusam desde logo um acentuado índice de assaltos, ilustrativo do fenómeno.

Dos casos referidos destacam-se na área de Lisboa dois assaltos que renderam aos seus autores 800 contos cada: um foi na Rua José Duro, uma residência forçada por meio de arrombamento para subtracção de artigos de ouro e relógios; outro ocorreu numa habitação da Rua Alexandre Vaz Pinto, visando do mesmo modo artigos de ouro mas onde a entrada se efectuou de modo mais suave – por chave falsa.

Louça chinesa avalaiada em 700 contos terá despertado a cobiça de alguém que entrou por arrombamento no «armazém de velharias» situado em Algueirão, arredores de Sintra.

Também uma escola secundária, destas vez a de Alvalade, na Rua Marquês de Soveral, viu as suas instalações devassadas, mais em especial a cantina que ficou sem mil escudos e as duas máquinas de café avaliadas em 47 contos.

Com o regresso a casa dos que gozaram foram o fim-de-semana, o balanço policial vai ser carregado, certamente, a partir de hoje.

Mais 56 pessoas sem lar em Lisboa

Prédio ruiu na Vila Maia, Abecasis promete casas

E agora, para onde irão?

«Nós não queremos sair daqui. Foi aqui que muitos de nós nasceram, que muitos organizaram a sua vida, que todos fizemos projectos. É aqui que queremos morrer. Ninguém se quer mudar, nenhum de nós aceita ir para outro lado».

Jaime Augusto Ferreira tem 57 anos. Nasceu na Vila Maia, a Campo de Ourique, a tal que há dias foi visitada pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Nuno Krus Abecasis. O presidente do Município aparece muitas vezes, sempre que um prédio cai. Nunca antes. Vem, ao que parece, reconfortar os deserdados da sorte, aqueles para os quais uma habitação condigna não passa de sonho. Vem e vai, aparece e desaparece. Mas deixa esperança. Faz promessas.

Na Vila Maia, os inquilinos dos números 5, 7, 8 e 11 da Rua Domingos Sequeira, esperam que as suas promessas se cumpram. E com urgência, porque o frio aproxima-se, o Inverno está à porta e faltam casas em Lisboa. Quantas? São tantos milhares...

Jaime Augusto Ferreira é um dos 32 inquilinos inclementemente «corrido» de sua casa por força dos anos da dita, da incúria do senhorio, da degradação permanente do parque habitacional de Lisboa. Com(o) há mais 31 famílias. No total, são mais de meia centena de pessoas, dos quais duas dezenas são crianças.

Foi há dias que, pela calada da madrugada, vento a roncar e chuva a cair, que teve, como os demais, de retirar os seus haveres, nem todos, à pressa. «A Zézinha – disse ao «DL» –, coitada, uma jovem mãe divorciada, perdeu tudo. É uma pena o que aconteceu à infeliz», comenta.

«Vamos dormindo onde podemos»

De quinta para sexta-feira foi o caos que bateu a quatro portas da Vila Maia, em Campo de Ourique. As pessoas andavam com medo, temiam o pior, receavam que as casas fossem abaixo. Há três semanas tinham avisado os bombeiros e comunicado para a Câmara, precavendo-se contra uma catástrofe. Aconselharam-lhes calma. Subitamente, há quatro dias, o pior aconteceu: num ápice, o vento e a chuva, aliados à insegurança do prédio, reduziram quatro casas a escombros. As paredes centrais mantiveram-se em pé, mas inseguras.

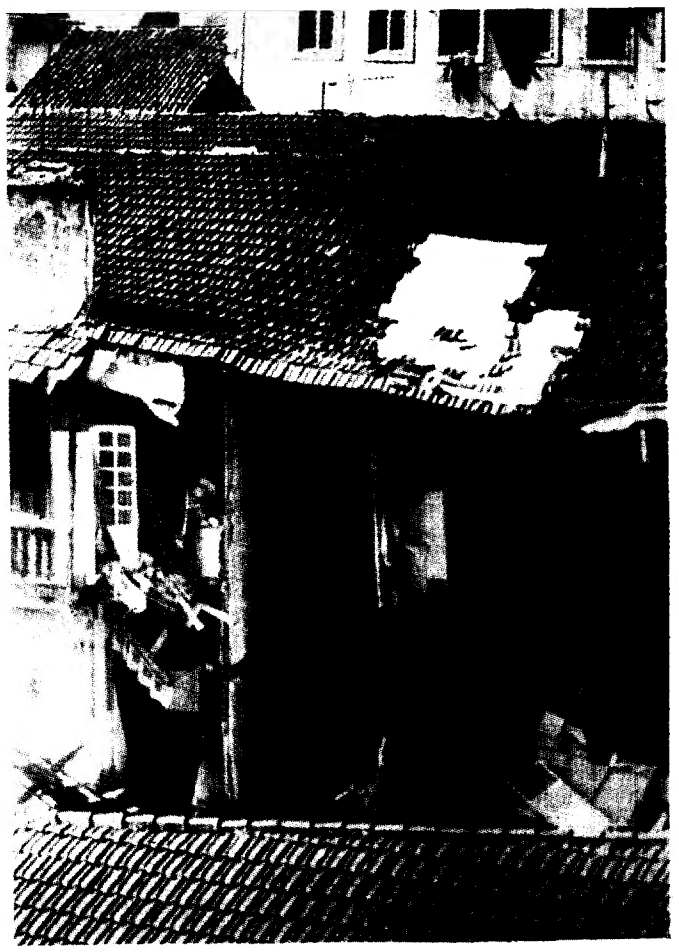
E agora, que vão fazer? «Vamos aguardar que seja dada solução para os nossos casos. Entretanto, vamos dormindo onde podemos: em casa de familiares, de amigos, no Forno do Tijolo, no Figo Maduro. Enfim, vamos esperando».

Esperando, o quê? «Que o senhor presidente da Câmara tenha pena e piedade de nós, se lembre que existimos, que cumpra as suas promessas».

São palavras de Jaime Augusto Ferreira, que há 57 anos nasceu na Rua Domingos Sequeira, na Vila Maia, e de Orídia Pires Ferreira, uma senhora ainda jovem, falando com desenvoltura, ouvidos pela nossa reportagem. Orídia Ferreira vive na Vila Maia há 14 anos e trabalhou sempre para a casa. Como muitos outros habitantes da Rua Domingos Sequeira, fez obras, porque o senhorio nunca se preocupou com isso.

«Todo o dinheirinho que conseguiamos pôr de parte, nas férias e no Natal, era para investir na nossa casinha, em arranjos e em móveis», lamenta-se Orídia, palavra fácil, mágoa na voz. Mágoa e alguma frustração. E também esperança.

E porquê esperança? Orídia e Jaime Ferreira explicam: «O senhor presidente da Câmara veio aqui, no dia seguinte ao desastre, e garantiu-nos que não vai deixar morrer este pátio. Ele disse-nos que preservar os pátios de Lisboa era uma das suas grandes preocupações. Por isso esperamos...»



O 5 de Outubro ficará para sempre na memória dos moradores da Vila Maia, onde um prédio de dezasseis casas ficou em poucos instantes reduzido a escombros

Rendas oscilavam entre 100 e 850$00

E enquanto esperam, vão andando em bolandas. Em suas casas, ninguém pernoita O Jaime Jerreira vai dormir à oficina em que trabalha, na Rua Possidónio da Silva. A mulher vai dormir a casa de um filho. A filha desloca-se todos os dias para Lousa, onde tem um irmão. A família amanha-se assim, quanto toca a Morfeu. A Orídia, essa, com o lar em bolandas, como os outros, vai ficar ao mercado de peixe de Forno do Tijolo precariamente cedido pela Câmara. Vai e todos os dias vem a cheirar a peixe – diz. «Mas isto não é vida que se admita», protesta.

A Zézinha tem um filho, é divorciada e perdeu tudo. É que, no momento de salvar os seus haveres, nem todos o conseguiram. Foi nesse instante, e antes que os bombeiros chegassem – bombeiros que merecem os louvores da Vila Maia –, que a solidariedade das pessoas, a força dos amigos, se viu.

Depois, com os haveres na rua, Abecasis providenciou para que chegassem oleados para cobrir móveis, roupas, recordações, coisas que andam sempre connosco na vida. Hoje já nada disso aí se encontra, porque tudo foi mudado para armazéns da CML, onde esperará dias melhores.

Abecasis assegurou que, se o senhorio não se responsabilizar pelas obras de recuperação daquelas quatro casas, a Câmara providenciará pelo seu restauro. Mas a história parece mais complicada: é que não há apenas um senhorio, mas mais que um. Tudo começa em Ladislau Silva, «um excelente senhor», dizem-nos, que há muitos anos atrás foi o primeiro senhorio. Depois da sua morte, aquilo ficou a cargo de D. Hortênsia e um filho.

O pagamento das rendas reveste-se de algo de caricato. D. Hortênsia vive na Amadora e recebe rendas. O filho de Ladislau Silva é funcionário bancário e quer as rendas pagas pela Caixa Geral de Depósitos. Obras, essas nenhum as quis fazer a tempo e horas. E, no entanto, há rendas de 650 escudos, há já muitos anos.

Jaime Ferreira, por exemplo, paga (ainda) 450 escudos. Mas obtempera: «Quando fiquei na minha casa ganhava apenas 27$50 por dia e pagava já essa quantia. Há alguns (poucos) que pagam 100 escudos e outros que pagam 850 escudos.

Um prédio mais se junta aos que em Lisboa, nos últimos tempos, cederam ao tempo, à força do vento e das chuvas. O parque habitacional degrada-se. E nós, cidadãos do mundo, limitamo-nos a enriquecer as estatísticas. Mas 56 pessoas ficaram sem lar, na sexta-feira, na Vila Maia. Num pátio que Abecasis diz ser necessário preservar...

Texto: JÚLIO RODRIGUES
Fotos: Rui Pacheco

Contra "aliança" na Câmara

Socialistas voltam a atacar em Faro

A secção de Faro do PS criticou a forma como o presidente da Câmara local (PSD) conduz os destinos da autarquia que diz ser gerida numa aliança AD-APU.

Em comunicado os socialistas acusam o presidente, Negrão Belo, de andar de «braço dado com a APU», acrescentando que os resultados de dois anos de gestão «traduzem-se por rotundo fracasso».

«Nem um só dos problemas de fundo anunciados para o concelho foi resolvido», dizem os socialistas de Faro.

O documento afirma que se vive na Câmara «o terror e o medo do presidente que não recebe trabalhadores e que não ouve sindicatos».

«Nas reuniões com o público usa de forma prepotente e arbitrária métodos antidemocráticos para calar as vozes de protesto. Às propostas do PS responde com arrogância e com o caixote do lixo como sucedeu a um relatório apresentado no mês passado» – acrescenta.

Os socialistas acusam ainda o social-democrata Negrão Belo de, em todo o processo da Ria Formosa, recusar «sempre o diálogo, afrontanto o Governo e não aceitando, no início do contencioso, que fosse a Câmara no seu conjunto a responsabilizar-se pelo Plano de Ordenamento da Ilha de Faro».

A Câmara de Faro, maioria AD, tem sido caracterizada no actual mandato por sucessivos períodos de instabilidade por divergências entre as forças políticas que a compõem tendo os vereadores socialistas já suspendido o mandato uma vez.

O prof. Edgar Cardoso e a ponte do Guadiana — um texto que saiu ininteligível

O texto publicado na nossa edição de sábado passado sobre o litígio existente entre o professor Edgar Cardoso e a Junta Autónoma das Estradas, a propósito da ponte de Vila Real de Santo António-Ayamonte, saiu completamente ininteligível. Saltos de composição e falhas de revisão levaram a que, na coluna 2 e 3, a sequência do original se tenha perdido irremediavelmente. Como se isto não bastasse, a segunda linha do título da página 9 «caiu» e a afirmação atribuída ao professor Edgar Cardoso ficou sem sentido.

Na próxima quarta-feira voltaremos a publicar aquele texto na íntegra, apresentando desde já as nossas desculpas aos leitores e aos engs. Edgar Cardoso e Noya Coutinho.

Em pleno "pulmão" de Lisboa

CCL mete-se em tendas no sítio da futura sede

O Clube de Campismo de Lisboa tem projectos, muitos projectos em vista, como instituição de utilidade pública que é, fundada em 11 de Janeiro de 1941. E para chamar a atenção sobre o mais premente, o da construção da sua futura sede social, deliberou promover o seu habittual Acampamento de Outono no próprio local em que conta erigir as suas futuras instalações: na Quinta do Narigão, bem perto da Rotunda do Aeroporto, numa das saídas que dá para a Avenida Gago Coutinho. Entre muitas árvores, num dos «pulmões» da capital.

«É um projecto ambicioso, mas não apenas exequível, como viável», disse o presidente do CCL, João Cid Castelo Branco, ao «Diário de Lisboa». Justamente na Quinta do Narigão, onde cerca de três centenas de campistas assentaram tendas, roulotes e canadianas no último fim-de-semana. Um autêntico arraial a que não faltam jogos desportivos, música, bailes e ranchos folclóricos.

Não se julgue, pelo facto do acampamento, este ano, ter decorrido em Lisboa, que as participações não foram diversificadas. Ali estiveram representantes de outras colectividades do País, nomeadamente Leiria, Alcobaça, Almada, Cova da Piedade e, alto lá, de muito mais longe, lá bem do Nordeste português: de Chaves. Atracções não faltaram, a primeira das quais o simples facto de o acampamento não ser selvagem, em zona não protegida – ao contrário, de outros anos.

O último acampamento de Outono, porque também há acampamentos na Primavera, foi em Sintra, concretamente em Almornos, onde o CCL tem um dos seus cinco parques (os outros ficam, dois na Costa de Caparica, um em Melides e outro em Ferragudo, no Algarve). Selvagens são os acampamentos onde não há grandes condições, mas sobra a boa vomtade, o amor pelo ar livre, pela conquista do espaço arborizado.

O projecto de construção da futura sede do Clube de Campismo de Lisboa é uma obra grandiosa. Grandiosa e dispendiosa. Os seus dirigentes pensam levantá-la em três ou seis fases, tudo dependendo do futuro, do apoio das entidades deste País, a começar pela Câmara Municipal de Lisboa. Não há, ainda, preços ultimados, mas calcula-se que a construção da primeira fase fique em 100 mil contos. Então, a sede do CCL, em Lisboa, onde apenas funciona apropriadamente a secretaria, na Rua da Misericórdia, mudar-se-á para a Quinta do Narigão.

Mas quando? João Castelo Branco nada nos pôde adiantar. Por enquanto, os seus esforços nesse sentido estão nas mãos de uma comissão técnica integrada por Acácio Calvário, Augusto Silva, general Pereira Pinto, Cruz Fernandes e José Barreira. Para que tudo venha a correr sobre esferas foi, entretanto, constituída uma comissão pró-sede cuja coordenação geral está a cargo do presidente, Castelo Branco, a qual inclui, além da já referida comissão técnica, um departamento de relações públicas e contactos oficiais, um outro para a angariação de fundos e publicidade e uma quarta à qual compete ver como é que o CCL vai de finanças.

«Para o bom êxito desta iniciativa contamos com o apoio dos nossos associados e, sobretudo, das entidades oficiais», esclarece João Castelo Branco. A construção da sede, acrescenta, é um «sonho muito antigo», podendo vir a ser concretizado ao longo dos próximos anos. Se a ambição se concretizar, como no CCL se pensa, além da sede, na Quinta do Narigão surgirá um pavilhão polivalente para a prática desportiva, sendo uma parte coberta e outra descoberta.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

HÁ tempos, numa roda de amigos, declarei que o meu desejo, mais!, a minha vontade era tornar-me Presidente da República. Aí, os meus amigos perguntaram se era a sério. Respondi que sim, que era a sério. Perguntaram se podiam avançar com a sugestão. Respondi que sim, que podiam.

Qual não foi o meu espanto quando vi a correr um azul de vinte e cinco linhas para abaixacinandos à minha candidatura! Imediatamente mandei embargar a onda, pois havia questões de prioridade na nossa atenção. A surpresa alastrou no seio dos meus amigos mas fiz-lhes compreender que meditara no assunto e me achava sem forças para a tarefa. Por enquanto, é claro.

Ah, os meus amigos! A ideia alojou-se-lhes na cabeça e nunca mais de lá saiu. Começaram a organizar reuniões, a colocar artigos nos jornais, a falar na televisão. Ainda há dias, no telejornal, assisti ao jantar que reuniu muitos cidadãos, praí uns cinquenta. Havia quem desse ao dente, havia quem enchesse o vaso de tintol e havia quem dissesse: «O Castrim representa o expoente levado ao infinito da democracia portuguesa. Ele é o herdeiro dos patriotas de 1910»!

O Castrim era eu. Apalpei o cachaço, o peróneo, o menisco, num gesto de censura, como se dissesse: «Meu malandro, tinhas então uma herança dessas e não me dizias nada!»

O certo é que pelo cafés de Lisboa, pelas perspectivas do Porto e pelos templos de Braga já se dizia que o Presidente seria eu.

Tamanha exigência levava-me a crer que de facto o povo tem faro para estas coisas e a escolha, por que não dizê-lo?, honrava-me e, igualmente por que não dizê-lo?, perturbava-me. Vacilavam minhas reticências. Teria eu o direito de recusar, de fugir ao sacrifício que se impunha? Andava eu nisto, quando soube que uma figura de projecção, no auge dos seus 96 anos de idade, me propusera como sucessor de Eanes! Eu, com estes olhos, o vi no telejornal; eu, com estes ouvidos, o escutei na Rádio. Foi como se tivesse recado da Pitonisa de Delphos.

Não há dúvida. O povo empurra-me para a Presidência. O povo e, por que não dizê-lo, Deus em pessoa.

Ainda hoje estou por saber donde partiu a ideia. Mistérios que a História tece!

RDA: 35 anos de existência, 35 anos de luta pela Paz

Continuação da pág 3

e organizaçoes de massas, antigos combatentes da resistência contra o fascismo e perseguidos pelo regime nazi, cientistas, representantes da vida eclesiástica e trabalhadores do sector cultural como Johannes R. Becher, Bertolt Brecht, Anna Seghers e Arnold Zweig.

O apoio a acções internacionais para preservar a paz foi desde o início uma parte importante da acção do Conselho da Paz da RDA que hoje mantém contactos com movimentos pela paz em mais de 130 países e cujos representantes pertencem ao Conselho Mundial da Paz e à sua Presidência.

Em 1950 milhões de cidadãos da RDA assinaram o primeiro «Apelo de Estocolmo» que exortou todos os povos a proscrever a arma atómica e a lutar pela sua proibição. Mais de dez milhões de cidadãos da RDA assinaram em 1955 o «Apelo de Viena» contra a preparação duma guerra atómica. Também o segundo «Apelo de Estocolmo» de 1975, que exortou todas as forças amantes da paz a unirem-se numa ofensiva mundial contra a corrida aos armamentos foi assinado por muitos milhões de cidadãos da RDA.

Com a resolução da NATO de 1979 de instalar a partir dos finais de 1983 na Europa Ocidental armas nucleares de primeiro golpe começou também para o movimento pela paz da RDA uma nova fase da sua luta: 13,1 milhões de cidadãos do nosso país assinaram em Outono de 1979 uma resolução de vontade exigindo: «Não às novas armas nucleares na Europa Ocidental mas sim passos rumo ao desarmamento! Não à corrida aos armamentos mas sim a continuação do desanuviamento!»

Mais de seis milhões de membros da Juventude Livre Alemã e outros jovens da RDA manifestaram nos encontros tradicionais da organização juvenil realizados durante o Pentecostes que não há nada mais importante para a juventude no socialismo que a paz. No Dia Mundial da Paz e no dia da acção dos sindicatos em 1 de Setembro de 1983 milhões de trabalhadores manifestaram em foros e comícios realizados em empresas da RDA a sua vontade no sentido da preservação da paz, do desarmamento e do desanuviamento. Em comícios do Conselho da Paz também centenas de participantes exprimiram que não vão poupar esforços para defender a paz.

Grandes actividades foram desenvolvidas também pela Frente Nacional da RDA, pela Federação Democrática das Mulheres da Alemanha, pela Liga da Cultura da RDA, pelo Comité da RDA para a Segurança e Cooperação Europeias, pelo Comité «Médicos da RDA a favor da prevenção duma guerra nuclear», pelo Comité da RDA para questões científicas da preservação da paz e do desarmamento», pela União dos Escritores, pelas associações dos compositores e dos musicólogos, assim como pela Academia das Ciências da RDA e pela Academia das Artes da RDA.

REVOLUÇÃO NAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

EQUIPA DE CIENTISTAS OPÕE-SE AO USO DE LIVROS E INVENTA A FITA GRAVADA QUE FAZ FALAR IMEDIATAMENTE TRÊS LÍNGUAS MUNDIAIS

Que se envia grátis e sem compromisso, à experiência, em inglês, Francês e Alemão

Uma equipa de cientistas ingleses obstina-se há anos em resolver um grande problema: eliminar o estudo das línguas pelo processo da cabeça inclinada sobre os livros soletrando frase por frase, abolindo os longos períodos de tempo e obrigando a falar imediatamente e com precisão, conseguindo-se assim um conhecimento prático e completo.

Efectivamente, a perseverança foi premiada. A equipa conseguiu inventar um sistema, em cassettes ou discos, que garante aquilo que antes parecia impossível (como a electricidade ou a conquista da lua). Em pouco tempo, três milhões de pessoas adoptaram este novo sistema e aprenderam bem uma segunda língua num período extraordinariamente breve. Presentemente, esta possibilidade existe também em PORTUGAL, onde chegaram algumas cassetts e discos de 45 rotações, para experiência e para serem distribuídos gratuitamente e sem compromisso, para que o interessado se convença por si próprio. Para receber como oferta a cassette gravada, ou o disco para experiência em Inglês, Francês e Alemão, assim como um folheto descritivo com as respectivas instruções, basta escrever para INSTITUTO LINGUAPHONE —**DL 185** — VALENTIM DE CARVALHO, CI, SARL — Rua Nova do Almada, 97 - 1200 LISBOA. Repetimos que não há qualquer compromisso e que a cassette gravada ou o disco não devem, de qualquer modo, ser restituídos. Uma segunda língua, aprendida rapidamente e bem, é um património que vale mais do que o ouro.

Escrevam IMEDIATAMENTE: o material gratuito para experiência é limitado.

Jacinto Veloso em Pretória

Uma delegação moçambicana, chefiada pelo ministro Jacinto Veloso, partiu hoje para a África do Sul, onde vai decorrer a segunda sessão da Comissão de Paz, criada em Pretória – soube hoje a ANOP de fonte oficiosa.

Além de Jacinto Veloso, ministro da Presidência para os Assuntos Económicos, integram a delegação o ministro da Segurança, coronel Sérgio Vieira, o comandante da Força Aérea, António Hama Thai e o assistente pessoal do presidente Samora Machel, Fernando Honwana.

A Comissão de Paz, que tem a colaboração de delegados governamentais da África do Sul, foi criada e reuniu-se pela primeira vez quarta-feira, na sequência da «Declaração de Pretória», feita à Imprensa pelo ministro Roelof (Pik) Botha, na presença das delegações oficiais do governo de Moçambique e da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana).

Dirigentes comunistas regressam ao Uruguai

Depois de vários anos de exílio, vão regressar ao Uruguai Rodney Arismendi primeiro-secretário do Comité Central do Partido Comunista Uruguaio e Enriquez Rodriguez, ex-senador da Frente Ampla, no último governo constitucional, soube-se em Montevideu.

Arismendi que chegará a Montevideu dia 3 de Novembro, foi detido a 8 de Maio de 1974 pelos militares uruguaios, quando dirigia na clandestinidade o Partido Comunista. A 5 de Janeiro de 1975 as autoridades locais embarcam-no num avião com destino à Europa.

Deputado durante 25 anos pelo PC Uruguaio, Arismendi viveu os últimos anos em Moscovo.

Por seu turno, Enrique Rodriguez foi senador pela Frente Ampla no ultimo governo constitucionalista (1971-1973) e desde 1974, deputado por aquela coligação de esquerda.

Passeio adiado na nave de "vaivém"

Um passeio no espaço por dois astronautas do vaivém «Challenger» previsto para amanhã foi adiado por dois dias na sequência de problemas envolvendo duas antenas da nave, disse o comando da missão.

Os técnicos de Cabo Canaveral decidiram recolher duas antenas avariadas a bordo da nave antes de Kathy Sullivan – a primeira mulher norte-americana a passear no espaço – e David Leestma testaram no porão do vaivém novas técnicas de reabastecimento de satélites em órbita.

O adiamento constitui uma medida de precaução, para evitar a hipótese remota de uma das antenas chocar com um dos astronautas durante o seu passeio.

Os astronautas passaram todo o dia de sábado a lidar com as duas antenas. A outra mulher da missão, Sally Ride, teve de utilizar o braço mecânico da nave para colocar no seu lugar uma antena que recolhe informações sobre a Terra e os oceanos.

Outra antena destinada a enviar material para a Terra através de um satélite, colocou-se numa posição errada e o comandante John Crippem teve de manobrar o vaivém para orientar a antena na boa direcção.

Sondagens dão grande vantagem a Reagan

Primeiro debate televisivo versou política interna

O debate que domingo pôs frente a frente em Louisville (Kentucky) os candidatos presidenciais às eleições norte-americanas, Ronald Reagan e Walter Mondale, resultou, segundo os observadores políticos, citados pela ANOP, numa vitória para os democratas. Os observadores, unânimes em referirem o «estilo defensivo» do actual presidente Reagan, duvidam que o resultado do debate seja suficiente para Mondale ultrapassar a desvantagem demonstrada pelas sondagens.

O último estudo de opinião, revelado pelo jornal «The New York Times» no dia do debate televisivo, dá uma vantagem de 29 pontos a Ronald Reagan, com 58 por cento contra 29 por cento dos democratas.

Após o debate, o director da campanha «Mondale-Ferraro» estava exuberante, e disse que Mondale «agarrou (o debate) com força».

Larry Speakes, o porta-voz da Casa Branca, disse com igual triunfalismo que Reagan «é ainda o campeão».

Este debate entre os candidatos à Casa Branca é o primeiro dos dois programados e precede o debate entre os candidatos à vice-presidência, George Bush e Geraldine Ferraro, que se realiza na quinta-feira em Filadelfia.

Observadores em Washington dizem que o debate foi um «festival de citações» em que tanto Mondale como Reagan se empenharam.

Ronald Reagan repetiu a mesma frase do debate que teve em 1980 com James Carter e perguntou em tom afirmativo se agora «os Estados Unidos não estão melhores», reiterando a esperança de que lhe permitam «terminar a obra iniciada».

Os dois candidatos empenharam-se numa longa discussão sobre o elevado défice orçamental e comprometeram-se a não reduzir a ajuda aos programas sociais.

O debate, que se prolongou por hora e meia, iniciou-se às 21H00 locais (01H00 tmG de ontem), com um protesto da moderadora, a jornalista Bárbara Walters, pelos obstáculos postos pelos dois candidatos à selecção dos entrevistadores.

Tanto o Partido Republicano como o Partido Democrata rejeitaram uma lista de mais de cem profissionais da informação.

Três jornalistas, dois homens e uma mulher, integravam o painel de entrevistadores que colocaram aos dois candidatos questões sobre política interna.

Mondale, que iniciou o debate um pouco mais descontraído que o seu rival, declarou que, se chegar à Casa Branca, não tenciona equilibrar o orçamento à custa dos programas de assistência social.

A resposta do candidato democrata arrancou a primeira ovação da noite na sala.

Reagan replicou que nunca tinha previsto reduzir fundos destinados à segurança social, apoio médico e assistência educativa.

Mondale replicou que a pergunta-chave das eleições de Novembro é «estamos a contruir o futuro que a Nação necessita» e disse que o país tem necessidade de nova liderança.

Os dois candidatos à presidência dos EUA, durante o debate. (Telefoto UPI/NP/"DL"

RDA comemorou 35.º aniversá

A República Democrática Alemã comemorou ontem o trigésimo quinto aniversário da sua fundação com um desfile militar em Berlim, que agrupou efectivos dos três ramos das Forças Armadas e da Polícia de fronteiras.

O chefe de Estado e líder do Partido Comunista da RDA, Erich Honecker, presidiu ao desfile de uma hora, acompanhado pelo primeiro vice-primeiro-ministro soviético e titular dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko.

Helicópteros de combate e de transporte abriram o desfile seguidos de tropa motorizada, páraquedistas, modernos carros de combate, artilharia antiaérea e mísseis tácticos, habitualmente dotados de ogivas nucleares.

Honecker disse no discurso que pronunciou na altura que a questão alemã ficou definida com a existência de dois Estados soberanos.

Tanto Honecker como Gromyko responsabilizaram os Estados Unidos e a Aliança Atlântica pela actual tensão no mundo e condenaram as tentativas para alterar as realidades territoriais actuais na Europa.

Gromyko, que discursou à noite numa festa no Palácio da República em Berlim, disse que o mais importante na Europa é a inviolabilidade das fronteiras, tal como foram fixadas pelos acordados de Ialta e Postdam e os tratados entre a RFA e os países socialistas.

Refugiados

Cento e quarenta cidadãos da RDA, entre eles 22 crianças, estão refugiados na Embaixada da

Manifestações contra Marcos nas Filipi

Trabalhadores, empresários e estudantes, correspondendo a uma apelo do arcebispo de Manila manifestaram-se ontem contra o presidente Ferdinando Marcos, que à última hora autorizou a manifestação.

Face à insistência dos organizadores da manifestação de desfilarem «mesmo sem autorização» e após ter recebido pressões por parte de um importante empresário filipino, o presidente Marcos autorizou o acto, dando ordem às tropas para se manterem afastadas.

A manifestação, que começou de manhã com uma missa celebrada pelo cardeal Sin, seguindo depois em desfile para o centro da cidade, foi convocada para protestar contra a forma «selvática e brutal» como as forças de segurança reprimiram uma manifestação nos arredores da capital no passado dia 27, causando um morto e dezenas de feridos.

No passado dia 2 do corrente mês, o arcebispo de Manila e presidente da Confederação Episcopal Filipina dirigiu-se a uma reunião de empresários convidando-os a aderirem à manifestação de ontem para que Marcos veja que «o descontentamento não é exclusivo dos trabalhadores e estudantes».

Aspectos da manifestação ontem em Manila

O candidato democrata acusou actual Administração de aentar o orçamento militar e norar o compromisso de respeir os direitos humanos.

A política da Casa Branca — sse Mondale — tem-se afasta- do espírito de decência e justi- do povo norte-americano.

O antigo vice-presidente, que rocou a memória de John Kendy, concluiu: «Somos grandes, as podemos ser ainda maios».

O debate desenvolveu-se num ma cordial, e os candidatos não insultaram mutuamente. Gosdo presidente Reagan, disse ondale a dado momento do de-e.

A terminar o debate, os dois ndidatos apertaram a mão, sorentes, a exemplo do que tiam feito no início, enquanto an Mondale e os três filhos e ancy Reagan subiam ao palco ra as felicitações habituais.

Dentro de duas semanas, Rean e Mondale voltarão a defron-se em Kansas City, no segun- debate televisionado, centra- em questões de política exter- e defesa.

Estima-se que mais de 100 mipes de pessoas assistiram ao meiro dos três debates eleitos que a TV transmite.

)

Estranho incidente com avião civil dos EUA

As autoridades norueguesas de aviação estão a investigar as razões que levaram um avião comercial norte-americano a sobrevoar durante 15 minutos espaço aéreo soviético, próximo duma zona nuclear estratégica, de onde podia ter sido abatido.

«O incidente podia ter terminado numa tragédia de terríveis dimensões», disse um funcionário do Ministério norueguês da Defesa.

O Boeing 707 da South Pacific Island, com cerca de 200 passageiros a bordo, dos quais 120 eram soldados fijis da Força Interina das Nações Unidas no Líbano, realizava a 30 de Setembro um voo entre Anchorage, no Alasca, e Amsterdão, quando, inexplicavelmente, alterou a rota, entrando no espaço aéreo soviético, disse o funcionário.

«Nós recebemos uma comunicação de rotina do piloto do aparelho – um Boeing 707 – onde dizia que esperava cruzar o espaço aéreo norueguês por Bergen, Ocidente da Noruega», declarou Oivin Christiansen, director dos Serviços de Segurança, Navegação e Tráfego Aéreo da Noruega.

«Por isso, quando no radar observámos que um avião passava a Leste da Noruega, nunca imaginámos que se trataria do mesmo aparelho até o piloto estabelecer contacto com a nossa base militar de Bodo», acrescentou Christiansen.

Dois caças-bombardeiros F-16 descolaram de Bodo para identificar o avião comercial e tentar desviá-lo da rota, em direcção à énínsula de Kola, onde existem bases nucleares da União Soviética.

Christiansen disse que, antes dos dois caças se aproximarem do avião norte-americano, o piloto, em contacto com Bodo, disse ter havido um «erro de navegação».

«Não sabemos exactamente o local onde se encontrava o aparelho nesse momento, mas depois de o piloto ter recebido instruções sobre o que devia fazer, o avião regressou à rota original com destino a Amsterdão», acrescentou.

«O que estamos a tentar agora fazer – disse Christiansen – é determinar o que fazia o avião tão longe da rota.»

A companhia aérea «South Pacific» desmentiu as autoridades norueguesas, enquanto o Pentágono e a Agência Federal de Aviação declararam desconhecer o incidente.

Destruída em Moçambique importante base da RENAMO

O Exército moçambicano destruiu um «importante acampamento» da Renamo em Magude, cerca de 170 quilómetros a Norte de Maputo, no âmbito de acções militares até 3 de Outubro – anunciou hoje a Rádio Moçambique.

Na sequência da mesma acção, foram mortos 66 rebeldes, houve «numerosos» feridos e foram apreendidos 108 armas ligeiras, 99 carregadores de «AKM», 135 carregadores diversos, uma bazuca, 329 munições «FBP» (de origem portuguesa) e um conjunto de rádio marca «Racal».

O porta-voz militar moçambicano, que deu a notícia, adiantou que não se registaram baixas nas fileiras do Exército, acrescentando que um dos capturados auxiliou na localização de um esconderijo de armas, que foi imediatamente destruído.

Acções de perseguição prosseguem em redor da base destruída, à medida que se vão obtendo novas informações sobre a importância da mesma, que era classificada pelos rebeldes como de âmbito provincial.

Italianos assassinados

Dois técnicos que trabalhavam num projecto de uma barragem no Sul de Moçambique, foram raptados e assassinados o mês passado por elementos da Renamo – revelou no sábado o ministro moçambicano da Segurança, Sérgio Vieira.

Em conferência de Imprensa dada em Maputo, o ministro apresentou uma criança de 11 anos, Domingos Maçamo, que foi raptada no mesmo dia e contou como foram assassinados os dois italianos.

Maçamo disse que os elementos da Renamo cortaram primeiro a garganta dos dois técnicos italianos e depois decapitaram-nos, dois dias depois de eles terem sido capturados, no distrito de Moamba, cerca de 90 quilómetros a Noroeste de Maputo.

Os dois italianos foram identificados como Alvisse de Toni, de 26 anos, de Beluno (Milão) e Leonardo Del Vescovo, de 29, um geólogo de Bari. Ambos trabalhavam desde Junho na Barragem de Corumane, que está a ser construída por um consórcio italiano.

Agrava-se o diferendo entre a Grécia e a NATO

A Aliança Atlântica inicia hoje as suas manobras aéreas anuais no Mar Egeu, sob a ameaça grega de encerrar o espaço aéreo e interceptar os aviões turcos, soube-se em Atenas.

A Grécia tomou todas as medidas necessárias para a defesa do seu território e dos seus legítimos interesses, avisou o porta-voz oficial, no final de uma semana marcada por uma nova crise nas relações com a NATO.

O governo grego considera que a participação de aviões turcos nas manobras da NATO, sobre uma zona que a Grécia considera vital para a sua segurança nacional, favorece de forma indirecta os planos expansionistas da Turquia no Mar Egeu.

Há três anos que a Grécia não participa nas manobras da NATO no Mar Egeu, como protesto pela exclusão da ilha grega de Limnos da zona de exercícios.

As manobras terra-mar-ar começaram no passado dia 17 de Setembro com a participação da Itália, Grã-Bretanha, Turquia e Estados Unidos.

A semana começou entretanto, com a Grécia a protestar formalmente perante as autoridades de Ancara, devido à violação do espaço aéreo grego por aviões turcos que, sob comando dos Estados Unidos, entraram na «região 41» do Egeu, que segundo acordo comum, está sob controlo grego.

Helmut Khol visita a China

O chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, acompanhado por uma delegação de empresários invulgarmente numerosa, chegou ontem a Pequim para uma visita de seis dias destinada a estabelecer novos negócios e a estreitar os laços económicos entre Bona e Pequim.

Kohl e a sua mulher, Hannelore, foram recebidos à saída do Boeing 707 da Força Aérea alemã-federal pelo ministro chinês da Educação, He Dong Chang, e pelo vice-ministro dos Negócios Estrangeiros.

A cerimónia formal de boas vindas será efectuada hoje durante uma cerimónia colorida a realizar no Palácio do Povo, no centro da capital chinesa.

Kohl, que visitou a China pela última vez em 1974, quando era o responsável máximo do Estado da Renânia-Palatinado, manterá conversações com os dirigentes chineses sobre os principais assuntos da política internacional, incluindo as relações Leste-Oeste, a redução dos armamentos e a cooperação Norte-Sul.

Deverá encontrar-se com o primeiro-ministro Zhao Ziyang, o ministro dos Negócios Estrangeiros Wu Xueqian, o vice-primeiro-ministro, Li Peng, e outros responsáveis.

Mas o tema central da visita será as relações económicas, pelo que o chanceler é acompanhado pelo ministro da Cooperação Económica.

Sandinistas perdoam padre católico

O governo nicaraguense recomendou o perdão para um padre católico acusado de actividades rebeldes num caso que cavou divisões profundas entre os sandinistas e a Igreja, disseram fontes governamentais

O ministro nicaraguense do Interior, Tomas Borge, disse que o governo sandinista tinha decidido apelar para o perdão do padre Luís Amado Pena num esforço para «alcançar um entendimento e uma solução possível no conflito existente entre a hierarquia eclesiástica em Manágua e a revolução».

Pena foi acusado de actividades contra-revolucionárias em Junho passado, e está a ser julgado pelos tribunais do povo, tribunais especiais para ouvirem os casos dos acusados de actividades rebeldes contra os sandinistas.

Borge disse que Pena não compareceu como lhe fora ordenado nos Tribunais do Povo, que receberão agora o apelo para perdoar o padre, anunciou a agência noticiosa Nueva Nicaragua.

rio

lemanha Ocidental na capital da Checoslováquia, informou o jornal da RFA «Welt Am Sonntag».

O governo de Bona ainda não confirmou esta situação, mas a Embaixada da RFA na Checoslováquia encerrou as portas ao público quinta-feira face ao afluxo de refugiados, que pretendem obter um visto para a RFA.

Desde sábado a Polícia checa, que normalmente não tinha nenhum dispositivo especial junto à Embaixada da RFA, controla os acessos ao edifício e identifica os que dele se aproximam.

nas

. (Telefoto UPI/NP/"DL")

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
(ANÚNCIO)

Concurso n.º 3-1950/84

Analisador com diluidor incorporado.
Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 29 de Outubro próximo, para o mencionado concurso.
Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.
Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 27 de Setembro de 1984.

O Chefe do Serviço
a) Maria Fernanda Simão

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Direcção-Geral do Ensino Superior

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DE COIMBRA

Rua Luís de Camões – Telef. 71042 – 3000 COIMBRA

Aceitam-se candidaturas para o preenchimento de vagas de pessoal docente – **assistente eventual** – para as linhas de formação de **Contabilidade, Organização e Gestão, Economia e Matemática.**
Os possíveis interessados deverão possuir as habilitações específicas para a docência da(s) cadeira(s) das respectivas linhas.
Nas inscrições que deverão dar entrada na Secretaria do Instituto, até ao dia 15 do corrente, devem constar todos os elementos curriculares que permitam uma apreciação prévia das candidaturas.

Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra, 1 de Outubro de 1984.

O Presidente do Conselho Directivo
(Eng. Fausto Luís Gomes do Carmo Rocha)

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO
COMANDO-GERAL DA GUARDA FISCAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «CINTOS DE CERIMÓNIA PARA SARGENTOS E PRAÇAS» – PROCESSO N.º 13-F/84.

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal, de «CINTOS DE CERIMÓNIA PARA SARGENTOS E PRAÇAS».
2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 5 de Novembro de 1984, procedendo-se à abertura às 10H00 do dia imediato, 6 de Novembro de 1984.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando-Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 – 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 150 000$00.

MOBÍLIAS USADAS

COMPRO – VENDO
TROCO

ARMAZÉNS MÓVEIS JORGE

Av ALMIRANTE REIS, 35
Telef. 83 21 61
(Defronte Igreja dos Anjos)

DESPORTO

Penafiel: Damas ainda vai na viagem e a esferinha já está para lá do risco. Era o princípio da derrota leonina

Penafiel, 2-Sporting, 0

'Leões': padrinhos ideais

O feito cometido ontem pelos penafidelenses vai ficar gravado a letras de ouro na história do clube. Há razões de sobra para justificar a efeméride: primeiro, porque ocorreu no dia da antestreia do novo piso (relvado) do Estádio 25 de Abril; segundo, porque se tratou de uma exibição magnífica que culminou com um triunfo sem contestação; e, em terceiro lugar, porque o adversário foi o Sporting que, até ontem, era o guia isolado do campeonato.

Foi, na verdade, deveras surpreendente a actuação dos pupilos de Manuel Barbosa que, recorde-se, tinham apenas dois pontos em «caixa», fruto de uma vitória (4-2) sobre o Salgueiros, sendo o «goal-average» manifestamente negativo: apenas quatro tentos a favor e 15 contra, seis dos quais em «casa». Perante este quadro sombrio, todo o favoritismo recaia sobre os «leões» que seguiam invictos e fortemente estimulados pelo resultado de quarta-feira, frente aos franceses do Auxerre.

Mas, em futebol, tudo pode acontecer. Veja-se o que sucedeu ao F. C. do Porto, por exemplo, que baqueou perante uma equipa da Quarta Divisão inglesa, depois de ter o «pássaro» engaiolado por duas vezes. No caso vertente, porém, não se poderá falar de facilidades leoninas, já que, da parte do «onze» de Alvalade, houve empenho, até à exaustão, para vencer a forte oposição de outro «onze» (o de Penafiel) muito arrumado nos diversos sectores e com a «lição» na ponta da língua.

Os minutos iniciais da partida deixaram perceber uma certa pressa do Sporting em resolver a questão a seu favor. A turma leonina apresentou-se, aliás, com um esquema (4X3X3) que não deixava dúvidas quanto às suas intenções. Oceano, Jaime Pacheco e Romeu coordenavam a manobra a meio-campo, enquanto Lito, Manuel Fernandes e Jordão funcionavam como «gazuas» permanentes de um conjunto todo poderoso.

Figueiredo eclipsou Jordão

Ferreira da Costa: o melhor

A «máquina» leonina não funcionou, porém, como de costume. Oceano, muito agarrado à lateral, do lado direito, mais parecia um extremo do que um médio e, por outro lado, esquecia-se de cobrir, como era sua obrigação, o sector que lhe estava confiado, sempre que por aí se apresentavam Ferreira da Costa ou Vilaça. Temos para nós, no entanto, que o grande entrave do conjunto verde-branco foi, na verdade, a juventude penafidelense, representada na circunstância pelo bloco defensivo (Elias, Figueiredo, Bruno e Nini) e pelo ponta-de-lança Tozé.

Face aos resultados negativos que se vinham verificando, Manuel Barbosa decidiu apostar na juventude: deixou de fora o guarda-redes Trindade, o lateral-direito Madureira, o «central» Fernando e o médio Branco. A «chicotada» teve um efeito espectacular e Manuel Barbosa ganhou um pleno, simbolizado pela actuação verdadeiramente impecável de Bruno e do ex-júnior Nini, sendo certo que o primeiro cotou-se como o melhor jogador em campo.

Não se pense, porém, que o Penafiel se remeteu a uma defensiva porfiada, assim ao jeito de quem pretende, apenas, perder por poucos. Nada disso. Os locais defenderam, quando se impunha, mas atacaram também (e muito), quase sempre pelo lado direito, através de excelente conjugação de esforços entre Afonso e Ferreida da Costa, criando frequentes situações de embaraço para Damas e seus pares. O primeiro golo, obtido por Tozé à passagem dos 13 minutos, é um exemplo flagrante do que acabamos de afirmar, já que nasceu exactamente de uma combinação entre Ferreira da Costa e Afonso que deixou a defesa do Sporting em transe. A dúvida que se colocou, a partir de dado momento, visava saber até onde iria o fôlego penafidelense e, ao mesmo tempo, questionava-se sobre as soluções que teria o «banco» do Sporting para operar a reviravolta, ansiosamente esperada pela «força verde». No reatamento, saiu Morato e entrou Litos (o menino que fez maravilhas no Estádio do Mar), recuando Oceano para lateral-direito. Não se chegou, porém, a sentir os efeitos da permuta, já que os penafidelenses, aproveitando um falhanço colectivo da defesa leonina, elevaram para 2-0 por Ferreira da Costa, numa jogada que teve, ainda, a chancela de Afonso.

O treinador de Alvalade apostou, então, em Eldon, que fez entrar para o lugar de Romeu, mas o brasileiro não pôs o pé em ramo verde: do lado oposto, estava o espadaúdo Fernando que entrou ao mesmo tempo, precisamente com a função de «policiar» o «ariete» sportinguista. E seria, ainda, o Penafiel a forjar o ensejo para o escândalo, antes de Jordão, já na fase de lavar os cestos, obrigar Cerqueira à defesa da tarde.

Um derrube nítido de Morato sobre Xavier (26m), dentro da grande área leonina, um desarme, igualmente em falta, de Figueiredo sobre Oceano, também na área de rigor, e uma certa complacência para as entradas maldosas de Jaime Pacheco sobre Ferreira da Costa, pode considerar-se que Veiga Trigo não esteve em plano aceitável.

Manuel Neto

Penafiel: ao cair da tarde, a festa graúda

ÁRBITRO: Veiga Trigo (Beja), auxiliado por Manuel Burrica (bancada central) e João Corujo (bancada nascente).

PENAFIEL: Cerqueira; Elias, Figueiredo, Bruno e Mini; Afonso, Ferreira da Costa (Branco, aos 86 m), Babo e Vilaça; Tozé e Xavier (Fernando, aos 59 m).

SPORTING: Damas: Morato (Litos, na 2.ª parte), Virgílio, Venâncio e Mário Jorge; Oceano, Jaime Pacheco e Romeu (Eldon, aos 59 m); Lito, Manuel Fernandes e Jordão.

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Tozé (13m) e Ferreira da Costa (46m).

Cartão amarelo: Figueiredo (49m), Vilaça (50m) e Eldon (83m).

Belenenses: êxito na Póvoa

O Sporting sofreu a 1.ª derrota no campeonato mas mantém a liderança, embora de parceria com o FC Porto. «Leões» e «dragões» somam dez pontos em seis jornadas e as «águias» ocupam a 3.ª posição com menos um ponto.

Mas não foi só o Sporting a perder a invencibilidade: também o Boavista sofreu o primeiro desaire da prova (1-2, em Setúbal).

A ronda rendeu 27 golos e ficou assinalada pela ausência de cartões vermelhos, embora o amarelo tivesse sido apresentado por 17 vezes.

O Sporting acusou o esforço despendido na quarta-feira europeia (em Auxerre) e foi presa fácil para um Penafiel cheio de força. O FC Porto recuperou em Coimbra do fracasso da eliminação da Taça das Taças por um modesto clube amador da quarta divisão inglesa (Wrexham, País de Gales). Dois golos no espaço de um minuto (Jaime Magalhães, 25, Vermelhinho, 26) lançaram os portistas para um triunfo fácil sobre uma Académica que já vai na 5.ª derrota consecutiva. Gomes, o «bola de prata», fechou a contagem aos 63.

O Benfica goleou com naturalidade o Portimonense. Os pupilos de Manuel José apareceram na Luz com um dispositivo táctico que contrariou o jogo dos «encarnados» nos primeiros 20 minutos, mas o sentido de oportunidade de Jorge Silva deitou por terra os propósitos dos algarvios. Depois, a subida de Carlos Manuel e a entrada de Nivaldo resolveram o fraco problema.

A força física dos setubalenses foi decisiva no triunfo sobre o Boavista, na única partida da jornada em que não foram mostrados cartões. Vitinha (em jogada individual) colocou o Vitória a ganhar aos 24 minutos e, na 2.ª parte, o Boavista chegou ao emmpate por Parente (54). Mas os setubalenses acreditaram no triunfo e, aos 61, o brasileiro César obrigou os axadrezados a perderem os primeiros dois pontos do campeonato.

O Belenenses apostou no contra-ataque e ganhou a aposta: 2-1 no campo do Varzim. Os «azuis» chegaram aos 2-0, golos de Nortom de Matos (28) e Djão (60), suportaram a reacção poveira (José Maria 70, «penalty») e acabaram por regressar a Lisboa cantando o seu sucesso.

O Guimarães impôs-se ao lanterna vermelha numa partida em que Gregório Freixo esteve em plano de destaque: abriu o activo (aos 19) três minutos antes de Brito empatar (de «penalty») fez o 2-1 (aos 41, de «penalty»), e na 2.ª parte falhou o «hat-trick» ao não transformar outra grande penalidade (71). Paquito fechou a contagem aos 87. Os vila-condenses ainda reduziram no minuto final (por Chico Faria), mas não evitaram a derrota.

Finalmente em Faro houve «greve» dos goleadores: nulo entre Farense e Braga, num jogo em que as defesas se superiorizaram.

O campeonato português sofre domingo a 2.ª interrupção devido ao jogo com a Checoslováquia (no Porto) para o mundial.

Números e nomes

Resultados para a história: Benfica-Portimonense, 5-1; Setúbal-Boavista, 2-1; Guimarães-Rio Ave, 3-2; Académica-FC Porto, 0-3; Farense-Braga, 0-0; Salgueiros-Vizela, 4-1; Varzim-Belenenses, 1-2 e Penafiel-Sporting, 2-0.

Marcadores

Djão (Belenenses) aumentou para três golos o seu avanço na lista dos melhores marcadores do campeonato. Com um tento frente ao Varzim, beneficiou do facto de Tonanha não ter alinhado, por castigo. Lista dos melhores marcadores: 1.º, Djão (Belenenses), 10 golos; 2.º, Tonanha (Salgueiros), 7; 3.º, Cadorin (Portimonense), 6; 4.ºs, Eldon (Sporting); Manuel Fernandes (Sporting); Manniche (Benfica); Jaime Magalhães (FC Porto), 5.

Disciplina

A 6.ª jornada do nacional de futebol da 1.ª divisão teve no Salgueiros a equipa mais indisciplinada: viu três vezes o cartão amarelo.

A jornada foi das mais «correctas» com 17 mostras do cartão amarelo e nenhuma expulsão.

António Manuel, Santos Cardoso e Madureira foram os salgueiristas que viram o «icterícia».

Três clubes tiveram dois jogadores admoestados: Varzim (Dias e José Maria), Penafiel (Figueiredo e Vilaça) e Rio Ave (Carlos Manuel e Carvalho).

Atenção, portugueses

Actuação dos competidores uefeiros do nosso futebol: o Liverpool (que não vence nenhum jogo há mais de um mês) empatou em casa, sem golos, face ao West Bromwich e o Dínamo de Minsk registou 12.º empate no campeonato soviético, estando a quatro pontos do líder (Zenit, de Leninegrado).

Divisão 2

Entretanto, anotem-se os resultados dos jogos da 4.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão na **Zona Norte:** P. Ferreira-Marco 3-0; Sanjoanense-Alves, 1-5; Lourosa-Leixões, 0-1; Famalicão-Felgueiras, 3-1; Lixa-Gil Vicente, 1-1; Fafe-Tirsense, 2-0; Valonguense-Feirense, 3-1; e Espinho-Chaves, 3-3. Classificação: **1.º Espinho e Aves,** 7 pontos; 3.ºs, Chaves e Leixões, 6; 5.ºs Gil Vicente e Famalicão, 5; 7.ºs Felgueiras, Lixa, P. Ferreira e Va-

TOTOBOLA
a chave

Benfica-Portimonense	1
Penafiel-Sporting	1
Académica-Porto	2
Setúbal-Boavista	1
Guimarães-Rio Ave	1
Farense-Braga	X
Salgueiros-Vizela	1
Varzim-Belenenses	2
Lourosa-Leixões	2
Fafe-Tirsense	1
Guarda-U. Coimbra	2
Covilhã-U. Leiria	1
Sesimbra-Marítimo	2

TOTOBOLA
jogue connosco

Portugal-Checoslováquia	1
Polónia-Grécia	1
RFA-Suécia	1
Luxemburgo-França	2
Holanda-Hungria	X
Suíça-Dinamarca	1
Noruega-Irlanda	X
Espanha-País de Gales	1
Portugal-Checoslováquia	1
RFA-Suécia	1
Holanda-Hungria	1
Suíça-Dinamarca	X
Polónia-Grécia	1

DESPORTO

Djão: depois de breve passagem pela turma maior (num Portugal-Polónia em que substituiu Chalana) agora o momento maior

Selecção: justiça para Djão

Aí está: consoante toda a crítica previa, o belenenses Djão foi chamado para a selecção nacional, de onde foram (momentaneamente, pelo menos) afastados Vermelhinho e Dito, além de Sousa (que se encontra lesionado). Eis o bloco dos futebolistas escolhidos para os três naipes competitivos:

SELECÇÃO «A»: João Pinto, Eurico, Lima Peréira, Inácio, Frasco, Jaime Magalhães, Futre e Gomes (FC Porto); Bento, Álvaro, Carlos Manuel e Diamantino (Benfica); Damas, Virgílio e Jaime Pacheco (Sporting) e Djão (Belenenses).

SELECÇÃO DE ESPERANÇAS: Sérgio, Morato, Mário Jorge, Venâncio e Litos (Sporting); Edmundo, Jorge Plácido e Freire (Vitória de Setúbal); Samuel (Benfica); Guimarães (Olhanense), Semedo (Porto), Jaime (Belenenses), Hernâni (Farense), Joaquim Alberto (Braga) e Caetano (Boavista).

SELECÇÃO DE JUNIORES: Amaral, Paulo, Luís Silva e Nelinho (Belenenses), Festas, João Oliveira e Luís Miguel (FC Porto); Vítor Manuel, Rui Manuel e Pacheco (GD Torralta); José Carlos, Albuquerque e Rui Pedro (Benfica); Fernando Mendes e Baltasar (Sporting) e Rifa (Sporting de Braga).

Futebol por cá

longuense, 4; 11.°s Feirense, Tirsense, Lourosa e Fafe, 3; e 15.°s Marco e Sanjoanense, 0 pontos.

Zona Centro: Guarda-U. Coimbra, 0-1; Covilhã-U. Leiria, 4-0; Elvas-Caldas, 0-0; Torreense-Beira Mar; 2-0; Estarreja-Mangualde, 0-0; Águeda-E. Portalegre, 5-0; Peniche-Benf. C. Branco, 0-1; e Marinhense-Alcobaça, 3-2. Classificação: **1.° Elvas,** 7 pontos; 2.°s U. Coimbra e Covilhã, 6; 5.° U. Leiria e Alcobaça, 5; 6.°s Caldas, Estarreja, Mangualde, Águeda, Benf. C. Branco, Torreense e Marinhense, 4; 13.°s, Beira Mar, Peniche e E. Portalegre, 2; e 16.° Guarda, 1 ponto.

Zona Sul: Lusitano-Campinense, 1-0; Barreirense-Odivelas, 1-1; Atlético-Nacional, 6-1; U. Madeira-Olhanense, 2-0; C. Piedade-Amora, 0-0; Torralta-Montijo, 0-1; Sesimbra-Marítimo, 0-2; e Estoril-E. Amadora, 1-1. Classificação: 1.° **Marítimo,** 8 pontos; 2.°s, Estoril e Atlético, 6; 4.°s Olhanense e Odivelas, 5; 6.°s Amora, E. Amadora, Lusitano e Montijo, 4; 10.°s Nacional, C. Piedade, Barreirense e U. Madeira, 3; 14.°s Campinense, Sesimbra e Torralta, 2 pontos.

Divisão 3

O «placard» da 4.ª ronda do torneio da 3.ª Divisão ficou assim na **SÉRIE «A»:** Montalegre-Bragança, 0-1; Monção-Neves, 2-0; Esposende-Valdevez, 3-1; Moreirense-Mirandela, 0-0; Vieira-Taipas, 4-0; P. Barca-Valenciano, 2-0; e Vianense-Macedo de Cavaleiros, 1-0. Líder: **Bragança,** 7 pontos.

SÉRIE «B» Freamunde-Trofense, 5-0; Oliveirense-Esmoriz, 3-2; S. Martinho-Amarante, 1-0; Paivense-Ovarense, 1-2; Régua-Paredes, 0-0; Infesta-U. Lamas, 5-2; Vilanovense-Cucujães, 1-0; e Ermesinde-Valadares, 3-0. Líder: **Ermesinde,** 7 pontos.

SÉRIE «C»: Naval-O. Bairro, 3-1; Poiares;Tondela, 1-1; Ac. Viseu-Gouveia, 2-1; Penalva do Castelo-Luso, 0-0; Mealhada-Marialvas, 2-1; AnadiaViseu e Benfica, 1-1; Seia-Vildemoinhos, 3-0; e Santacombadense-Belmonte, 1-0. Líder: **Ac. Viseu,** 8 pontos.

SÉRIE «D»: Nazarenos-Eléctrico, 2-0; Alcains-Marinha, 1-0; Portalegrense-Bombarralense, 3-0; Fátima-U. Santarém, 0-2; Rio Maior-U. Tomar, 0-0; Almeirim-Mirense, 4-0; Alferrarede-Nisa, 2-1; e Guiense-Lousanense, 1-0. Líderes: **Marinha, Rio Maior, Almeirim, Bombarralense, U. Santarém, Nazarenos e Portalegrense,** 5 pontos.

SÉRIE «E»: Olivais e Moscavide-Marinhais, 5-1; Tires-Oriental, 0-4; Charneca-Vilafranquense, 0-0; Águia-Almada, 2-2; Vialonga-Santa Clara, 2-0; Lusitânia-Campomaiorense, 4-0; Samora Correia-Sacavenense, 1-1; e Cacém-Olivais, 1-1. Líder: **Almada,** 7 pontos.

SÉRIE «F»: Montemor-Quarteirense, 2-1; Esp. Lagos-Moitense, 3-0; Silves-Beja, 0-1; Santiago do Cacém-Lusitano V. Real, 1-0; Alvorense-Vasco da Gama, 1-1; Louletano-Comércio e Indústria, 2-0; Aljustrelense-Quimigal, 0-4; e Estrela de Vendas Novas-Juventude, 0-0. Líder: **Juventude,** 7 pontos.

Juniores: Sporting sem obstáculos perante o União de Almeirim (9-1)

Samuel: o menino comanda a bola

Nivaldo: um rei a meio-campo

Benfica. 5-Portimonense. 1

Campeão recebe vassalagem

Um golo mal anulado (ao Portimonense) e outro mal validado (ao Benfica) foram erros crassos de uma arbitragem que muito prometia e, subitamente, resvalou para uma série de erros que, apenas por mero acaso, não defraudaram a verdade do sinal do jogo, inteiramente pertença de um super-Benfica que dominou (como lhe apeteceu) a timidez portimonense que não chegou a conseguir travar as águias para além de meia hora já muito dilatada.

Mesmo ao mais leigo em matéria futebolística a verdade imediatamente deu pulinhos na peneira: perante uma defesa quase totalmente entregue a um sensacional Mendes, e ao aplicado Dinis, mais ao veloz Teixeirinha, restava aos alunos do taciturno Csernai deixar correr o marfim e esperar que o exercício de pontaria fosse somando golos. E, subitamente, raio de luz fulgurante, Jorge Silva fez dois tentos, o segundo de verdadeira antologia, cabecinha quase rente à relva, sem qualquer destemor das botas contrárias e aproveitando o peso que já começava a carregar-se nas pernas de Simões e Balacó. Depois, houve aquele bonito lampejo de Rui Águas, a aproveitar súbito desentendimento entre o magnífico Samuel e o corpulento Oliveira: mas, sol de pouca dura porque, no reatamento do espectáculo, entrou em cena o dono da bola e o Benfica (até aí, uma vez mais, masoquista na voluntária abdicação de Nivaldo) poisou o pé no pedal e, zumba!: se mais tentos não ficaram dentro das malhas do grupo de Manuel José bem podem os portimonenses agradecer a Mendes, que quase seria senhor para valer vinte valores não fora aquele momento muito chato, muito aborrecido em que, por acaso ou deliberação, aplicou um murro na cabeça de Carlos Manuel, réplica mais alta do que um companheiro antes tinha feito no **paiol das migas** do negrinho Samuel, que não faz mal a uma mosca e tem como único defeito o de se afirmar como candidato único a um lugar que mais ninguém pode disputar se nenhuma lesão lhe concretizado por Manniche no único pontapé certeiro que despediu em hora e meia, mais tarde novamente noutra galopada de Jorge Silva já então acolitado pelo mano José Luís, que corre que se farta para ver se consegue dar nas vistas do professor vindo das terras germânicas.

Jorge Silva: o primeiro dos seus três golos. Apenas Teixeirinha esboça impedir o benfiquista do belo golpe de cabeça: os demais defesas portimonenses estavam a olhar para a bola

tocar à porta.

Igualmente não merecia Carlos Manuel aqueles cinco dedos apontados com teleguiado: moitense de uma figa, mal acelerou logo se juntou a Jorge Silva no duo de ouro de um Benfica que, tendo Nivaldo como ponto caprichoso em não falhar a mais pequena ajuda aos actores (ditos) superiores no conceito do chefão e servindo-se da magnífica e entusiástica doação de Diamantino ao seu trabalho (honesto, em qualquer ponto do terreno para que seja desterrado) mais cimentou as virtudes rubras, culminadas com um «penalty» qualquer missão e, sobretudo, com os diabólicos Carlos Manuel e Jorge Silva ditando a lei do mais forte tecnicamente, bons ventos surgem ante a nau do clube de Fernando Martins, Júlio Borges e Domingos Cláudino, que já está no requinte de fornecer à Imprensa (com bastante antecedência) uma detalhada informação sobre as equipas saídas de computador directamente para as mãos da Comunicação Social. Uma melhoria que se aplaude.

●

Perder copiosamente face a um campeão em nada deslustra a equipa algarvia, com média de idades (23 anos) que faz prometer um futuro bonito. Rui Águas, Teixeirinha, Dinis, vamos lá, também Vítor Oliveira enfileiram no mesmo rosário que teve Mendes no ponto supremo. Por seu turno, com uma defesa onde Bento, Pietra e Álvaro não tiveram a menor desatenção, com um Samuel a tempo inteiro viajando no barquinho dos predestinados para o êxito, Shéu a parecer condenado a só jogar meio desafio em cada horário de presença, Nivaldo a ser sempre esquecido até entrar pelos olhos de todo o conclave que é imprescindível no mais apto «team» da Luz, Diamantino vocacionado para desempenho correcto de

●

Logicamente que num jogo extremamente correcto, a tarefa arbitral resumia-se a acompanhar os lances, definir foras-de-jogo, aplicar a lei da vantagem e ver bem se era (ou não) golo limpo. Foi aí que o trio portuense se desmoronou: mais um que, até segundas núpcias, fica aos tremeliques em função de palpite futuro. E se Isidro Santos escolhesse outros auxiliares? É um conselho de amigo, de espectador que nem sequer o conhece do quotidiano e ontem, como primeiro exame, ficou com a pedra no sapato.

Neves de Sousa

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
1.° – **SPORTING**	6	5	0	1	17- 6	10
2.° – FC Porto	6	5	0	1	13- 2	10
3.° – Benfica	6	4	1	1	11- 4	9
4.° – Boavista	6	3	2	1	9- 5	8
5.° – Braga	6	3	2	1	8- 4	8
6.° – Portimonense	6	4	0	2	16-11	8
7.° – «Os Belenenses»	6	3	2	1	14-10	8
8.° – Farense	6	2	3	1	2- 2	7
9.° – V. Setúbal	6	2	2	2	6- 9	6
10.° – V. Guimarães	6	2	1	3	8-11	5
11.° – Varzim	6	1	2	3	7-11	4
12.° – Penafiel	6	2	0	4	6-15	3
13.° – Salgueiros	6	1	1	4	17-21	3
14.° – Vizela	6	1	1	4	6-11	3
15.° – Académica	6	1	0	5	7-15	2
16.° – Rio Ave	6	0	1	5	3-13	1

Próxima jornada (21/10): Benfica-Vit. Setúbal; Boavista-V. Guimarães; Rio Ave-Académica; FC Porto-Farense; Braga-Salgueiros; Vizela-Varzim; Belenenses-Penafiel e Portimonense-Sporting.

Com muito má arbitragem do portuense Isidro Santos (igualmente sem qualquer apoio válido de Domingos Barbosa e Armando Malheiro) alinharam:

BENFICA: Bento; Pietra, Oliveira, Samuel e Álvaro; Carlos Manuel, Shéu (Nivaldo, 2.ª parte) e Vando; Jorge Silva, Manniche e Diamantino (José Luís, 75 m).

PORTIMONENSE: Mendes; Dinis (Moisés, 60 m), Balacó, Simões e Teixeirinha; João Reina (Luís Reina, 2.ª parte), Vítor Oliveira, Carvalho e Abreu; Rui Águas e Cadorin.

Ao intervalo: 2-1. Marcadores: Jorge Silva (24, 28 e 84 m), manniche (59) e Carlos Manuel (76), pelo Benfica; Rui Águas (42), pelos algarvios. Cartão amarelo a Teixerinha (59 m).

DESPORTO

Sporting estatela-se em relvado novo

Penafiel: parabéns em dia de festa

A jornada meia dúzia do nacional maior rodopiou o campeonato. Comemorando festivamente a inauguração do seu relvado, o Penafiel colocou o Sporting em sentido com a 1.ª derrota dos «leões», sem apelo nem agravo. E, enquanto a Académica continua registando insucessos (fruto de deficiente organização táctica e, especialmente, de uma defesa que não está à altura dos pergaminhos da colectividade) o Porto aproveita as falhas adversas e catapulta-se para o topo da tabela, aonde também se aproximou o Benfica (vencedor fácil do Portimonense) nada cansado do esforço desenvolvido perante o Estrela Vermelha.

Setúbal tremeu mas não tombou: belo jogo também assinado pelo Boavista, onde Parente se tornou a grande unidade sobre o palco e nem assim conseguiu chamar as atenções do seleccionador nacional. O empate em Faro é prémio para um Braga que quer rapidamente recuperar do estrondoso desaire sofrido na dupla esgrima com o Tottenham e foram normalíssimos (sem fuga ao antecipado favoritismo) os êxitos do Salgueiros e do Vitória de Guimarães, nos duelos com o Vizela e o Rio Ave, que ensanduicham a Académica nos mais desoladores postos da tabela pontual. Resta dizer que a segunda grande supresa da ronda estava para surgir na Póvoa onde o Varzim baixou bandeira face a um Belenenses determinado e firme.

MICROSCÓPIO

HÓQUEI EM CAMPO: POSSE DE DIRIGENTES. Na Associação de Hóquei em Campo de Lisboa tomam posse no próximo dia 11 os dirigentes recentemente eleitos. Os diferentes órgãos são presididos por: João Dionísio da Silva (assemlbleia geral), João Ramos Chasqueira (direcção), Joaquim Nogueira (conselho de arbitragem), Fernando Julião (conselho fiscal), Alfredo Almeida (conselho técnico) e dr. António Augusto Nunes (concelho jurisdicional).

Entretanto, também no dia 11 (21,30 horas) terá lugar na sede daquela associação uma reunião dos clubes filiados para tratar de diversos assuntos da modalidade.

Porto Rico: fraude olímpica

As gémeas porto-riquenhas Margaret e Madeleine de Jesus, que defraudaram a prova dos 4X400 metros barreiras femininos em Los Angeles, foram suspensas por quatro anos pelo Comité Olímpico de Porto Rico. A suspensão prevê que as atletas não possam competir nos próximos quatro anos, quer em provas nacionais quer em internacionais.

As investigações revelaram que Margaret, que não estava inscrita para Los Angeles, substituiu a sua irmã gémea Madeleine na meia-final dos 4X400 metros, permitindo assim que a equipa de Porto Rico se classificasse pela 1.ª vez para a final da prova. As três restantes componentes da equipa feminina (Angelita Lind, Marie Lande e Evelyn Mathieu) foram igualmente suspensas ainda que apenas por um ano, por terem conhecimento da substituição.

123

RTP

concurso

NOME .....

Idade ..... Profissão .....

Morada .....

Localidade ..... Cod. Postal .....

Telefone .....

Freguesia ..... Concelho .....

Tem televisor? ..... N.º Licença .....

ACOMPANHANTE .....

Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.

'Seixalíada': orgulho dum concelho

A Seixalíada terminou com o mesmo ambiente como começara no passado dia 17 de Setembro. Alegria, movimento e festa. Festa do povo. Festa da gente que trabalha e que estuda. Festa de jovens e de trabalhadores. Adesão total e durante os dezassete dias em que o Seixal foi um concelho onde predominou o desporto e a educação física e esteve presente a cultura de um burgo que através das suas iniciativas deverá servir de padrão a todas as regiões do País. Terminou a 3.ª Seixalíada. Que importam os resultados? Que significado têm os golos marcados ou sofridos, os segundos a mais ou a menos numa corrida ou o apuro de reflexos sobre os tabuleiros do xadrez? Julgamos que pouco, quando pelos ginásios e pavilhões passaram cerca de 10 mil praticantes desportivos e se verificou adesão absoluta de um concelho que alberga 100 mil pessoas. Últimos resultados:

ANDEBOL – seniores masculinos: final Jornal «Nova Maré», 29-Câmara Municipal de Almada, 13; 3.º e 4.º lugares: Alto do Moinho-Comércio e Indústria, 15-14; seniores femininos: 3.º, e 4.º lugares; Francisco Lobo-Alhos-vedrenses, 32-5; final: A. Silva Silva-Seixal FC, 31-2.

VOLEIBOL – seniores masculinos: 3.º e 4.º lugares: Petrogal de Sines-Meninos do Coro, 3-0; final: Diabos Vermelhos-Central de Cervejas, 3-0.

HÓQUEI EM PATINS – iniciados: 3.º e 4.º lugares: Lisnave-Sesimbra, 4-2; final: Seixal FC-Diana de Évora, 6-1.

FUTEBOL DE SALÃO – seniores masculinos: 3.º e 4.º lugares: Loja das Tintas-Brasileiro, 1-0; final: Móvel Moda-Fogueteiro, 2-0.

BASQUETEBOL – seniores: 3.º e 4.º lugares: Escola Naval-Os Cariocas, 58-55. Final: Electro Camões, 72-Levromínio, 58.

ATLETISMO – Prova para concorrentes dos 5 aos 15 anos – até aos anos: Nuno Correia e Paula Cristina: 6/7 anos: Vítor Nuno e Sandra Candeias; 8/9 anos: Nuno Sobral e Carla Silva; 10/11 anos: Vítor Alfaiate e Dinora Alexandre; 12/13 anos: Vasco Rosa e Paula Geral; 14/15 anos: Joaquim Ventura e Lucília Cardoso.

DAMAS – semi-rápidas 10 minutos: 1.º António Evangelista (Torriense); juniores: João Miguel Carminhas (Quinta da Princesa).

TÉNIS DE MESA – masculinos: 1.º João Nunes (Águias do Fogo); 2.º Eduardo Ribeiro (Camarinha); 3.º António Peixe (Académica da Amadora); 4.º Manuel Ribeiro (Camarinha). Por equipas: 1.º Camarinha, 24 pontos; 2.º Paço de Arcos, 16; 3.º Quinta da Lomba, 5.

Femininos: 1.ª Rosa Salgado (individual); 2.ª Cláudia Alegria (Quinta da Lomba); 3.ª Eduarda Ribeiro (Camarinha); 4.ª Cristina Alves (Serviços Municipalizados de Setúbal). Por equipas: 1.º Quinta da Lombra, 13; 2.ª Camarinha, 10.

O festival de encerramento teve como cenário o moderno e bem apetrechado pavilhão gimnodesportivo do Clube de Pessoal da Siderurgia Nacional e foi caracterizado pela graciosidade e beleza de um punhado de ginastas e patinadores representantes de colectividades de Alhos Vedros, Torre da Marinha, Paio Pires e Alto do Moinho. Pavilhão repleto. Alegria total. Era a Seixalíada. É assim a Seixalíada.

AH

Atletismo: I "milha de Madrid"

Quarto lugar para Leitão

António Leitão e Fernando Couto classificaram-se em quarto e oitavo lugar, respectivamente, na primeira milha de Madrid em atletismo.

A prova foi ganha pelo espanhol José Abascal com o tempo de 4 minutos e 05,7 segundos, seguido pelo austríaco Robert Nemeth, com 4.06,0.

Classificação:
1.º José Abascal (Espanha) 4 minutos 05,7 segundos; 2.º Robert Nemeth (Áustria) 4.06,0; 3.º Sidney Maree (EUA) 4.09,5; 4.º **António Leitão** (Portugal) 4.09,7; 5.º José Luís Gonzalez (Espanha) 4.11,0; 6.º Jaime Lopez Egea (Espanha) 4.11,5; 7.º Benjamin Fernandez (Espanha) 4.12,2; 8.º **Fernando Couto** (Portugal) 4.13,2; 9.º Andres Vera (Espanha) 4.13,3; 10.º José Luís Carreira (Espanha) 4.13,4; 11.º Ray Flinn (Irlanda) 4.15,7; 12.º Pierre Deleze (Suiça) 4.15,8 e 13.º Coloman Trabado (Espanha) 4.20,0.

Carlos Cabral ganha em Vilamoura

O sportinguista Carlos Cabral venceu a prova de 13 mil metros do Grande Peémio de Outono, de atletismo de Vilamoura, gastando o tempo de 41.18,00 minutos contra 43.02,00 de Paulo Madeira (Farauto) segundo classificado. José Guerreiro (também da Farauto) ficou em 3.º lugar com 43.58,00.

No sector feminino ganhou Fernanda Trigoso, Grupo Desportivo de Vilamoura, com uma hora 0,8 minutos, 16 segundos.

Meia Maratona das Açoteias

O complexo turístico algarvio da Aldeia das Açoteias organiza em 25 de Novembro deste ano a sua já tradicional meia maratona, desta feita na quinta edição.

José Sena, em seniores masculinos e Rosa Mota, em femininos, foram os vencedores de 1983, com os melhores tempos até agora registados na prova.

Maratona de Colombus

O holandês Gerad Nijboer venceu domingo a Maratona de Colombus, com o tempo de 2 horas, 13 minutos e 40 segundos.

A prova, com o percurso pelas ruas de Colombus, teve um início muito lento. Nijboer, que não terminou a Maratona de Los Angeles, passou para o comando aos 38 quilómetros, imprimindo maior ritmo e acabando por cortar a meta com mais de um minuto de vantagem sobre o segundo. Josef Nzau, do Quénia, 7.º na Maratona Olímpica de Los Angeles, foi o segundo, seguido do britânico Adrian Leet.

Na prova feminina a vitória foi para a inglesa Priscilla Welch, cronometrada com 2 horas 38 minutos e 0,4 segundos, seguida de duas atletas norte-americanas – Janis Ettel (2.38,27) e Bárbara Filiutzi (2.41,18).

Vela: Cascais domina campeonatos

A dupla Miguel Magalhães-Tiago Marques, do Clube Naval de Cascais venceu o Campeonato de Portugal de Vela, Classe 470.

O campeonato, organizado pelo Clube Naval Setubalense, com a presença de 17 tripulações, compreendeu seis regatas e decorreu durante três dias, ao largo de Setúbal.

Classificação das cinco primeiras tripulações:
1.º Miguel Magalhães - Tiago Marques (C.N. Cascais) 16.7; 2.º Frederico de Melo - Jorge Vovone (C.N. Cascais) 19; 3.º Pedro Silva - Jorge Silva (C.D. Paço de Arcos) 26; 4.º José Reis - Paulo Brinco (Ass. Naval Lisboa) 27; e 5.º Pedro Arnoso -Miguel Empis (C.N. Cascais) 34.4.

Classe Laser em Sines

Na baía de Sines, disputou-se o Campeonato Nacional (Classe Laser) cabendo o triunfo ao velejador Fernando Bello, do Clube Náutico de Cascais. Classificação: 1.º Fernando Bello, 2.º Jacky Nebrel (C.N. Brondor), 3.º Francisco Bastos (CN de Cascais), 4.º Fernando Passeiro (CN Cascais) e na quinta posição ficou Bruno Marques do mesmo clube. Pedro Bolina, do Clube de Vela do Barreiro triunfou na categoria de juniores, enquanto Maria Amélia Domingos chamou a si o título de campeã nacional.

Por equipas, triunfou o Clube Naval de Cascais e na segunda posição classificou-se a Associação Naval de Lisboa.

Andebol: Belenenses vence torneio de Évora

O Belenenses, ao vencer ontem na final o Benfica por 21-17, conquistou o segundo torneio «Cidade de Évora» em andebol, disputado este fim-de-semana. Ao intervalo os benfiquistas venciam por 11-8. Tal como se previa, ambas as equipas se apresentam na máxima força tendo ganho a turma que de princípio a fim foi a mais calculista.

Começando bem, os homens da Luz depressa se adiantaram no marcador, posição que mantiveram até cerca dos dez minutos finais, altura em que o Belenenses conseguiu o empate a 16 bolas.

Para a vitória do Belenenses contribuiu muito a magnífica exibição do seu guarda-redes José António, que tudo defendeu, e a experiência do seu «veterano» Espadinha, que ao longo do jogo constituiu um autêntico «quebra-cabeças» para os homens da Luz.

A anteceder a final, teve lugar o encontro de apuramento do terceiro e quarto lugares, em que o Vitória de Setúbal venceu o Lusitano de Évora por 31-19.

Sob a arbitragem de Carlos Moura e Mário Ribeiro, as equipas alinharam e marcaram:

BELENENSES: José António; Vital, (3), Janeiro (4), Pinho (2), Mendonça (2), Crespo (2), Espadinha (1), Paris (5), Nuno Marta, José Pais e Emanuel (1).

BENFICA: Santa Bárbara; José Gonçalves (5), Paulo Veríssimo (1), Carlos Almeida, Rui Ferreira (2), V. Cabaço (1), Gentil (6), J. Manuel (1), Vasco Vasconcelos (1), José Cabaço, Bernardo Vasconcelos e João Manuel.

Ciclismo: "nacional" de rampa

Xavier e Vargues: novos campeões

José Xavier (em profissionais) e Luís Vargues, em seniores «A», sagraram-se campeões nacionais de rampa em ciclismo.

José Xavier, do Sporting, correu os 3900 metros do percurso entre o Cerro de S. Miguel e o posto de antena retransmissor de S. Miguel no tempo de 11 minutos e 8 segundos, seguido do seu companheiro de equipa Paulo Ferreira, com 12 minutos e 36 segundos.

Estes foram os dois únicos concorrentes à prova para ciclistas profissionais.

Em seniores «A», Luís Vargues, do Olhanense, cobriu os 3000 metros do percurso em 8 minutos e 17 segundos, seguido de Jorge Corvo, do Tavira, com 9,03, e de José Barbosa, do Loulé, com 10.38.

O anterior campeão nacional, Venceslau Fernandes, não participou na prova, para denfender do título o que não terá agradado muito aos seus adeptos.

Volta a Estremoz

Carlos Silva e o Clube Futebol Estremoz venceram individual e colectivamente a Volta a Estremoz, em bicicleta, destinada a seniores «B». Francisco Romão, do Atlético de Reguengos, classificou-se em 2.º lugar, seguido de João Semedo, do Estremoz.

A prova, que serviu para apresentação da equipa do Estremoz, contou com a presença de algumas dezenas de ciclistas portugueses e espanhóis. O Estremoz apresentou também as suas equipas de ciclismo de diversos escalões etários em provas que tiveram a participação de cerca de 130 ciclistas.

Sean Kelly vence «clássica»

O irlandês Sean Kelly venceu a clássica de Blois-Chaville, que encerra a temporada francesa de ciclismo, percorrendo os 249 quilómetros entre as duas localidades em 6 horas e 46 segundos.

Kelly, que fez a média de 41,411 km/hora, venceu ao «sprint» todo o pelotão, depois de uma corrida monótona.

DESPORTO

Pelé: futuro morador no Palácio das Laranjeiras?

Pelé: presidente brasileiro?

Pelé, um dos maiores futebolistas de todos os tempos, manifestou a intenção de vir a ser eleito presidente do Brasil. Numa entrevista ao jornal «Folha de São Paulo», Pelé (de 44 anos) referiu não estar interessado em ser senador ou congressista mas **preparar-me para ser presidente.** Pelé que se retirou nos campos em 1977 (após ter estado durante três anos a jogar no Cosmos de Nova Iorque) divide agora o seu tempo entre os Estados Unidos e o Brasil.

Pelé (Edson Arantes do Nascimento) adiantou que quando o seu contrato terminar com uma empresa de comunicações terá 50 anos, estando então pronto **para ser o primeiro negro eleito presidente do Brasil. Muitas pessoas julgam esta ideia pretensiosa, mas eu apenas quero ajudar o povo brasileiro. Se um jogador ou actor quer enveredar pela carreira política no Brasil acaba por ser condenado. Mas tal naõ acontece nos Estados Unidos onde Ronald Reagan não teve problemas por se dedicar à política** – disse Pelé.

Ténis: Cordeiro "veste" títulos

Pedro Cordeiro ganhou ontem o I Grande Prémio Beira-Vouga, em ténis, ao bater na final João Maio em dois «sets». Cordeiro, campeão nacional da modalidade, bateu Maio com os parciais de 6/2 e 6/4.

Em pares, a equipa formada por José Cordeiro e Pedro Cordeiro venceu a dupla Alberto Miguel/Pedro Carvalho da Silva com os parciais de 2/6, 7/6 e 6/4.

Chris Lloyd vence em Manhattan

A norte-americana Chris Evert Lloyd ganhou a final do torneio de ténis de Manhattan ao derrotar a australiana Wendy Turnbull com os parciais de 6-2 e 6-3.

Sueco triunfa em Barcelona

O sueco Mats Wilander venceu o torneio de ténis Conde de Godo, disputado em Barcelona, ao bater na final o seu compatriota Joaquim Niestrom por 3-1. Wilander, que conquistou o torneio pela terceira vez consecutiva, venceu com os parciais de 7/6 (7/5 no tie-break), 6/4, 0-6 e 6-2.

Grande Prémio da Europa

Vitória de Prost em Nurburgring transfere título para o Estoril

Alain Prost manteve ontem todas as hipóteses de ser campeão do mundo e aumentou ao máximo a expectativa para o Grande Prémio de Portugal, ao vencer em Nurburgring a penúltima prova do Mundial de Fórmula Um.

Prost, em McLaren-Porsche, comandou a prova de fio a pavio e terminou com duas dezenas de segundos de vantagem sobre o italiano Michele Alboreto (Ferrari) e o brasileiro Nelson Piquet (Brabham), que cortaram a meta quase a par e ambos sem gasolina.

Niki Lauda, em McLaren, foi o quarto classificado e tem no Campeonato do Mundo o total de 66 pontos, contra 61,5 de Prost, antes da derradeira prova, que terá como cenário o Autódromo do Estoril e se realiza em 21 de Outubro.

Prost, para ser campeão, deve anular a desvantagem de Lauda, ou seja, se triunfar, Lauda tem de ser no máximo terceiro, se for segundo, o austríaco poderá ser sexto, e, se o líder do Mundial não pontuar, o francês tem de ocupar um dos três primeiros lugares.

Lauda será sempre campeão no caso de terminar à frente de Prost, de ambos não pontuarem ou se o francês não conseguir cumprir uma das condições anteriores.

Classificação final

1.°, Alain Prost, França, McLaren, 1 h 35 m 13,284 s; 2.°, Michele Alboretto, Itália, Ferrari, a 23,911 s; 3.°, Nelson Piquet, Brasil, Brabham, a 24,922 s; 4.°, Niki Lauda, Áustria, McLaren, a 43,086 s; 5.°, René Arnoux, França, Ferrari, a 1 m 01,430 s; 6.°, Riccardo Patrese, Itália, Alfa Romeo, a uma volta; 7.°, Andrea de Cesaris, Itália, Ligier, a duas voltas; 8.°, Mauro Baldi, Itália, Spirit, a duas voltas; 9.°, Thierry Boutsen, Bélgica, Arrows, a três voltas; 10.°, François Hesnault, França, Ligier, a três voltas; 11.°, Derek Warwick, Inglaterra, Renault, a seis voltas; 12.°, Jo Gartner, Áustria, Osella, a sete voltas.

Classificação do Mundial

1.°, Niki Lauda, Áustria, 66 pontos; 2.°, Alain Prost, França, 61,5; 3.°, Elio de Angelis, Itália,, 29,5; 4.°, Nelson Piquet, Brasil, 28; 5.°, Michele Alboreto, Itália, 27; 6.°, René Arnoux, França, 26,5; 7.°, Derek Warwick, Inglaterra, 23; 8.°, Keke Rosberg, Finlândia, 20; 9.°, Nigel Mansell, Inglaterra, 13; 10.°, Patrick Tambay, França, 10.

Xadrez

Karpov: quarto êxito à vista

O campeão mundial de xadrez, Anatoli Karpov, fez cair numa espectacular armadilha o seu compatriota e adversário Garry Kasparov, e venceu a nona partida ao 70.° lance da final do mundial de xadrez. Karpov obteve assim a quarta vitória faltando-lhe agora apenas duas para ser proclamado campeão mundial pela quarta vez consecutiva.

No recomeço, Karpov conseguiu desconcertar Kasparov ao prolongar durante algum tempo a sua reflexão sobre a jogada 46.ª. A demora de Karpov terá feito crer a Kasparov que o campeão mundial não encontrara durante a sua análise nocturna forma de concretizar na prática a sua vantagem posicional.

Rallye de Castelo Branco

Desistência de Moutinho mantém expectativa

A dupla Joaquim Santos/Miguel de Oliveira, ao volante de um Ford Escort RS 1800, foi a vencedora do Rali de Castelo Branco disputado durante o fim-de-semana, numa organização da Escuderia de Castelo Branco.

Joaquim Santos, dominou totalmente esta penúltima prova do Campeonato Nacional de Ralis, beneficiando da desistência de Joaquim Moutinho, logo nos quilómetros iniciais da primeira prova de classificação denominada Sesmo.

Este rali tinha à partida como aliciante, o despique que se iria viver entre os favoritos ao título, encontrando-se melhor colocado o piloto da Renault/Galp. Bastaria a Moutinho classificar-se em segundo ou terceiro lugar para se consagrar em Castelo Branco campeão nacional de ralis/84. Mas o seu Renault 5 Turbo assim não quis, ficando assim o título para ser discutido na última prova do calendário a disputar no início do mês na região algarvia.

No entanto, Joaquim Santos tinha que vencer este rali para continuar na corrida ao título e como tal apesar de não ter em prova o seu mais directo adversário – Joaquim Moutinho – teve que andar depressa uma vez que Carlos Bica e José Muigel, ambos em Ford Escort RS 1800, não lhe perdoariam qualquer falha.

Aliás, o duo Bica/Muigel repetiu na zona albicastrense a proeza realizada em Trás-os-Montes aquando do Rali do Alto Tâmega.

Mas Sesmo-1, não foi azarento só para Joaquim Moutinho. Foi também para pilotos que teriam uma palavra a dizer neste rali, tais como «Ojuara» (Ford Escort), que se dispistou logo nos primeiros quilómetros do troço, João Cardoso (Ford Escort RS) que danificou a suspensão saltando-lhe a roda da frente do lado esquerdo, Rogério Tavares (Opel Manta) que queimou a junta da cabeça e Manuel Costa (Golf GTI) com problemas eléctricos.

António Rodrigues, em Lancia Rali, que regressou a este tipo de provas, não foi muito feliz, tendo saído da estrada por duas vezes, sendo uma delas fatal, quando percorria a segunda passagem pelo troço de Sesmo. Foi obrigado a abandonar a prova.

A dupla Rui Souto/Eduardo Cid, mais uma vez não terminou uma prova, já que o seu Escort ficou inoperativo, com o diferencial partido.

A partir da quarta prova de classificação, começava a luta para o segundo lugar, entre os Ford de José Miguel e Carlos Bica, bem como para o primeiro lugar do Agrupamento A, entre Jorge Ortigão, António Coutinho e Ramiro Fernandes.

Devido a esta luta cerrada, tanto para os lugares secundários da geral como para o Grupo A, os pilotos «puxaram» ao máximo pelos seus carros.

Foi de facto uma prova interessante de seguir, este despique para a primeira posição do A, que acabaria na sétima prova de classificação, quando o Toyota Corolla de António Coutinho partiu o semieixo e na classificativa seguinte o Fiat Ritmo de Ramiro Fernandes deixou de rodar por ter o diferencial partido.

Quando os concorrentes passavam pelo troço de Urraca com uma extensão de 17,8km, tudo parecia já definido com os pilotos a acautelarem-se para manter as suas posições até Castelo Branco.

Com o cair da noite o rali tornou a viver momentos de expectativa quando Carlos Bica, inconformado com o terceiro lugar, atacou nas últimas classificativas, vindo a recuperar em cada uma delas bastante tempo e chegando mesmo à penúltima com um avanço sobre José Muigel de 1 minuto e 31 segundos.

Classificação final

1.°, Joaquim Santos (Ford Escort), 1 hora, 55 minutos e 50 segundos; 2.°, José Muigel (Gord Escort) a 1 minuto e 29 segundos; 3.°, Carlos Bica (Ford Escort), a 1.29; 4.°, Inverno Amaral (Citroën Visa), a 5.35; 5.°, Jorge Ortigão (Toyota Corolla GT), a 7,16; 6.°, António Santos (Ford Escort), a 10.05; 7.°, Artur Lemos (Toyota Starlet), a 13.09; 8.°, António Lucas (Ford Escort), a 14.21; 9.°, Manuel Rolo (Escort RS), a 18.51; 10.°, Eduardo Correia (Toyota Starlet), a 19.57; 11.°, Henrique Cunha (Opel Manta), a 25.30; 12.°, Luís Leal (Escort), a 32.16; e 13.°, António Correia (Ford Escort), a 36.50.

Tiago Alexandre

Mundial de Rallyes

Vatanen vence em S. Remo

O finlandês Ari Vatanen ganhou ontem no seu Peugeot 205 Turbo o Rali de São Remo, prova do campeonato do Mundo, depois de defender com facilidade um último ataque da Lancia na quinta etapa, corrida sob chuva intensa.

Vatanen partiu para a última etapa, são Remo-São Remo, de 377 quilómetros, com uma vantagem de quase cinco minutos sobre o alemão federal Walter Rohrl no único Audi Quattro ainda em prova.

Mas a meio da madrugada Rohrl perdeu o controlo do veículo numa estrada perto de Perinaldo, magou-se na mão esquerda e foi obrigado a abandonar.

«A visibilidade era nula», declarou aborrecido, o piloto. «Às vezes deslizávamos sobre a água ao longo de 60 metros».

A desistência permitiu a Mássimo Biasion, Itália, que o seguia de perto, passar para o segundo lugar, mas o piloto da Lancia perdeu a seguir dois minutos e cedeu a posição ao companheiro de marca Attilio Bettega.

As posições de ambos mantiveram-se inalteráveis até final e quer Bettega quer Biasion atacaram nas últimas provas especiais, recuperando algum tempo, mas não o suficiente.

Vatanen, com or irlandês Terry Harryman ao lado, gastou no total oito horas, 44.34 minutos, deixando Bettega a 5.27 minutos e Biasion a 9.24.

Classificação final

1. Ari Vatanen, Filândia/Terry Harryman, Irlanda, Peugeot, 8.44,34; 2.° Attilio Bettega/Maurízio Perission, Itália, Lancia, a 5.27; 3.° Masssimo Biasion/Tiziano Siviero, Itália, Lancia, a 9.24; 4.° Fabrizio Tabaton/Luciano Tedeschini, Itália, Lancia, a 23.19; 5.° Jean-Pierre Nicolas/Charley Pasquier, França, Peugeot, a 28.42; 6.° Kalle Grundel, Suécia/ Peter Diekmann, RFA, Wolkswagen, a 58,56; 7.° Massimo Ercolani/Giuseppe Amati, Itália, Opel, a 1.05,28; 8.° Gerhard Kaalnai/ Franz Zehentner, Áustria, Opel, a 1.13,21; 9.° Michele Rayneru/ Ergy Bartolich, Itália, Fiat, a 1.20,31; 10.° Werner Grissmann/ Jorg Pattermann, Áustria, Audi, a 1.28,48.

Classificação do mundial

Pilotos: 1.° Stig Blomvqist (Suécia) Audi, 113 pontos; 2.° Markku Alen (Finlândia) Lancia, 90; 3.° Hannu Mikkola (Finlândia) Audi, 86; 4.° Attilio Bettega (Itália) Lancia, 49; 5.° Massimo Biasion (Itália) Lancia, 43; 6.° Ari Vatanen (Finlândia) Peugeot, 40.

Marcas

1.° Audi, 116 pontos; 2.° Lancia, 108; 3.° Peugeot, 56; 4.° Renault, 55; 5.° Toyota, 48.

Outro problema para Eriksson:

Antonelli no "estaleiro"

Roberto Antonelli, avançado da equipa de futebol do Roma, foi operado numa clínica da capital italiana a uma rotura no «tendão de Aquiles» do pé esquerdo. A lesão do futebolista italiano foi contraída durante o jogo que, na passada 4.ª feira, opôs o Roma ao Stteaua (da Roménia). Antonelli deverá permanecer com a perna engessada durante os próximos 25 dias, sendo-lhe aplicado nos 25 dias seguintes novo gesso com um peso na extremidade a fim de proteger o calcanhar. Parece certo que a ausência de Antonelli dos campos de futebol pode durar seis ou sete meses.

MINI-CRUZEIRO A GIBRALTAR E CEUTA

A bordo do moderno paquete "FUNCHAL"
Classe única • Serviço de 1ª cl.

Partida: 1.11.84 (4 dias)
Preços excepcionais desde 24.900$

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840 abreu

LISBOA	- Av. da Liberdade, 160	Tel. 371341
LISBOA	- Av. de Roma, 66-B	Tel. 805096
LISBOA	- Estrada de Benfica, 451-C	Tel. 742181
CASCAIS	- Galerias Estoril-Sol, 3	Tel. 280861
ALMADA	- Rua de Olivença, 9-C	Tel. 2756272
LEIRIA	- R. Mouz. de Albuquerque, 90	Tel. 31181

PORTO - BRAGA - GUIMARÃES - AVEIRO - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

ALVARÁ Nº36 OPERADOR TURISTICO

URSS

REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Viagem de 2 a 14 de Novembro especialmente para jovens
Preço excepcional: 50 000$00
incl. transportes, refeições, visitas

Voando com a AEROFLOT

Informações e inscrições
AGITURISMO
Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv Op 414

Earl Hines no Clube Hangover

A experiência de um pianista

«Earl Hines no Clube Hangover» é o mais recente disco editado em Portugal do pianista. As gravações das faixas nele incluídas datam de 1955, a meio de um prolongado contrato com o clube e, numa fase em que a aceitação pública do seu trabalho não era a melhor.

O agrupamento é dos que frequentemente Earl Hines constituía e que nada tinham a ver com os pretensiosismos da crítica que enquadra os músicos em «escolas». O trompetista Marty Marsala, que raramente participou em discos, era um seguidor de Condon. O clarinetista Darnell Howard, um ex-violinista veterano, tinha primeiramente gravado com W. C. Handy em 1917. James Archey, o trombonista tocou durante largos anos na orquestra de Luís Russel.

Foi com Ed Garland, no contrabaixo e Joe Watkins, na bateria que o grupo ganhou coesão, num estilo brilhante que se releva sobretudo no tema «Darktown Strutters Ball». A sonoridade do trompete de Marsala confere ao disco uma certa agradabilidade, que se realça, no solo na composição «Jazz Me Blus» de Delaney.

A composiçao «Back O'Town Blues» mostra um trabalho de Archey no trombone um tanto bucólico, que resulta muito bem no tema «Ballin' The Jack», apoiado na secção rítmica. O que é fundamental neste álbum é o piano de Earl Hines, estimulando toda a formação encorajando vocal e instrumentalmente, desenvolvendo acordes excelentemente bem tocados em rápidas sucessões de notas, comprovados integralmente no tema «Honeysuckle Rose».

Na época da gravação destas faixas já a tendência do jazz era orientada no sentido das escolas «cool» do jazz moderno e Hines ainda se encontrava a 10 anos do seu importante concerto de 1963 em Nova Iorque, o qual iria pôr o seu nome na galeria dos mais importantes pianistas de jazz.

Dedos soltos

O seu entusiasmo por tocar foi sempre uma constante que se manteve inalterável, fosse qual fosse o período em que se encontrasse. Conta Alistair Cooke a história de Muggsy Spanier – que com Hines tocou a maior parte do tempo do Clube Hangover – que ao entrar uma manhã no clube «uma estranha música partia do piano», avançou no escuro indo encontrar Hines, sentado ao piano, como aparentemente fazia duas ou três horas todas as manhãs, a ensaiar, não os temas que habitualmente tocava, mas os concertos para piano de Mozart e de Bethoven. E quando Spanier se aproximou, Hines olhou-o e disse: «É só para manter os dedos soltos!».

Artie Shaw afirmou uma vez, ao referir-se aos primeiros tempos da juventude musical de Armstrong, que o «jazz praticamente teve origem em Louis Armstrong. O único músico que surgiu por essa altura e teve papel semelhante foi Earl Hines». E, foi a partir do momento que, em 1927, Hines e Armstrong se encontraram numa rua de Chicago, e que o trompetista desafiou o pianista com um «devias ir para Chicago tocar com os músicos mais novos do nosso agrupamento», que Louis se defrontou pela primeira vez com um talento que o viria quase a igualar.

Os três anos que se seguiram permitiram diversos encontros entre os dois músicos, que levaram a «duelos» interessantes entre o trompete e o piano, dos quais Hines e Armstrong confirmavam publicamente a possibilidade desta arte de duelos entre os dois instrumentos.

O pianista caracterizava-se no seu género por ser um dos poucos músicos que nunca se contentou em emitar e progredir na sombra de Armstrong. Havia uma competição musical recíproca em todos os discos que gravaram juntos e até uma certa rivalidade.

Rivalidade com Louis

Durante algum tempo essa rivalidade não afectou a amizade entre os dois músicos, havendo entre eles uma admiração mútua. Sabe-se que era frequente Louis falar de Earl com palavras amistosas como «aquele grande pianista, Earl Hines». Mas em 1930, Hines constituiu o seu próprio agrupamento, em vez de seguir Armstrong para Nova Iorque.

Mais tarde, quando os dois tocaram juntos no All-Stars de Armstrong, algumas vezes os seus talentos colidiram pontualmente. Ao recordar a actuação do All-Stars em 1948, em Nice, Humphrey Lythleton observou: «a exuberância de Hines, foi refreada por mais de uma vez por Armstrong com um seco 'Já chega rapaz'».

Posteriormente, depois de várias situações de fricção entre o pianista e o trompetista, Hines esclareceu que a única razão que o prendia a All-Stars era Jack Teagarden, e tanto era verdade, que quando Teagarden saiu, Hines procedeu da mesma maneira. Quando um dia Armstrong afirmava que «muitos bons músicos tornam-se maus amigos» referia-se aos conflitos com Hines.

Hines é um pianista observador e atento, que consegue aliar a um domínio completo dos seu instrumento, uma inclinação para explorar o lado comercial das suas apresentações, o que o faz destacar-se no palco de qualquer outro músico. Relativamente aos músicos seus contemporâneos, Hines é um homem progressivo permanentemente atento aos novos talentos independentemente da idade e das convicções musicais.

A sua grande orquestra de 1944 incluía músicos, no princípio das suas carreiras, tais como Dizzy Gillespie, Charlie Parker, Wardell Gray e Sharah Vaughan. Em 1975, num programa de jazz de televisão na BBC com o quarteto de Earl Hines, as câmaras preocuparam-se mais em filmar a cantora e o jovem baterista do que o próprio pianista.

Mesmo assim, e por tudo isto, Hines continua a manter o seu nome bastante popular e pronto a lutar pelos seus direitos como figura fundamental do jazz, o que se torna necessário num mundo em que nem sempre são homenageados aqueles que o merecem.

EMC

Mariema

Carlos Quintas

Vera Mónica

Maria Vitória: elenco alterado

No Teatro Maria Vitória, onde desde os finais de Junho, Ausenda Bastos e Hélder Costa apresentam a revista «O Bem Tramado!!», ultimam-se os preparativos para a alteração que o elenco cimeiro vai sofrer já na próxima semana, com as saídas dos titulares daquele espectáculo, Florbela Queiroz, Varela Silva e Natalina José, por compromissos anteriormente assumidos.

Para aqueles lugares vão entrar Vera Mónica, Carlos Quintas e Mariema, ficando a partir da próxima semana o elenco cimeiro do Maria Vitória a ser composto por Eugénio Salvador, Vera Mónica, Carlos Cunha, Mariema, Carlos Quintas e a fadista Marina Mota.

De recordar que «O Bem Tramado!!» é um original de Henrique Santana, César de Oliveira, Rogério Bracinha e Augusto Fraga, com música de João Vasconcelos, Jorge Machado e Nuno Nazareth Fernandes, sendo a montagem de Hernâni e Rui Martins e os figurinos do guarda-roupa, adereços e chapéus, de Helena Reis.

Com esta lufada de ar fresco no elenco, pretendem os responsáveis fazer prolongar a carreira de «O Bem Tramado!!», no Teatro Maria Vitória até aos finais do ano, enquanto se prepara a nova revista, esta a ser cozinhada já por uma nova parceria e com muitas novidades em todos os sectores, como oportunamente será dado conhecimento.

Até lá, vai continuando «O Bem Tramado!!», uma revista alegre, agora com novo motivo de atracção, com a entrada dos novos elementos.

Música de filmes

O Verão a dançar

Em matéria de edições discográficas de música de filmes o Verão foi ocupado pela onda da dança nos «écrans» de Lisboa. Mas na **rentrée** as coisas parecem mudar (para melhor).

Três discos de música de filmes chegaram às discotecas este Verão, contendo bandas sonoras de outras tantas fitas, **Breakdance, Beat Street** e **Footloose.** Em todos os casos filmes e discos estavam unidos por um mesmo fundo, a dança. Nos dois primeiros casos filmes e música vinham envolvidos no último grito: a «breakdance».

Na sociedade de consumo que vivemos as modas são cíclicas e sempre fortemente apoiadas promocionalmente. Trata-se de inventar, a cada passo, um simulacro de **novo** e de o explorar ao máximo. Na complexa relação entre os produtores de mercadorias desta sociedade, as modas tendem cada vez mais a procurar vender uma crescente diversidade de objectos. A «breakdance» é apenas o mais recente e a que está na crista da onda e não é preciso ser profeta para lhe entrever um limitado horizonte. Uma curiosidade: as fábricas de vestuário desportivo estão, pela primeira vez, na jogada promocional, a Nike patrocina **Breakdance,** a Puma patrocina **Beat Street,** já que para dançar acrobaticamente melhor é munir-se de equipamento apropriado: a «breakdance» não se pratica de fatinho. Compre uns ténis e um fato de treino da marca que vê no «écran»...

Bem, e a música? Confesso ter alguma dificuldade em aderir à escravatura do ritmo, ao condicionamento sensorial provocado por uma batida uniforme sobre a qual se articulam sons mais ou menos sintéticos e relativamente indistintos. E se **Footloose** não alinha na moda «break» nem por isso o que o seu som revela de essencial é menos condicionante.

De qualquer maneira e para que conste: música para dançar, nas novas febres de sábado à noite, há. Não particularmente sugestiva, convenhamos, mas há.

A **rentrée,** porém, trouxe-nos um novo alento em matéria de edições discográficas de música de filmes: saiu o disco referente a **Once upon a Time in América** de Leone, música de Morricone.

Aqui está uma banda musical com tudo o que faz as delícias do cinéfilo, isto é, uma música visualmente sugestiva, que nos faz pensar em imagens, sentimentos; a vontade de ver o filme aumentar a cada nova audição do disco e, certamente prolongará indefinidamente a sua memória após a ele termos acedido. É uma música tocada pela tragédia e pela nostalgia, por uma grandeza triste, por um romantismo embargo. Oiçam-na: Morricone continua em grande forma. **Fichas dos discos recenseados:** «Original motion picture Soundtrack – **Breakin**», Polydor 821 919 – 1, ed. portuguesa Polygram (1984); «Original motion picture Soundtrack – **Beat Street**», Atlantic 756 78-0154-1, ed. portuguesa Rádio Triunfo (1984); **«Footlose** – Original motion picture soundtrack», CBS 702446, ed. portuguesa CBS (1984); «Original motion picture soundtrack – **Once upon a Time in América,** Mercury 818 697-1, ed. potuguesa Polygram (1984).

J.L.R.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2613, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Santa Eulália concelho de Elvas, de uma linha aérea a 30 KV com 290 metros, do poste n.º 253 da linha Portalegre-Elvas, ao posto de transformação n.º 1087 de Santa Eulália.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Setembro de 1984

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Fronteira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/2422, arquivo 95, para o estabelecimento na frerguesia de Cabeço de Vide, concelho de Fronteira, de uma linha mista a 30 KV com 973 metros (parte aérea com 953 metros e parte subterrânea com 20 metros) do poste n.º 60, da linha para o PT n.º 64 de Cabeço de Vide, ao posto de transformação do Lagar Cooperativo de Cabeço de Vide.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Setembro de 1984.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e nas Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Franca de Xira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6086, arquivo 9, para o estabelecimento nas freguesias de Alverca e de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, de uma linha aérea a 60 Kv, n.º 6104, com 654 metros, entre o P.S. n.º 3401 (Sobralinho) e a Subestação n.º 1401 (Alhandra) em Alhandra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 24 de Setembro de 1984.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

Mostra de teatro espanhol

Seis companhias em Lisboa

Propomo-nos oferecer um bloco informativo sobre o que se faz, actualmente, em Espanha no âmbito do teatro... Afirmou José Manuel Garrido Guzman, director-geral de Música e Teatro do Ministério da Cultura espanhol. Eis, em síntese, o que anima a **Mostra de Teatro Espanhol** que, dentro de dias, entre 9 e 31 de Outubro, vamos ter oportunidade de apreciar.

Mostrar – é isso, mostrar – que tipo de teatro, que tipo de organização, que tipo de política teatral existe **ali ao lado**. Em suma, um exercício da cultura ibérica à qual pertencemos. Com efeito (não sei se, por preconceito, se por desleixo) dispomos de uma visão muito reduzida da cultura que em Espanha se produz. E vice-versa: também os nossos vizinhos estão a leste do que nós fazemos e, portanto, do que nós somos. Tão próximos e tão distantes – será já a mostra de teatro espanhol o indício de que os governantes dos dois países estão, efectivamente, interessados na alteração deste estado de coisas?

José Manuel Garrido diz que sim. **Há que romper com os obstáculos que impedem a comunicação. Se vão a Espanha companhias de teatro francesas, inglesas... porque não poderão, igualmente, ir portuguesas?** Quanto ao critério de selecção que marca esta mostra parece-nos bastante razoável. Dois nomes, dois clássicos do teatro espanhol traduzem a solidez cultural que lutou, num passado recente, para manter a sua identidade. São eles Vale Inclan e Garcia Lorca, autores indiscutíveis do **antes** da contenda civil. E depois os outros, do **após**, arautos do espírito das gerações mais jovens que garantem a continuidade de um teatro com enorme tradição. Estes, portadores de uma mensagem nova e empenhados numa estética renovada.

Crise? **Não creio que exista crise teatral em Espanha. Temos 600 companhias, oitenta ou noventa festivais por ano... cada cidade ou povoação, por mais modesta que seja, faz questão em organizar o seu festival. Só em Madrid há uma oferta de 5000 lugares, o que para uma capital europeia não é mau. Posso, ainda, adiantar que passaram, este ano, pelos teatros de Espanha cerca de 350 mil espectadores.**

No entanto o teatro espanhol, segundo José Manuel Garrido, procura a configuração do seu modelo. A actual administração política, socialista, tenta, apoiada na herança do passado, **normalizar a prática teatral**, insuflando-lhe as tendências da sociedade espanhola, com base numa planificação minuciosa e realista. **Já reflectimos sobre o que era o teatro espanhol e agora, perante o material recolhido, dispondo do diagnóstico, vamos actuar.**

– É socialista?, pergunto a José Manuel Garrido, licenciado em Biológicas pela Universidade de Madrid, mas que sempre teve pelo teatro uma forte inclinação. **Não se nota pelo estilo?** – responde, com humor. **Claro que sou do PSOE... não se vê? Tenho um aspecto moderno.**

Sem público, o teatro não vive. Em Espanha, como em outros países, não há apenas um público, mas diversos públicos, embora se comece a deslizar para a uniformização do gosto. **O nosso público agora exige mais e por isso selecciona mais.** A propósito, José Manuel Garrido alude ao espectáculo «Carmen» (ballet teatral), de António Gades, que esgotou permanentemente, apesar das entradas custarem duas mil pesetas. A sua leitura deste fenómeno é esta: quando o espectáculo é bom, o factor crise não intervém.

Programa

Semelhante sucesso obteve «Luces de Boémia», texto de Vale Inclan encenado por Lluis Pascal, o jovem director, apenas 33 anos, do Centro Dramático Nacional, que abre a mostra em Lisboa. Segue-se a companhia de Nuria Espert com «Dona Rosita La Soltera», uma obra de Garcia Lorca, a que Jorge Lavelli deu expressão teatral. Sobre Nuria Espert, desnecessário tecer considerações, sabe-se que é «um monstro sagrado» do teatro espanhol, com uma vasta carreira artística atravessada por momentos gloriosos.

Shakespeare, Brecht, Genet foram já apresentados por ela e nenhum crítico ousou dizer que Nuria Espert os tivesse deixado ficar mal. Sempre e, em todas as situações, mostrou ser a admirável acriz que é. Bem... Em Lisboa temos ainda hipótese de ver o que na Andaluzia se confecciona em matéria de teatro, através da companhia La Quadra, de Sevilha, que traz na sua bagagem «Nana de Espinhas», uma criação sua, encenada por Salvador Távora. Companhia que arrancou em 1971 com um espectáculo belíssimo, «Quejio», o outro lado da Andaluzia inacessível ao turista, bem longínquo do flamenco e dos touros que a versão oficial divulgava. Contudo estes aspectos não estavam ausentes do espectáculo, só que revelaram o **queixume** do povo andaluz.

Há ainda uma quarta companhia, pois são seis as que se deslocam a Lisboa, na **Mostra de Teatro Espanhol**. E de Madrid· e aposta na tradição medievalista, indo desenterrar Gonzalo de Berceo e os seus «Milagres de Nossa Senhora», na versão teatral de Juan Pedro de Aguilar. O espectáculo, ao que consta, escandalizou algumas alas reaccionárias da Igreja, que não quer dizer rigorosamente nada. Mais uma achega: o espectáculo exige, para que resulte em toda a linha, espaços adequados tais como mosteiros, castelos ou catedrais.

De Barcelona vêm duas companhias: La Claca com «Antologia», texto colectivo do grupo, encenado por Joan Baixas, e Els Comediants, que apresenta «Alé», também produzido, tanto a nível de texto como de encenação, pelo colectivo. Serão, aqui, nesta mostra teatral a voz da Catalunha, o seu sentir, o seu pulsar.

Por fim actuará o Teatro Ibérico, de Lisboa, dirigido pelo galego Blanco Gil, que nos oferece «Celestina» de Fernando Rojas. Mas a delegação cultural de Espanha não se esgota no teatro, tem ainda reservado para nós um painel musical. Citamos: Monserrat Caballé, José Carreras, Duo Matute – Renterias e Trio Barcelona, os oficiantes nos recitais e concertos.

Esta mostra teatral, vai custar ao Governo espanhol perto de 35 mil contos, parcela do orçamento de **dois mil e quatrocentos milhões de pesetas** que o Ministério da Cultura destinou às iniciativas teatrais, ou seja, mais setecentos milhões do que no ano anterior.. Tomáramos nós que o teatro português usufruisse de idêntica protecção, salvo as devidas distâncias (tamanho do País, recursos económicos, etc...) das entidades oficiais.

L.F.

Pano de boca

Este mês é dominado, teatralmente, pela I Mostra de Teatro Espanhol, que permitirá o conhecimento relativamente lato da situação actual do teatro espanhol. De facto, e como afirmou o director-geral do teatro e música espanhol, em conferência de Imprensa no D. Maria II, houve o cuidado de seleccionar espectáculos que não só pertencem a zonas estéticas diferenciadas como a vários modos de produção. Desde a principal companhia espanhola – a do Teatro Maria Guerrero – a um grupo independente como La Quadra, passando por uma companhia privada como a de Núria Espert, esta mostra propõe um panorama relativamente completo do teatro hispânico. Pode lamentar-se a ausência de um actor como José Luiz Gomez com a sua interpretação a solo da «Carta ao Pai», de Kafka, mas não há dúvida de que o que vem aí promete grandes noites teatrais e merece largamente a visita.

Começaremos hoje por três espectáculos, deixando os restantes para posteriores subidas deste pano de boca.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II
(Dias 9, 10, 11, 12, 13 e 14 de Outubro)

Luces de Bohemia
de Ramon del Valle-Inclán
pelo Centro Dramático Nacional

Se o leitor gosta de teatro e se aprecia o Grande Teatro do Mundo, não pode perder este espectáculo. Genial viagem à procura do tempo perdido, farsa trágica cujo percurso nocturno e esperpêntico constitui uma das experiências mais fabulosas que um espectador pode conhecer. «Luces de Bohemia» pertence, sem dúvida, ao número das obras-primas do teatro europeu do século XX. Encenação de Lluis Pasqual, director da companhia, com a interpretação de um dos grandes actores espanhóis, José Maria Rodero, e cenografia do conhecido Fabiá Paigserver. «Luces de Bohemia» é uma coprodução do «Théâtre de l'Europe», como se sabe, dirigido por Giorgio Sterhler no Teatro Odeón, onde se estreou no início do ano.

Sobre este espectáculo vale a pena ler as palavras do crítico e ensaísta Moisés Perez Coterillo, director de «El Publico»: «... Com certeza não há nenhum texto na história do nosso teatro por que tenham lutado com maior paixão e tenacidade, os profissionais – e os amadores – do teatro na Espanha... Tornar a escutar este belíssimo texto, ao qual emprestam vozes e corpos alguns dos nossos melhores actores; sentir-se levado pela sucessão de cenas às quais pôs a cenografia de Fabiá Puigserver uma precisa maquinaria de alinhavos que conjuga a desolação dos grandes espaços vazios e a abertura dos becos sem saída; sentar-se ao lado de Lluis Pasqual, para ver iluminar com luz contemporânea a caverna de sombras do passado e reencontrar um Vale-Inclán à margem das polémicas mal-intencionadas e das desqualificações de procedência duvidosa, é uma oportunidade magnífica para comprovar onde e como se atinge a normalização da nossa vida teatral, que não é coisa muito diferente da nossa madurez de cidadãos» («El Publico» – edição especial).

IGREJA DE XABREGAS
Rua de Xabregas, 54
(Dias 16, 17, 18, 19 e 20 de Outubro)
Antologia
obra colectiva
por La Claca (Barcelona)

Espectáculo de marionetas de formas originais, esta apresentação constituiu um dos grandes atractivos da I Mostra de Teatro Espanhol já que o grupo La Claca é, no seu género, uma companhia amplamente credenciada. Vimo-lo há anos em Paris utilizando formas genialmente criadas por Miró, como então aqui relatámos, com o espectáculo «Mori el Merma».

Em relação a estes três espectáculos não há embaraços de escolha: se puder, o leitor deve ver os três. Quanto aos outros, lá iremos.

Carlos Porto

IGREJA DE XABREGAS
Rua de Xabregas, 54
(Dias 10, 11, 12, 13 e 14 de Outubro)
Los milagros de Nuestra Señora
de Gonçalo de Berceo
pelo Corral del Principe.

Viagem ao mais primitivo teatro espanhol, este espectáculo propõe o conhecimento de uma das fontes primordiais do teatro ibérico. O seu autor, Gonçalo de Berceo, nasceu em finais do séc. XII e consagrou-se como poeta. Adaptado ao palco, «Os Milagres de Nossa senhora» tem «a meticulosidade e o preciosismo duma miniatura medieval com a ternura e a picardia dos primeiros gagueiros da língua castelhana e a sonoridade do gregoriano», diz-se em «El Publico». Trata-se, pois, de um espectáculo que recupera o teatro medieval permitindo um contacto com formas de teatro raramente entrevistas.

Hoje

A RTP-1 apresenta hoje a história de Cecil B. de Mille.

18.02 **Notícias**
18.07 **3, 2, 1, Contacto**
18.40 **Teleregiões**
19.10 **«Os Manions da América»**
20.00 **Telejornal**
20.35 **«O Bem Amado»** – episódio n.º 145.
21.10 **A Propósito de D. Giovanni**
21.40 **A História de Cecil B. de Mille** – um déspota e um talentoso homem do mundo espectáculos, Cecil B. de Mille é um dos pioneiros do cinema americano. O centenário do seu nascimento é comemorado neste filme.
22.30 **Últimas Notícias**
22.45 **«A Tela»** – intérpretes: Karen Meagher, Rita May, David Brierly, Reece Dinsdale e Harry Beety. Realização: Mick Jackson.

A RTP-2 apresenta esta noite a 4.ª Sinfonia, de Tchaikovsky, que será interpretada pela Orquestra Filarmónica de Berlim sob a direcção do maestro Herbert von Karajan (na foto)

RTP 2

19.32 **Notícias**
19.37 **Desenhos Animados** – «Godzilla».
20.00 **«Retalhos da Vida de um Médico»** – «Uma Menina Perfeita».
21.00 **Animação** – animação electrónica.
21.30 **«Guerra dos Sexos»**
22.15 **Jornal da Noite**
22.45 **... Da Música** – 4.ª Sinfonia, de Tchaikovsky. Interpretação da Orquestra Filarmónica de Berlim sob a direcção do maestro Herbert von Karajan.

Amanhã

RTP1 RTP2

18.02: Notícias; **18.10**: «Candy Candy»; **18.35**: Teleregiões; **19.00**: Portugal Contemporâneo – a arte possível; **19.40**: Gestão de Empresas; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «O Bem Amado»; **21.15**: «... E a Vida Continua»; **22.20**: Grande Informação; **23.15**: Últimas Notícias.

19.32: Notícias; **19.37**: Desenhos Animados; **20.00**: «Cenas da Vida Conjugal»; **21.00**: Artistas – Simone de Oliveira; **21.25**: «Guerra dos Sexos»; **22.15**: Jornal da Noite; **22.45**: «O Barco Espião»

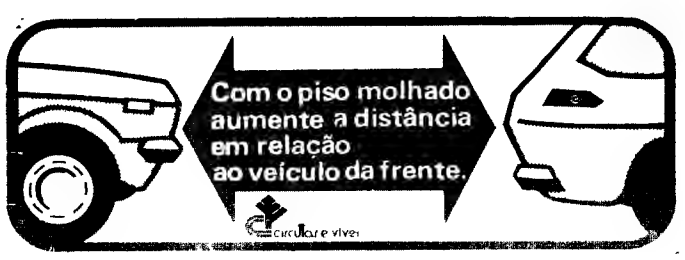
GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1
«A Tela»
(22.45)

RTP 2
4.ª Sinfonia, de Tchaikovsky
(22.45)

RTP1
Junto ao pai, Cecéu informa-se da saúde de Jairo e explica-lhe que o seu relacionamento com Gisa piorou. Dirceu mostra-se muito assustado com um possível confronto entre Cajazeira e Medrado. Joca aconselha Emiliano a afastar-se da cidade mas o filho não está disposto a fazê-lo pois não receia os Cajazeira. Na delegacia, Dona Ana aconselha o cabo e os soldados a estarem atentos. Nervosa, Dulci diz ao vigário que Dirceu soube o que ela disse na confissão. Tentando transformar a cidade num barril de pólvora, Odorico aconselha Dó como vereadora a acusar Lulu Gouveia e Emiliano Medrado como os responsáveis pelo desaparecimento do cadáver. Jairo informa Gisa de que já se encontra em Sucupira e que a quer ver.

Assistência Técnica Gr... g
NACIONAL RÁD...
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada ...71



roteiro cultural

Exposições

● Na sede do Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa, na R. Almirante Barroso, n.º 3, está patente ao público a **Interarte/USL 84,** uma exposição de cerca de 200 trabalhos de pintura, escultura, desenho, fotografia e artesanato, com a qual a União dos Sindicatos de Lisboa se associa às comemorações do 14.º aniversário da CGTP-Intersindical.

● Nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian continua presente ao público uma mostra de trabalhos de **Henrique Pousão.**

● Desenho e escultura de **mestre Barata Feyo** pode ser vista na Galeria «Diário de Notícias», ao Largo do Chiado, em Lisboa.

● Na Sociedade Nacional de Belas-Artes pode ser vista uma exposição de pintura de **Maria Manuela Mourato** que estará patente até ao próximo dia 14.

● Uma mostra de pintura, desenho e gravura de **Paiva Raposo** continua patente ao público no Atrium da Imprensa, na Casa da Imprensa, à R. da Horta Seca, em Lisboa.

● **Uma exposição de tapeçaria oriental e arraiolos e de mobiliário antigo** está patente ao público na Galeria de Arte do Casino do Estoril.

● Pinturas e desenhos de **Peter Lanyon** e fotografias de **Andrew Lanyon** tendo como tema a Cornualha, podem ser vistas nas Galerias Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian, numa organização conjunta daquela Fundação e do British Council.

● No mesmo espaço, e com os mesmos apoios, está patente ao público a exposição **The Rake's Progress.**

● Na Cooperativa Árvore do Porto pode ser vista a exposição «Desenho – 15 artistas do Porto», constituída por obras de **Alberto Carneiro, Albuquerque Mendes, Ângelo de Sousa, António Modesto, Armando Alves, Carlos Carreiro, Domingos Pinho, Emerenciano, Jaime Azinheira, José Rodrigues, Júlio Resende, Mário Américo, Pedro Rocha, Rui Paes e Zulmiro de Carvalho.**

● **Uma exposição de Desenho, Escultura, Gravura e Tapeçaria** de artistas portugueses ou radicados em Portugal, está patente até ao próximo dia 28 de Outubro no Mercado Ferreira Borges, numa iniciativa da Câmara Municipal do Porto, através do seu pelouro da Cultura.

● Ainda na Sociedade Nacional de Belas-Artes, está patente uma exposição de pintura da autoria de **Carlos Ramires.**

● Na Sala maestro Frederico de Freitas, da Sociedade Portuguesa de Autores, está presente ao público uma exposição de montagens de **Victor Palla.**

● No **Instituto de Arte e Design,** à R. do Alecrim, 70, em Lisboa, pode ser vista uma mostra de trabalhos dos alunos do IADE, integrada nas comemorações do 15.º aniversário daquela instituição.

● Na Galeria Almada Negreiros, ao Ministério da Cultura, continua patente a exposição, **Mário Botas (1952/1983).**

● Na Sociedade Nacional de Belas-Artes pode ser vista uma exposição de pintura de **Helena Moura.**

● Pintura a óleo de **Da Costa Maya** está em exposição na Codilivro-Cooperativa de Divulgação e Promoção do Livro, à Praceta dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A, em Lisboa.

● Nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian pode ser vista uma mostra do artista brasileiro **Aparício.** A exposição é uma organização conjunta da Embaixada do Brasil em Lisboa e daquela Fundação.

● Ainda na Gulbenkian, e continuando a ter como tema a arte brasileira, continua patente ao público uma mostra intitulada **Os Mestres do Abstraccionismo Brasileiro.**

● Até ao próximo dia 14, estará patente ao público na Sociedade Filarmónica União Seixalense, no Seixal, a **exposição colectiva de fotografia** intitulada «Itinerários ou quase já visto».

● No Hotel Sintra-Estoril, podem ser vistos trabalhos de pintura e desenho de **Teresa Sottomayor.**

● Na Galeria do Posto de Turismo de Coimbra pode ser visto até ao próximo dia 15 uma mostra de trabalhos de **Nunes.**

● É esta noite inaugurada no Mosteiro da Batalha a exposição temporária **Oficina de Fotografia Batalha 83,** organizada pelo ARCO e pelo Mosteiro. A exposição fica patente ao público até ao próximo dia 2 de Dezembro.

● Pintura de **Albuquerque Mendes,** subordinada ao título «Os Frequentadores do Cabaret Voltaire» está patente ao público na Galeria EG, no Porto.

● No Hotel Balaia, em Albufeira, é hoje inaugurada uma exposição de pintura e desenho que conta com trabalhos de **Humberto de Castro, José Narciso, Marques Galamba, Melo Lopo e Rolmar. A mostra pode ser vista até ao próximo dia 20 de Outubro.**

● Exercícios Pictográficos de **Baltazar Torres** podem ser vistos no «Pub Stalaky», em Cantanhede.

● Pinturas, serigrafias, desenhos, gouaches e fotografias de **Cargaleiro, Eduardo Nery, M. Mourato, Hogan, João Prates, Lima de Freitas, Mar, Raquel de Oliveira, Romy Castro, Rui Filipe e Virgílio Raposo** estão expostos numa nova Galeria em Lagoa, a Greenhill Gallery.

Música

O guitarrista francês **Jean-Baptiste Farraigue** continua em digressão pelo nosso país. Esta noite, interpretando peças do reportório clássico, transcrições de músicas tradicionais celtas e peças para harpa irlandesa, actuará em Peniche.

Cinema

● «Weekend» (Fim-de-Semana), de **Jean Luc Godard,** será exibido esta tarde na sala dr. Félix Ribeiro da Cinemateca Nacional.

● No City-Cine continuam os Cinencontros, todas as noites às 23.45. Hoje será exibido o filme «Sybill», de **Daniel Petrie.**

Colóquios

● **Fausto, Hélder Costa, José Mário Branco, Maria do Céu Guerra e Viriato Teles** falarão esta noite no Teatro «A Barraca», sobre as experiências vividas na Nicarágua.

Jorge Lacão

Continuação da pág. 5

cause, também passa a política. Associações sindicais e patronais, organismos representativos dos mais diversos sectores económicos, sociais e culturais, através deles passa uma acentuada carga de responsabilidades na conformação do clima social. O fenómeno, ainda hoje registável, do corporativismo tem impedido uma maior liberalização e independência na actividade dos organismos representativos. Porém, quanto mais fortes eles forem mais integrada será a vida social — com uma excepção de dois sentidos: quando os interesses do capital se não harmonizam com as regras do jogo democrático ou os do trabalho se não inserem nos da actividade produtiva. Em Portugal, a dialéctica dos extremos tem tido na CIP e na INTER dois agentes difíceis. Neste aspecto, 1985 deverá continuar o esforço de 1984 no sentido da concertação social. Perderá quem ficar de fora. Se acaso fosse o maior número a ficar de fora perderíamos todos.

Em sua lógica antidemocrática, esse é o objectivo político do PCP, o partido desintegrador por excelência da vida nacional: contra a CEE, contra a NATO, contra a liberalização económica, contra a concertação social, contra o IX Governo, contra... estranhamente (apenas na aparência) a favor desse outro factor político que forceja por se impôr na base de uma rotura política: o «cnarpismo». O PCP carece de ter interlocutor político. Por isso tem sido apoiante tático do General Eanes e já anunciou sê-lo de um partido por inventar. O desfecho deste «flirt» ocorrerá em 1985 — por antecipação julgo, todavia, possível concluir que quem politicamente der a mão ao PCP tarde ou cedo se arrependerá. Salvo se lamentavelmente comungar do mesmo projecto de **sociedade alternativa.** Quem poderá, em 1985, desfazer a ambiguidade? Muito provavelmente o eleitorado — que até hoje não cometeu erro assinalável. Confiemos em que, em 1985, afinal de contas será ele a resolver ou a desbloquear soluções para as dificuldades patentes em 1984.

A maior rotativa europeia de "off-set"

A editora alemã federal de Axel Springer, em Ahrensburg, norte da Alemanha, pôs em funcionamento a maior rotativa de «off-set» da Europa.

A nova rotativa, que custou 100 milhões de dólares, tira, numa hora, um milhão de exemplares, a cores, de doze páginas cada um.

Nesta rotativa serão editadas várias publicações da Axel Springer, entre eles o diário «Bild», com uma tiragem de cinco milhões de exemplares, e o semanário «Bild am Sonntag».

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

É D I T O S

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Alenquer, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º PI/6080, arquivo 9, para o estabelecimento no concelho de Alenquer, de uma linha aérea a 10 Kv, n.º 1183/R-23, com 1280 metros, do poste n.º 58 da linha n.º 1183 ao PT n.º 6080, em Vale Reis.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 26 de Setembro de 1984.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	83$80	89$80
ALEMANHA FED (marco)	51$80	52$90
ÁUSTRIA (xelim)	7$30	7$54
BÉLGICA (franco)	2$391	2$591
BRASIL (cruzeiro)	$043	$073
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	120$15	122$15
(notas de 5 a 1000)	120$65	122$65
DINAMARCA (coroa)	14$30	14$70
ESPANHA (peseta)	$883	1$003
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	157$90	159$90
(notas de 5 a 1000)	158$40	160$40
FINLÂNDIA (marka)	24$90	25$50
FRANÇA (franco)	16$90	17$60
HOLANDA (florim)	45$95	46$95
IRLANDA (libra)	161$25	165$25
ITÁLIA (lira)	$076	$086
JAPÃO (iene)	$614	$649
NORUEGA (coroa)	17$90	18$40
REINO UNIDO (libra)	196$15	200$15
SUÉCIA (coroa)	18$15	18$75
SUÍÇA (franco)	62$85	63$95
VENEZUELA (bolívar)	10$55	11$55

Observações:
1 – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2 – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.**

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **18.00**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Musical; **21.30**: Noites de Luar. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

15.35: Sonata, em si bemol maior, D. 960, de Schubert; **16.20**: Música coral sinfónica; **17.25**: Caprichos, n.ºs 7, 8, 9, 10 e 11, de Paganini; **19.00**: Terra viva, planeta azul; **19.30**: Sonatas; **20.10**: Música de bailado; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Trio, em mi bemol maior, de Franz Schubert; **22.45**: 14 Prelúdios, op. 28, de Chopin; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.30**: Poemas sinfónicos; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Programa do Sport Lisboa e Benfica; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca (2 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Desporto; **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Ondas luisianas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Um programa de José Ramos; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizonte; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Ouvir e pensar; **22.00**: Quando o telefone toca; **23.00**: Diário 23; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando

Rede Sul de FM

21.00: Paju; **21.30**: Pentagrama.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: A Universidade na Rádio; **22.57**: Boa noite; **23.00**: A cor do som; **01.00**: As superestrelas do FM. Noticiários a todas as horas.

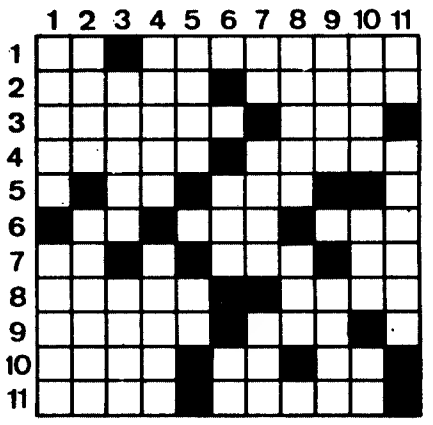
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 155

HORIZONTAIS:

1 Antes de Cristo. Aquentara.
2 Nome de homem. Sensata.
3 Arremesse. Mãe de Rómulo e Remo.
4 Habitem. Gravura a cores.
5 Preposição e artigo. O sustento.
6 Césio (s.q.). Felicidade. Estima.
7 Clima. Figura que simboliza o povo americano. Sufixo que designa estado.
8 Ignora alguma coisa (pop.). Picante.
9 Peixe do género siluro. Para barlavento.
10 Moeda de Dio. Cério (s.q.). Cânhamo de Manila.
11 Ecoas. Habilidades.



VERTICAIS:

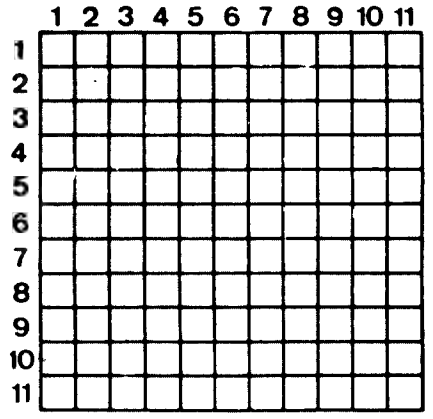
1 Fio de latão. Árvores do Brasil.
2 Diz-se do animal a que se cortou a cauda. Tosto.
3 Observas. Objecto de adorno de matéria preciosa.
4 Que é do ar. Contendas.
5 Aquele que. Preposição e artigo.
6 Patas de animais. Aqui.
7 Pertences. Leito. Prefixo que designa ar.
8 Outeiro. Desgraça.
9 De cobre, zinco ou bronze. Toma como alimento.
10 Escarneciam. Maior. Carta de jogar.
11 Autores. Rezarem.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 10 005

HORIZONTAIS:

1 Antigo idioma americano, ainda hoje falado em grande parte do Peru. Pessoa ordinária ou desprezível (prov. trans.).
2 Árvore do Brasil de cuja casca se extrai o curare. Na Índia, encantador de serpentes.
3 Uma das Cíclades. Estiagem. Nesse lugar.
4 Ósmio (s.q.). Da Polónia.
5 Espécie de feijão chinês.
6 Freguesia do concelho de Guimarães. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
7 Gostar muito de. Sepultura.
8 Antiga capital da Birmânia. O mesmo que ruão.
9 Definhei. O mesmo que urso (ant.).
10 Pega. Pronome pessoal. Isto é.
11 Grandes porções de ossos. Manuscrito.



VERTICAIS:

1 Cidade do Japão. Estima.
2 Bois selvagens. Conselho.
3 Seguias. Nome de frutos.
4 Cento e um em romano. Um dos estados do Brasil.
5 Defendera.
6 Povo antigo da Gália. Interjeição de dor.
7 Repreensão. Basta!
8 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Consentes.
9 Título do antigo soberano da Pérsia. Rezamos.
10 Pronome pessoal (pl.). Utensílio doméstico (inv.). Consentimento.
11 Interjeição da ilha das Flores o mesmo que ah! oh! Grande claridade (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 154

HORIZONTAIS:

1 O. FUTURO. A.
2 Onofre. Cama.
3 Farão.
4 Amas. Pá.
5 Réu. Ratarem.
6 Orna. Relera.
7 Ra. Crio. Ti.
8 Dá. Are. Ice.
9 Eta. it. Asno.
10 uai! Vais. CC.
11 SSS. Asi. Geo.

VERTICAIS:

1 Ooforo. DEUS.
2 Na. Erratas.
3 Fortuna. Ais.
4 Ufa.
5 Troar. Criva.
6 Ue! Marretas.
7 Catei. Il.
8 Oc. Saloias.
9 Au. Re. Cs.
10 Am. PERTENCE.
11 Acamai. Oco.

PROVÉRBIO o futuro, a Deus pertence.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 004

HORIZONTAIS

1 Canas. Aparo.
2 Ataca. Irais.
3 Musa. Uses.
4 Pá.
5 Amorteceram.
6 Mo. Sa. Ele.
7 Com. Miomas.
8 Ta! Eco.
9 Erin. Lusas.
10 Oprimam. Ter.
11 Rã. Arredara.

VERTICAIS:

1 Campas. Teor.
2 Atuam. carpa.
3 Nas. Omo. Ir.
4 Aca. Roménia.
5 Sa. At. Mr.
6 Esmolar.
7 Ais. Cai. Ume.
8 Prevê. Ois.
9 Aas. Rem. Ata.
10 Ri. Sala. Ser.
11 Osa. Mesa. Ra.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. a.
Falado em português
AS AVENTURAS DA TURMA DA MÓNICA
3.ª Semana

ÁVILA 539930

Av Duque d'Ávila, 92A

M.12 a.
3 Óscares
OS ELEITOS
7.ª Semana

AVIS 547153

Av Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
PROFISSÃO MULHER

BERNA 776098

Av Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
INDIAN JONES E O TEMPLO PERDIDO
6.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
A MANIA DO PATO DONALD
6.ª Semana

CASTIL 530194

R Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
ACADEMIA DE POLÍCIA
2.ª Semana

CINE BLOCO 556842

R Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
BREAKDANCE
Às 24 – M. 16 a.
OS COMANDOS DA NOITE

CINE CAMÕES 324194

R do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A SOMBRA DO PASSADO

CINE 222 579460

Av P da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
FRANCESCA, UM AMOR IMPOSSÍVEL
Às 24 – M. 13 a.
COMANDOS DO SINAI

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
N. ac. men. 18 a.
O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 – Amadora

Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a.
A EDUCAÇÃO DE RITA

CONDES 322573

Av da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
BEAT STREET, A LOUCURA DO RITMO

2000 2100055

Av B Voluntários, lts 113/4

Às 14.15, 16.30 e 18.30
UMA MULHER DE SONHO

EDEN 320768

P Restauradores 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 13 a.
ATÉ MESMO OS ANJOS COMEM FEIJÕES
2.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Al Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
116.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
16.ª Semana

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
BEAT STREET

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA

IMPÉRIO 555134/5

Al Afonso Henriques 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 16 a.
SÓ CONTRA TODOS

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 – M. 12 a.
A RAPARIGA DE LOS ANGELES

MONTECARLO 681117

Av Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CANTIFLAS, O VARREDOR
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
GOLPE EM BERLIM

NIMAS 574362

Av 5 de Outubro 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
OS AMIGOS DE ALEX

ODEON 328283/4

R dos Condes 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 6 a.
OS MALUCOS NA CASERNA

PATHÉ 821933

R Francisco Sanches, 122

ENCERRADO PARA OBRAS

Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 Quarteto

POLITEAMA 326716

R Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
OS IMPLACÁVEIS EXTERMINADORES

QUARTETO 771378

R Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– M. 12 a.
MULHERES
Um filme de Andrzey Wajda

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– M. 12 a.
OS RICOS E OS POBRES
Um filme de John Landis

SALA 3
Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
– M. 16 a.
O LÍRIO DE MANILA
Um filme de Lino Brocka

SALA 4
Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.30
– M. 16 a.
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
Um filme de Michelangelo Antonioni

QUINTETO 573407

R Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 18 e 21.15
– M. 18 a.
O PADRINHO II
Às 24 – Int. men. 13 a.
ARMADILHA INTERNACIONAL

ROMA TEL 727778

Av de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
FOOTLOOSE
3.ª Semana

ROXY 548560

Av Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
TORNADO
3.ª Semana

SÃO JORGE 579144/579344

Av da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15.15, 18.15 e 21.30
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN REI DA SELVA

SALA 2
Às 14, 16.15, 18.45 e 21.15
– M. 12 a.
VIDAS EM JOGO
5.º Mês

SALA 3
Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– N. ac. men. 18 a.
AS MIL E UMA NOITES
3.º Mês

7.ª ARTE 730715

Av República à E. Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN REI DA SELVA
Filme de qualidade

STAR 804210

Av Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
UM HOMEM FORA DE SÉRIE

TURIM 706666

E de Benfica, 723-A

Às 15, 17.30 e 21.45
– Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA

VOX 880808

Av Fr Miguel Contreiras, lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
ACADEMIA DE POLÍCIA
3.ª Semana

XENON 368480

Av da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
MAKING LOVE

outros cinemas

Lisboa

LONDRES – «O Mistério de Gorki Park», às 21.30 (12 anos).
MUNDIAL – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
ZODÍACO – «O Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)
TERMINAL – «Academia de Polícia», às 21.30 (12 anos)
ALFA-CLUBE – «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Os Ricos e os Pobres», às 21.30 (12 anos)
ALFA-1 – «Indiana Jones e o Templo Perdido», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 – «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
ALFA-3 – «Footloose», às 21.45 (12 anos)
TIVOLI – «Footloose», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «O Sexo Nosso de Cada Dia», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO – «A Epopeia do Império», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE – «Prego a Fundo», às 21.30 (12 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «Tornado», às 21.30 (16 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo Louco das Loiras», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «O Tríptico de Uringsveedeler», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «Rocky», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «Breakdance», às 21.15 (6 anos)
CASCAIS – Impala – «O Profissional», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Em Busca da Esmeralda Perdida», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível – «A Atracção do Perigo», às 21.15 (12 anos)
ALMADA – Academia – «A Epopeia do Império», às 21.15 (12 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Star 80, a Tragédia», às 21.15 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 1 – «Breakdance», às 21.30 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 2 – «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Projecto Brainstorm», às 21.30 (12 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)

Porto

BEBÉ – «Debaixo do Vulcão», às 21.45 (13 anos)
FOCO – «Footloose», às 21.30 (12 anos)
PAÇÇOS MANUEL – «Breakdance», às 21.45 (6 anos)
TERÇO – «Fuga para Atenas», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Sexo Fraco Joga Forte», às 21.45 (18 anos)
CHAPLIN – «Victor, Vitória», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «O Trono de Fogo», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «As Aventuras da Turma da Mónica», às 21.45 (6 anos)
RIVOLI «Cidade em Pânico», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «Furyo», às 21.30 (16 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.45 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Os Prazeres do Vigário», às 21.30 (18 anos)
TRINDADE – «Greystoke, a Lenda do Tarzan da Selva», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «Os Invencíveis no Oriente», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT – «O Cônsul Honorário», às 21.30 (16 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «Vidas em Jogo», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Os Eleitos», às 21.45 (16 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Violências Sexuais», às 21.30 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **AREEIRO -APEADEIRO: Nova Lisboa**, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **ESTRELA: Aurélio Rego**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **RESTELO: Restelo**, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741); **SÃO JOSÉ -TIVOLI: Fernandes**, R. de São José, 187 (T. 326476); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO

ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **AMOREIRAS -ESTAÇÃO DA CARRIS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ANJOS -LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO: Véritas**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BENFICA -CHARQUINHO: Macedo**, R. República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **MADRE DE DEUS - POÇO DO BISPO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **BRANDOA -AMADORA: Tavares Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Feijó, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco Costa, lote 1 (T. 2751297) Permanente; **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7-B (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **LAVRADIO: J. Conseiado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126); Até às 19 horas; **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Franciaca Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Ábreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul. Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas.

Linha de Sintra

ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T. 2112084). Permanente; **LINDA-A--VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, 182 (T 219697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. D. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Pereira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2421839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas, (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani; MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Cascais

AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente; **Helénica**, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Quimia**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas, **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 ae das 14 ÀS 22 HORAS

PEREIRÓ, R. da Preciosa, 35; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA**, R. da Firmeza, 99-A; **DA AREOSA**, R. D. Afonso Henriques, 1-5, Areosa; **ALMEIDA**, R. Castelo de Numão, 37.

DE DIA E TODA A NOITE

HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. de São Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192.

Coimbra

CRUZ VIEGAS, R. do Brasil, 154 (T. 74821)
MIRANDA, P. do Comércio, 41 (T. 23261).

teatros

Lisboa

TRINDADE – «Maria Stuart», às 21.45 (13 anos)
SOLO MIO – «Gente Coisa é Outra Fina», às 23.00 (18 anos)
VILLARET – «O Super-Silva», às 21.30 (12 anos)
RONDA 77 – «O Pior Espectáculo do Mundo», às 22.00 (13 anos)
TEATRO DO MUNDO – «A Troca», às 21.30 (10 anos)
ABC – «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS – «A Aurora da Minha Vida», às 21.45 (13 anos)
BARRACA – «Santa Joana dos Matadouros», às 21.30
CENTRO DE ARTE MODERNA – Gulbenkian – «Almada, Dia Claro», às 21.00 (12 anos)

PORTO

COLISEU – Antigo Campo do Lima – Circo Chen, às 21.30 (6 anos)
CARLOS ALBERTO – «Profissão Repórter», às 21.30 (13 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUIZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 366740
Serviço de noite (depois das 21):
Portaria: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1-486/82
Endereço Telegráfico DIÁRIO
Telex 12369 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 29954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322394-320784

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

2.08	3,8 m	7.45	1,2 m
14.22	4,0 m	20.03	1,1 m
Dia 9			
2.40	3,9 m	8.14	1,1 m
14.54	4,0 m	20.31	1,1 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	7º
BRAGANÇA	5º
VILA REAL	7º
PORTO	11º
COIMBRA	13º
CABO CARVOEIRO	14º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	14º
ÉVORA	11º
BEJA	11º
FARO	14º
SAGRES	14º
PONTA DELGADA	20º
FUNCHAL	17º

Lisboa apresenta as suas reivindicações à República Popular de Angola

O Governo português propôs às autoridades da República Popular de Angola uma cimeira ao mais alto nível, sem limitações prévias, com vista à resolução do contencioso político que afecta as relações entre os dois países, há vários anos.

Nessa cimeira, se se vier a realizar (o que é duvidoso), deverão ser discutidas algumas questões que se prendem com o conjunto de reivindicações que Lisboa já apresentou a Luanda: que as autoridades de Angola não partidarizem as relações de Estado; que não favoreçam certos interesses privados (partidários) sempre que negoceiem contratos comerciais com empresas portuguesas e que seja protegida a presença naquele país dos cooperantes portugueses.

O Governo de Mário Soares é de opinião de que se deve exigir à República Popular de Angola – da mesma maneira que a República Popular de Angola exige a Portugal – o respeito pela soberania do Estado português, de modo a que as autoridades angolanas não promovam iniciativas conflituosas no marco das relações entre os dois países. Segundo o «DL» conseguiu apurar, foram «muito mal recebidos» no Ministério dos Negócios Estrangeiros, alguns «comentários» proferidos pelo presidente José Eduardo dos Santos por ocasião da sua visita a três países da Europa.

Portugal e a CEE

Informações obtidas pelo «Diário de Lisboa» indicam também que o Governo português confia cegamente na entrada de Portugal no Mercado Comum em 1 de Janeiro de 1986. Para esta adesão institucional – cada vez mais distante no tempo – concorre (no entendimento do Governo de Mário Soares) a circunstância «feliz» de ser a Itália a ocupar a presidência da CEE, no primeiro semestre de 85. Acaso divino este, que pode trazer a Portugal a resolução definitiva dos problemas que se prendem com a adesão do nosso país ao clube dos ricos.

Numa perspectiva do Governo português, Andreotti não deixará de ser tentado a levar a peito o tema do alargamento da Comunidade e chamar a si os louros dessa vitória política e diplomática. Se assim acontecesse, pensa o Governo de Lisboa, Andreotti transferiria para as áreas das democracias cristãs o papel que, em princípio, estava reservado à Internacional Socialista, e que esta, por incapacidade, não conseguiu resolver.

Na opinião dos dirigentes portugueses, as negociações para a adesão ao Mercado Comum terminarão em Março do próximo ano, depois de o presidente do Governo italiano chamar a si o protagonismo deste longo processo que deverá conduzir à entrada dos dois países ibéricos na Europa dos Dez. Há quem no Governo pense que Portugal será membro de pleno direito da Comunidade em 1 de Janeiro de 86, mesmo que as negociações terminem em Março do próximo ano. Isso é impossível, no plano prático. Nunca se poderá passar menos de um ano sobre o fim das negociações para a entrada na CEE.

Este atraso que se verifica hoje é justificado por certos membros do Governo com o argumento de que está iminente a substituição dos presidentes das comissões da Comunidade. Dizem também que este último semestre, da responsabilidade presidencial da Irlanda, foi um semestre «morno» no qual prevaleceu o primado da técnica sobre a política. Finalmente, Portugal parece ter entendido que não é possível a entrada do nosso País no Mercado Comum separadamente da Espanha.

Lisboa não tem, assim, nenhum interesse em distanciar-se de Madrid. Parece mesmo disposta a encarar a hipótese de assumir posições conjuntas de pressão, de uma forma especial, sobre os países membros da Comunidade, para a adesão simultânea.

É claro que muita água correrá sob as pontes até que a entrada dos dois países ibéricos se concretize. As dificuldades de entendimento entre Lisboa e Madrid pesam naturalmente nas negociações sobre alguns «dossiers», principalmente o das pescas. A propósito da matéria relacionada com este sector, o governo de Lisboa parece ter valorizado positivamente a moderada reacção dos meios de comunicações espanhóis e do próprio governo de Felipe Gonzalez. Esta moderação, no entendimento do Ministério de Mário Soares, «prova que Lisboa agiu correctamente» ao denunciar o acordo de pescas de 78, depois de a Espanha dar a entender que reivindicaria os chamados «direitos históricos» sobre as águas portuguesas, logo que os dois países integrassem o Mercado Comum.

O assunto das pescas não está contudo encerrado, nem estão resolvidos certos conflitos que opõem as duas capitais ibéricas. Ainda há dias um ministro português considerava uma «espanholada» a atitude de Fernando Moran, titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, que abandonou a reunião do Luxemburgo e regressou de imediato ao seu país logo que a comunidade lhe reservou – como reservou a Ernâni Lopes — alguns secretários de Estado como interlocutores.

Política externa e NATO

Portugal prepara-se para nomear um embaixador não residente na Nicarágua e outro residente na Costa Rica. Este último país é considerado pelo Governo português «neutral», circunstância que leva o Governo de Lisboa a uma revisão da sua política externa na América Central.

Segundo o «DL» pôde apurar, o Ministério de Mário Soares apoia abertamente a «Contadora» (neste apoio há divergências entre Jaime Gama e Soares) e a instalação de um regime pluralista na Nicarágua com vista a neutralizar «o perigo de este país se tornar numa Cuba continental».

Segundo se sabe, o Governo de Lisboa recebeu garantias dos EUA de que Nicarágua não será uma «segunda edição de Granada». Todavia, isso não invalida que Reagan se não mostre «terrivelmente preocupado» com Manágua, mais até «do que com a Polónia e o Afeganistão».

Não se sabe promovido por quem, mas, não se desconhece que dentro em breve irá haver um «esforço conjugado», na «área democrática internacional», com papel activo da Europa ocidental, para que a nova acta da Contadora seja uma realidade antes de se realizarem as eleições na Nicarágua, e tudo para tranquilizar os EUA.

No plano interno português, o «DL» soube que o nosso país vai comprar três fragatas à RFA com o dinheiro que Lisboa obtiver nas negociações das bases das Lajes, Flores e Beja. Há quem diga, no governo de Soares, que Portugal não se pode queixar muito com a falta de ajuda dada pela NATO: somos o País que mais recebe de «dádivas» — mais até do que a pobre Turquia.

José Manuel Saraiva

"Estado centralizado(r) não se regenera a si próprio"

— *lembrou Eanes*

«É inútil esperar que um Estado centralizado e centralizador se regenere a si próprio» – afirmou Ramalho Eanes, na sua visita sábado passado, a Vila Velha de Rodão, onde assistiu à inauguração de um centro de cultura municipal e abriu uma exposição retrospectiva da obra do pintor Manuel Cargaleiro, natural da região.

O Presidente da República elogiou o autarca local pelo empreendimento, dizendo que foi conseguido «com recursos escassos, com um equipamento que nem sequer se pode considerar muito sofisticado e com uma organização que não é dispendiosa».

Para Ramalho Eanes, a organição do centro cultural «revela a existência de um grande capital de imaginação e de criatividade, ligado às realidades de uma região e aos estímulos que as suas necessidades constituem».

Revela ainda – acrescentou o Chefe do Estado – «a capacidade de produção de serviços à comunidade por parte de estruturas pequenas e flexíveis que não implicam o comprometimento de encargos avultados» e, por outro lado, «a existência de um amplo espaço para novas actividades com interesse social e até com viabilidade económica própria, onde os jovens podem encontrar uma ocupação remunerada».

Baptista Martins, presidente da Câmara de Vila Velha de Ródão, afirmou, por seu turno, que o PR «está por direito próprio em todo o sítio do País» e referindo-se ainda à deslocação de Eanes àquela vila, frisou que ele «ficará mais honrado ao descer das alturas do seu cargo ao convívio com a gente de um concelho remoto e pobre da área desprotegida do Interior».

Feira Internacional de Luanda: substitui Instituto do Comércio Externo

A Associação Industrial Portuguesa (AIP) vai coordenar a representação portuguesa na Feira Internacional de Luanda (Filda), uma vez que as autoridades angolanas ignoraram o Instituto do Comércio Externo Português (ICEP).

O ICEP não foi convidado por ser um organismo governamental e as relações políticas luso-angolanas não serem as melhores – adianta a AIP para explicar o facto do Instituto de Comércio Externo não participar na Feira Internacional de Luanda, a realizar em Novembro.

A AIP vai montar um pavilhão com cerca de mil metros quadrados que albergará perto de três dezenas de empresas portuguesas dos sectores da construção civil, vinhos, têxteis, confecções e serviços, entre outros.

Deste modo – assinala – a AIP vai retomar as suas instalações na Filda, o que acontece pela primeira vez desde a independência de Angola.

Navio atacado no Golfo — seis mortos

Seis mortos e número igual de feridos é o balanço de um ataque perpetrado hoje contra um petroleiro de pavilhão liberiano, a sul da ilha iraniana de Kharg – informou a companhia Lloyds.

Aparentemente, o petroleiro «World Knight» foi atacado por aviões de guerra iraquianos – acrescentou a Lloyds.

Depois do ataque, o navio ficou a arder, tendo pedido auxílio a cerca de 40 milhas a sul de Kharg.

Este ataque contra o «World Knigth», de 258 437 toneladas eleva para cerca de 40 o número de petroleiros e navios comerciais danificados pelo Irão e pelo Iraque em quatro anos de guerra.

Ministro da Justiça da Nicarágua chegou ontem a Lisboa

A Nicarágua é um dos países participantes na VI Conferência hispano-americana e luso-filipina de ministros da Justiça que de hoje até sexta-feira se reúne no hotel Tivoli, em Lisboa. A delegação nicaraguense, que ontem chegou à capital portuguesa, é constituída pelo ministro da Justiça, Ernesto Castillo, pelo presidente dos Tribunais Populares Anti-Somozistas, Omar Cortez e pelo secretário-geral do Ministério da Justiça, Carmen António Lopez. Os três elementos da delegação participam em princípio esta noite na sessão de solidariedade com a Nicarágua, promovida pelo GSAL e que tem lugar na Barraca. José Mário Branco, Fausto, Hélder Costa e Maria do Céu Guerra são os oradores previstos.

Socialistas reúnem em Coimbra

Militantes socialistas, dirigentes nacionais e fundadores do partido reuniram-se este fim-de-semana em Coimbra. O encontro, informal, serviu para reflectirem sobre a actual situação política, nacional e partidária e terá sequência noutras manifestações.

Mais água no Algarve para breve

O deputado social-democrata José Vitorino afirmou em Faro que «muito em breve vai ser aberto concurso» para várias obras no domínio do aproveitamento dos recursos hídricos do Algarve.

José Vitorino, num encontro de militantes do seu partido, disse estar «em condições de declarar» a realização a curto prazo dos concursos para a construção da barragem do Funcho e do canal de adução

Açores: eleições no dia 14

Campanha eleitoral desperta maior interesse

A uma semana das eleições para a Assembleia Regional dos Açores, o combate à abstenção continua a ser um tema comum a quase todos os partidos concorrentes – conforme refere um despacho da delegação da ANOP em S. Miguel. Num jantar-convívio do PSD realizado a meio da semana o presidente do executivo, Mota Amaral, diria mesmo que «seria uma vergonha que o índice de abstenção fosse maior nestas eleições do que nas do ano passado».

Do lado do PSD o receio da abstenção é de que ela possa ser encarada como prova de fraqueza das instituições autonómicas e venha a servir de caução a investidas centralistas.

A campanha eleitoral parece estar a despertar um maior interesse do que a do ano passado, mas, de qualquer forma, os dirigentes partidários mostram-se reservados quanto a prognósticos sobre os possíveis índices de votação.

PS-Açores teme a CEE

Os socialistas afirmaram em Angra do Heroísmo que as dificuldades da lavoura açoriana se agravarão com a entrada de Portugal na CEE.

Num manifesto entregue a lavradores na feira de Angra do Heroísmo, os candidatos do PS pelo círculo da Terceira às eleições regionais de 14 de Outubro afirmam que «as negociações para a adesão à Comunidade têm decorrido no maior dos segredos».

Consideram também que «uma integração dos Açores na Comunidade a qualquer preço seria desastrosa para a região, no estado em que se encontra a sua economia».

No comunicado à lavoura, o PS da Terceira diz ainda «recear que os interesses dos Açores não estejam a ser acautelados nas negociações com a Comunidade e que o arquipélago esteja a servir de moeda de troca para compensações em outras áreas».

APU

O cabeça de lista da APU por São Miguel, José Decq Mota, afirmou sábado em Ponta Delgada que a actual assembleia regional alberga **um grande número de carreiristas sem classificação.** Decq Mota, que estava acompanhado do presidente do MDP/CDE, José Manuel Tengarrinha, apelou a uma forte votação na APU como forma de alterar a situação e acusou o Governo regional de «apenas existir para perpetuar o poder das classes dominantes».

Intervindo no mesmo comício, Tengarrinha perguntou se após oito anos de Governo PSD nos Açores se «continua ou não a ver-se que a maioria da população vive com dificuldades».

«Continua ou não a haver monocultura – prosseguiu – e em que foi melhorada a capacidade das principais indústrias?»

Tengarrinha afirmou que se assiste ao crescimento dos contratos a prazo e à continuação de «gravíssimas carências no campo da assistência médica e medicamentosa», e referiu, igualmente, a existência de um grande grau de analfabetismo, principalmente na ilha de São Miguel.

No comício-festa da APU, que encheu o auditório de Ponta Delgada actuaram os cantores Carlos do Carmo e Fernando Tordo.

UDP

Para o candidato e dirigente da UDP nos Açores enquanto o acordo não é assinado os trabalhadores vêem ultrapassados os seus direitos e nem aos tribunais portugueses podem recorrer.

O SUPLEMENTO DAS SEGUNDAS-FEIRAS

MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

Só entre nós

Apgtrh: Cdoftebqab!

Quando, há quinze dias, o «Só entre nós» se queixou de que a sigla APGTRH era «esquizofrénica», não queria com isso dizer que todos, ou qualquer dos sócios da simpática Associação Portuguesa dos Gestores e Técnicos dos Recursos Humanos, que essa sigla representa, fossem esquizofrénicos, e tambem não queria sugerir que a própria associação sofresse de qualquer psicose. Aliás, a notícia aqui publicada, a propósito do convite feito a Alvin Toffler pela APGTRH, era, obviamente, promocional e positiva para esta associação. A referência, bem humorada, à «esquizofrenia» da sigla tinha em mente, apenas, a evidente dificuldade sentida pelo português médio quando deve soletrar um «nome» que contém cinco consoantes seguidas. A direcção da APGTRH, porém, sentiu-se insultada, como consta de uma carta que enviou, a este respeito, ao «Diário de Lisboa». De corda ao pescoço, «Só entre nós» — que até é leitor de revista «Pessoal», editada pela associação — vem, aqui, invocar La Palisse e reconhecer que, se a APGTRH considera qu a sigla é boa, porque exprime a actividade da associação, ou porque fica facilmente no ouvido e se recorda com facilidade, ninguém tem rigorosamente nada a ver com isso. As nossas desculpas, portanto, e... CDOFTEBQAB (tradução; Como Dizem Os Franceses, Tudo Está Bem Quando Acaba Bem!)

Arte e História no Museu Gulbenkian

Começa depois de amanhã às 18 horas, na sala de conferências do Museu Gulbenkian, um curso de arte e história, de entrada livre, que tem como temas o Egeu, a Grécia e o Império Romano. O tema de abertura, «Fim do Império Minóico no Egeu — a importância de Thera» está já a cargo da arqueóloga grega Nannó Marinatos, filha de Spiridon Marinatos, que em 1967 descobriu, sob uma espessa camada de lava, a espantosa cidade de Thera, na ilha do mesmo nome. A análise contextual dos frescos ali encontrados será, sem dúvida, um dos momentos mais interessantes das conferências da arqueóloga.

Outros convidados são a dr.ª Maria Helena da Rocha Ferreira, catedrática de Literatura Grega em Coimbra, o dr. Mário de Castro Hipólito, especialista em Numismática Clássica, o dr. João Manuel Bairrão Oleiro, especialista de arqueologia romana, e a dr.ª Irisalva Moita, conservadora-chefe dos Museus Municipais de Lisboa. Além de abrir o curso no dia 10, Nannó Marinatos fala ainda nos dias 12 e 17. As sessões seguintes, a cargo dos conferencistas portugueses, são nos dias 24 e 31, e depois a 7, 14, 21 e 28 de Novembro, 5 e 12 de Dezembro e 9, 16, 23 e 30 de Janeiro. O curso conclui em 6 de Fevereiro com uma conferência de Irisalva Moita sobre o tema «Roma-Lisboa-Roma».

Des français en Algarve

Luís Filipe Madeira prometeu melhoramentos nos sectores da água e saneamento básico, fornecimentos de electricidade e estradas a empresários franceses interessados em construir mais três aldeamentos turísticos no Algarve: um na Manta Rota, outro junto à Quinta do Lago e outro ainda no Alvor. Entretanto, o presidente da Câmara de Albufeira, Xavier Xufre, tornou público um ultimato aos hotéis da sua zona: «Se em Março ainda houver algum empreendimento turístico a lançar esgotos directamente no mar, pedirei à Direcção-Geral de Turismo que mande fechar esse estabelecimento». Xufre está, porém, optimista, por considerar que os trabalhos de saneamento básico na que foi a «pérola» do turismo algarvio estão bem encaminhados.

Doa a quem doer

Os que vierem de fora-de-portas para jogar poderão recuperar ao «Bingo», no edifício que o Benfica vai comprar nos Rstauradores para instalar o «loto do futuro», os 30 por cento mais que terão pago nas portagens das auto-estradas. O diploma já está no Ministério das Finanças à espera da assinatura de Ernâni Lopes, que só não o terá ainda assinado dada a fúria com que tem regressado das negociações com a CEE. Supõe-se, porém, que entrará em vigor ainda este mês. Doa a quem doer — e serão muitos aqueles a quem doerá, porque ne.n só de afortunados jogadores de «Bingo» vivem as auto-estradas nacionais. Também lá circulam, pelo menos, os infelizes depositantes de D. Branca... Que, a propósito, estarão amanhã em massa na concentração que a velha senhora convocou para diante de S. Bento.

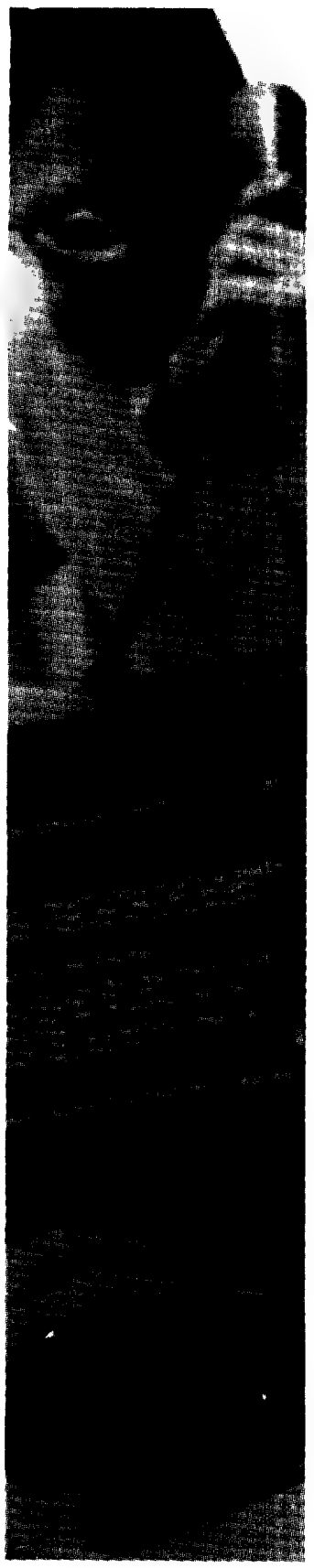
Pouca uva

Comentário de um diplomata europeu em Lisboa, depois de passada na Televisão portuguesa a reportagem de Barata Feyo sobre a UNITA: «Muita parra, pouca uva». Ele é amante dos provérbios portugueses, e representa um país que não está nada interessado em que os vinhos portugueses invadam o mercado europeu.

M U D

Cadinho do relançamento industrial norte-americano, o modelo do parque de electrónica nascido em torno da Universidade de Stanford mantém o seu vigor mas modera as suas obsessões: os japoneses demonstram que o papel coordenador do Estado não significa necessariamente «colectivismo»...

Silicon Valley muda de receita



Situado na lendária «west coast», entre San Francisco e San José, Silicon Valley ocupa uma fatia de terreno de 45 por 15 quilómetros. Há 30 anos, não cresciam nele senão árvores de frutos. Hoje, metade das componentes electrónicas americanas são ali fabricadas. Num total de 8000 empresas, 70% têm menos de 10 salariados e 80% menos de 50.

Desde há uma dezena de anos que o mundo inteiro tem a atenção presa a esta primeira «tecnópole» que agrupa, em torno de uma Universidade (Stanford) engenheiros, financeiros e industriais. Silicon Valley, continua a dizer-se com ração, é o berço de um **individualismo «new look»:** uma nova raça de empreendedores, resultante do cruzamento de engenheiros e de financeiros, encontrou ali as condições ideais para criar as suas indústrias. O esquema, no entanto, é bem clássico: após vários anos numa multinacional, onde ele reforça a sua competência tecnológica, o engenheiro instala-se por conta própria com alguns amigos. A inovação reside na criação de pequenas unidades que se distanciam dos gigantes.

Porém, este modelo faz parte de uma realidade compelxa: a criação espontânea desempenha sem dúvida um papel fundamental, mas hoje, como ontem, o Estado continua a ser o coração do desenvolvimento tecnológico.

Desde os anos 40 que o Pentágono intervém massivamente, subsidiando a investigação e assinando encomendas. Toda a gente faz de conta que ignora o facto. A novidade reside, nos anos 80, em que, face à concorrência japonesa, crescente, se reconhece sem peias que a indústria privada tem muitos limites. Descobrem-se as virtudes da cooperação inter empresarial, entre o patronato e os assalariados, entre o sector privado e o sector público. Nos Estados Unidos como no conjunto dos países industrializados, o futuro da economia depende de um subtil equilíbrio: é necessário, ao mesmo tempo, **mais mercado e mais Estado.**

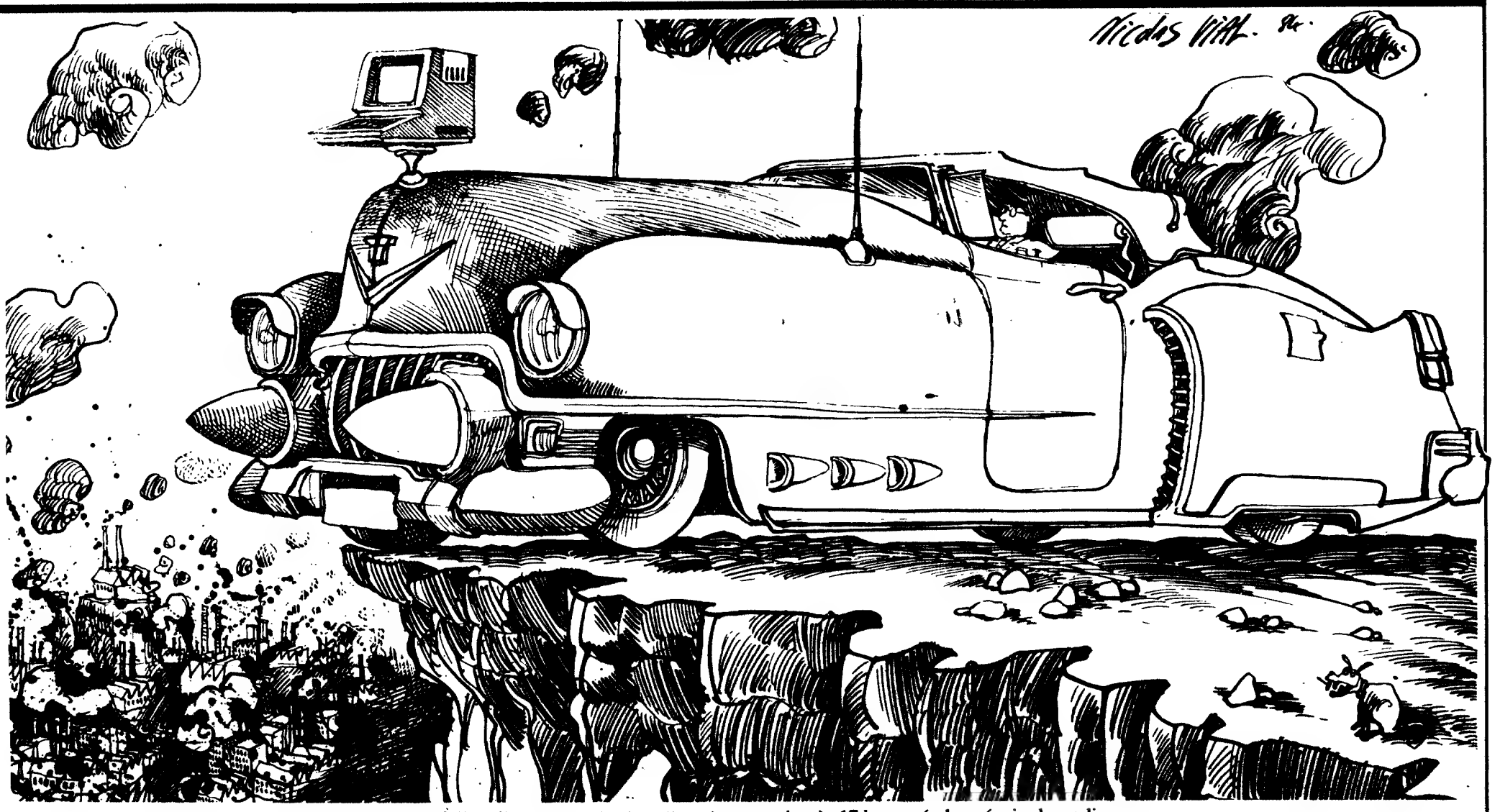
É essa a dupla mensagem transmitida por Rogers e Larsen num livro consagrado à «febre» de Silicon Valley (1). A análise dos papéis respectivos da **espontaneidade e da concertação** é igualmente um eixo essencial de um seminário/estágio que vai ter lugar no vale, em Novembro próximo, destinado a engenheiros e industriais europeus.

A pré-história do surto actual remonta aos anos 30, quando um engenheiro diplomado por Harvard, Frederick Treman, se tornou vice-presidente de Stanford, que não era, então, mais que uma universidade de segunda classe. Foi ele que inventou o conceito de tecnologia moderna.

A história começa nos anos 50, com o recrutamento para Stanford dos melhores cérebros: William Schockley, prémio Nobel, co-inventor do transistor, Carl Djerassi, o «pai de pílula». Também nessa época, industriais como os irmãos Varian instalam-se, a preços de oiro, nos terrenos que a Universidade lhes aluga.

Quanto à lenda, ela explodiu nos anos 70, com a ascensão irresistível da micro-informática. Os seus heróis super juvenis, titulares de uma licenciatura e apaixonados

A N Ç A S



pela informática. De longos cabelos e longas barbas, vestidos de **jeans** deslavadas, instalam-se numa garagem e trabalham doze horas por dia «para se divertirem». Para sobrebviverem, chegam a vender o seu velho Volkswagen. Depois, ao descobrirem um «furo» adequado, comercializam a sua descoberta. Na semana seguinte são a capa de **Time Magazine**. Chamam-se, por exemplo, Steven Jobs e Stephen Wozniak: são os fundadores de **Aplle.**

As quatro chaves

Quais são as chaves do sucesso? É costume citar quatro: 1 — Um novo espírito de empresa, que faz lemebrar o do século passado, que se define por oposição ao espírito dominante nos anos 50, cujo modelo, na empresa como em família, era o «homem de aparelho», ou «da organização» (2), perfeitamente integrado na tecno-estrutura e seus «arredores». A nova cultura valoriza o **risco**. O direito ao erro é aceite como componente. Só se progride experimentando.

2 — Uma nova concepção do investimento: o **capital-risco**. Mas como os bancos não estão interessados em operações do tipo «quem-perde-ganha», como não têm a flexibilidade necessária para apoiar projectos instantâneos, é preciso ir buscar os fundos a indivíduos que investem o seu dinheiro pessoal: primeiro, os salários das universidades, mais recentemente os próprios fundos salariais.

Estes novos financeiros fornecem, para além do capital, a especialidade científica e a gestão. Acontece-lhes despedir o iniciador do negócio. A capacidade de criar **capital-risco** continua a ser um dos critérios essenciais do sucesso de uma tecnópole.

3 — A sinergia entre **universidade e empresa,** inaugurada em Stanford, caracteriza a dúzia de parques industriais criados nos Estados Unidos a partir do modelo de Silicon Valley.A maioria deles constituíse em torno de pólos científicos: o complexo da estrada 128, próximo do MIT, na região de Boston; o «Research Triangle» delimitado pelas três universidades da Carolina do Norte: o vale «biónico» nos Mormons (Universidade de Utah); o Silicon **East** Valley (Universidade de Albany) e outros associados às Universidades de Austin (Texas) e do Arizona. Os dois centros industriais criados à margem das universidades desenvolvem-se mais lentamente: um junto a Port-land, outro no Colorado.

4 — O clima é outro facto importante: o Sol está associado ao êxito de Silicon Valley, e funciona como infra-estrutura adaptada: excelentes serviços de estudos de mercado, de **planning** estratégico, de assistência jurídica e de recrutamento. Enfim, é todo um contexto favorável aos negócios: aligeiramento local dos impostos, mão-de-obra abundante e qualificada.

Mas esta organização não deixa de ter consequências do ponto de vista social.

Paternalismo brutal

Em primeiro lugar, ela reforça as desigualdades. Os quadros, engenheiros e industriais têm os salários mais altos dos Estados Unidos e são frequentemente proprietários de acções. A massa dos operários «em camisa» (por oposição aos antigos fatos-macacos), que assegura a montagem dos microprocessadores, recebe os salários mais baixos do país. 75 por cento destes operários são mulheres, e 40 por cento de origem não-americana (México, Filipinas, Vietname). A exploração mais brutal atinge os trabalhadores «em negro», em casa ou nas **sweatshops.** nada de sindicatos: os patrões opõem-se a eles por meios legais, substituindo-os por um paternalismo adequado às necessidades do fim de século.

O reverso da medalha é também representado pela facilidade dos despedimentos: de operários como de engenheiros. No caso dos engenheiros, o despedimento é justificado como contrapartida da mobilidade de emprego: pois não é ela a fonte da circulação da informação científica e técnica, já que o engenheiro leva para a concorrência o seu saber tecnológico? No caso dos operários, o desemprego é tido como «fatal», visto que o empregado perde, muito jovem, a sua «destreza». Em muitos casos, os despedimentos funcionam em série, e sem pré-aviso: certo contramestre, convidado a despedir a sua equipa às 17 horas, é ele próprio despedido às 17 e 15 eencontra-se no **parking,** um quarto de hora mais tarde, com o superior hierárquico que o despediu, e que foi, por sua vez, afastado de funções.

Manual de sobrevivência

A qualidade da vida também não é exactamente como se imagina. Entre os efeitos perversos do excesso de população no vale, avultam o preço proibitivo do «habitat», que empurra cada vez mais para Sul os recém-chegados, os engarrafamentos e o tempo cada vez maior passado no automóvel, a poluição atmosférica criada pelos gases de escape num vale onde o ar não circula. Além disso, o vale tem um índice de divórcios dos mais elevados dos Estados Unidos: entre os **best-sellers** deste ano figura um manual de sobrevivência do casal (3). A ética do narcisismo é toda-poderosa. O que mais falta faz, ali, é um mínimo de espírito público.

Banzai!

O choque nasceu de uma descoberta recente: os japoneses controlam 60 por cento do mercado de 64 K RAM, uma das componentes fundamentais da indústria de micro-informática. Meia dúzia de obras foram consagradas à ameaça japonesa. Para além dos reflexos xenófobos, está a emergir uma nova reflexão sobre a inovação, o financiamento, a gestão social e, sobretudo, sobre as relações entre a indústria e o Estado.

A inovação foi bloqueada, nos Estados Unidos, pela concentração na investigação para fins militares, enquanto, no Japão, ela se desenvolve no domínio dos bens de consumo.

O Japão não se deixou aprisionar no estereotipo da inteligência de fabrico, por oposição aos EUA, que seriam o campeão exclusivo da inteligência de inovação: as investigações levadas a cabo no Japão sobre os computadores da quinta geração é bem o testemunho disto. Os grandes grupos podem criar um espaço de inovação no seio das suas estruturas «burocráticas». Além disso, a expansão das indústrias de ponta talvez não esteja estruturalmente ligada à precaridade do emprego.

Esta revisão das «ideias feitas» está a conduzir as empresas do vale — e dos EUA no seu conjunto — para uma maior concertação.

Terceira Vaga «política»

Ao mesmo tempo que se multiplicam os acordos e as divisões de tarefas entre empresas, incluindo investimentos na investigação interdisciplinar, na reflexão fundamental e na tecnologia aplicada, surge um fenómeno novo a que os americanos chamam pudicamente «politização»:

Trata-se do reforço de grupos de pressão em Washington, em particular através da SIA (Semiconductor Industry Association). A ideia, que está a avançar, é a de criar um **terceiro partido,** reunindo democratas e republicanos em torno de uma política industrial.

É sobretudo, à falta desse tal partido, que não tem quaisquer hipóteses de vir a ser realidade, a certeza, cada vez mais partilhada, de que o Estado deve desempenhar um papel de estimulador, ou até de coordenador, no desenvolvimento das novas tecnologias. Um **Conselho da Tecnologia** (Massachusetts High-Technology Council) está já constituído. A próxima etapa será a criação, desejada por um número cada vez maior de industriais, de um Conselho da Cooperação Económica (Economic Cooperation Council), cujo modelo seria o MITI japonês e que se inspiraria em certos exemplos europeus de planificação flexível. Nada de comum com o «colectivismo», apesar da acusação já andar na boca de alguns. Trata-se, sim, de «uma relação nova, portadora de riqueza, de que as duas componentes são o indivíduo e o Estado».

PIERRE DOMMERGUES

Notas:

(1) Everett Rogers e Judith Larsen, **Silicon Valley Fever,** Basic Books, New York, 1983.
(2) William Whyte, **The Organization Man,** Simon & Schuster, N.Y., 1956.
(3) Jean Hollands, **The Silicon Syndrome,** Coastlight Press, Palo Alto, 1984.

E P E

O candidato de Deus

Acaba sempre por chegar o momento, na vida de uma nação, em que ela deixa de gostar de si própria. É, nas mais das vezes, um sinal anunciador do declínio. Por isso tanta gente pensou que os Estados Unidos não recuperariam do Vietname e do Watergate, que «o último império do mundo», como então escrevia Régis Debray, tinha iniciado «a sua agonia».

Ainda em 1979, Jimmy Carter, falando desse «mal-estar» americano que ele próprio tão bem simbolizava, via uma «ameaça fundamental» para o seu país na «crise de confiança» de que ele sofria. Ora esse tempo, aparentemente, pertece ao passado. De tal modo, que um habitante de San Francisco citado pela **Time Magazine** afirma não conhecer ninguém que não se sinta bem, hoje, por ser americano. O habitante em questão é um homossexual militante, pouco suspeito, portanto, de excessiva complacência para com as ideias que estão no poder. O comportamento dos atletas negros nos Jogos Olímpicos é outro testemunho da mesma atitude. No México, em 1968, vários deles levantaram um punho fechado ao subirem ao **podium**. Nada disso, em Los Angeles: Carl Lewis e os seus companheiros estão orgulhosos da sua pátria e felizes por contribuírem para a sua glória.

A pátria, sim! O patriotismo está novamente na moda, as maternidades estão superlotadas de clientes, a taxa de natalidade volta a subir. As bandeiras nacionais vendem-se como pão. Os jovens preparam-se para votar massivamente à direita. O número de candidatos às três principais escolas militares subiu 59 por cento em quatro anos. 71 por cento dos soldados metem o chico no termo do seu compromisso.

A linguagem acompanha a maré: e não apenas a de Ronald Reagan, cuja vitória esmagadora é profetizada por todas as sondagens. que declarou Geraldine Ferraro logo após a sua nomeação como candidata democrata à vice-presidência? «Estou diante de vós, esta noite, para proclamar que a América é uma terra em que os sonhos podem tornar-se realidade para cada um de nós... Não existe porta que não possamos abrir. Não haverá limite para as nossas ralizações.»

Ao falar de «sonho», ela sabe o que faz. É a própria alma da filosofia que engendrou os Estados Unidos e que empurrou para a frente os padres fundadores, como lhes chamava Thomas Payne. eles «recomeçaram o mundo», queriam construir sobre a terra virgem da América uma sociedade purificada e sem cinismo, sem corrupção, sem o instinto de conquista de que tinha sofrido o velho continente. Que pode haver de espantoso no facto de milhões de homens, que tinham sofrido miséria e perseguições, terem quebrado as amarras que os ligavam às suas pátrias de origem para irem tentar a sorte nesse imenso falanstério que o mesmo Payne tinha destinado a «terra de asilo para a humanidade»? Terra de asilo onde ainda hoje — vejam-se os últimos cinco anos — se chega aos milhões: 2,5 neste período, para não falarmos senão de emigrantes legais.

Um herói americano

Para um grande número de americanos, o seu país conheceu, durante os anos 70, a derrota e a vergonha exactamente porque se afastou desses valores, sobe os quais tinha sido construído, e nos quais tinha fundado a sua grandeza e prosperidade. Aliás, Carter foi eleito, em grande parte, devido a um programa de regresso às fontes morais da nação — que, então, festejava, exactamente, o seu bicentenário. Mas ele não podia satisfazer a expectativa dos seus compatriotas, porque não era um verdadeiro herói americano: nem um **doer** — um homem de acção — nem um **winner** — um vencedor: ele não era o personagem **à la** John Wayne que, aos 73 anos, Ronald Reagan encarna com mestria. «Através dele, diz o historiador Garry Wills», citado pela **Time**, é o nosso passado que nos fala, e nós desejamos recordá-lo com ele».

O relançamento económico permitiu criar sete milhões de empregos num ano, e o urso soviético, cujo poder parecia imparável, passou a parecer impotente: com mais estes dois ingredientes, o optimista americano perdeu quaisquer limites. Ele apoderou-se até de George Shultz, geralmente conhecido pela sua moderação: «A maré da história está connosco — gritou ele em Chicago diante de um público de antigos combatentes. — Os valores que são queridos aos americanos, a liberdade democrática, a paz e a esperança de prosperidade estão a enraizar-se no mundo inteiro». Ora, é próprio das marés haver enchente e vazante. E nada há de mais perigoso — é ver as magníficas previsões sobre o crescimento europeu, o preço do petróleo e o do dólar — do que prolongar até ao infinito as curvas ascendentes. Até o **Wall Street Journal** pergunta se o secretário de estado não terá pecado um pouco, por presunção. Mas não deixa de ser significativo que sejam, hoje, os americanos a receber, do marxismo, o «testemunho», na estafeta da decifração do sentido da história.

E é assim, porque talvez nunca como hoje eles tenham estado tão convencidos de que a Providência lhes reservou, para retomar a expressão consagrada, um «destino manifesto». Que ninguém se espante, portanto, ao ver que a campanha eleitoral se desenrola, nos Estados Unidos, como se a separação entre as Igrejas e o Estado, proclamada pioneiramente pelos padres fundadores, nunca tivesse existido na Constituição federal.

Os Estados Unidos não são, decerto, o único país onde se faz sentir o **regresso do divino.** A vaga fundamentalista estremece todo o Islão, e a Polónia não espera senão em Deus.Sob a batuta de um papa que se transformou em primeira vedeta do «box office» internacional a Igreja Católica trava o movimento modernista que a animava desde o concílio Vaticano II. O número de vocações está a subir lentamente, enquanto diminui o dos padres despadrados. Na Alemanha de Leste a Igreja Evangélica está em pleno renascimento, e a própria URSS teve de deixar Billy Graham pregar desde Tallinn a Novosibirsk.

A religião em primeiro plano

O fenómeno não tem, do outro lado do Atlântico, menor expressão. A tal ponto, que questões como a renúncia ao aborto, o restabelecimento da oração na escola, suprimida pelo Supremo Tribunal em 1962, as subvenções às famílias que não conseguem pagar escolas confessionais para os seus filhos, a luta contra a homossexualidade e a pornografia, ocupam o centro da disputa eleitoral. Reagan não teve qualquer dúvida em trazer, à abertura da convenção de Dallas, o reverendo Falwell, célebre fundamentalista que ali veio afirmar tranquilamente que o candidato americano e seu adjunto são «os instrumentos de Deus para a reconstrução da América». O próprio «Ronnie» presidiu, igualmente em Dallas, a um «pequeno-almoço de oração» (sic) durante o qual declarou que «política e religião estão intimamente ligadas».

Nancy Reagan: a constante incarnação do apoio fiel

Por seu turno, o arcebispo de Nova Iorque disse que não via «como é que um católico pode, em consciência, votar no candidato favorável ao aborto». Comentário do reverendo Martin Mary, professor de história das religiões em Chicago, no **US News:** «Tendo visto os Negros, os homossexuais, as mulheres, os hispanófonos e outros grupos subir para a dianteira do palco nos anos 60, a direita cristã procura o poder. Ela considera-se a guardiã dos velhos valores americanos. Tem a nostalgia da América da escolazinha vermelha e da igrejinha branca».

Evidentemente, os democratas contra-atacaram. «Muitos americanos ficarão surpreendidos ao saberem que Deus é republicano», disse Mondale. A sua coadjuvante — católica — Farraro acrescentou que, em sua opinião, Reagan não é um bom cristão porque a sua política é «terrivelmente injusta». O senador — católico — Kennedy declarou que os Estados Unidos não serão um «país tolerante» se as Igrejas derem a sua benção a alguns como se eles fossem «candidatos de Deus». O govenador — católico — de Nova Iorque censurou o arcebispo por este ter tomado uma posição partidária.

Marines socorrem um companheiro ferido durante a invasão de Grenada

A «coroação» de Dallas: a dupla Reagan-Bush não tem rival

T I Ç Õ E S

Reagan parece ter a reeleição assegurada, e deve-o em grande parte ao modo como soube incarnar os principais mitos americanos: ele é, ao mesmo tempo, um «homem de acção» e um «vencedor». Mas, durante a campanha, descobriu-se, ainda por cima, que Deus é republicano...

Imediatamente, o presidente da Conferência Episcopal Católica recordou à hierarquia que ela não deve apadrinhar este ou aquele dos candidatos à Suprema Magistratura. E, depois, Reagan acrescentou que «os Estados Unidos são e devem continuar um país aberto às pessoas de todas as crenças». Isso não impediu o seu grande amigo, senador Laxalt, de escrever a 45 mil ministros do culto pedindo-lhes que mobilizem os seus fiéis em apoio do candidato republicano. Além disso, o arcebispo de Boston decidiu repetir quase palavra por palavra o que o seu colega de Nova Iorque tinha dito sobre o voto católico e o aborto.

Divorciado, casado com uma divorciada, Reagan — como Ted Kennedy lhe lembrou — nunca brilhou pela sua assiduidade aos serviços religiosos. Mais do que um comentador do Novo Mundo vê cálculo e hipocrisia por detrás da insistência com que os republicanos sugerem que um bom cristão não pode hesitar no momento da Escolha. Falta reconhecer — como escreve a **Newsweek** — que a questão religiosa «encarna o cisma ideológico que separa os dois candidatos»: os partidários da sociedade permissiva e da intervenção do Estado estão claramente na defensiva, contra os partidários da ordem moral e do liberalismo económico.

Quando sofreram, durante anos, decepções e humilhações, os homens festejam quem lhes devolveu a esperança, quem lhes garante — é o «slogan» mais recente — que eles «ainda não viram nada». Sobretudo se esse alguém cultivar o seu orgulho em serem americanos, quer dizer: mais fortes, mais dotados, melhores que os outros. Constata-o o **New York Times:** «Na campanha de Reagan, os problemas são manifestamente secundários. Ela baseia-se na comunicação de massas».

Culto da personalidade

É isso que permite ao presidente desprezar soberbamente o reverso da medalha: os 34 milhões de pobres, um défice orçamental que atinge os 174 mil milhões de dólares, quando há quatro anos ele prometera para 1984 um excedente de 28 mil milhões, os movimentos erráticos do dólar, e a morosidade de Wall Street, para não falar dos reveses sofridos no Médio Oriente e de uma corrida aos armamentos que a visita de Gromyko não terá, evidentemente, conseguido parar... E há também a divisão no seio do Partido Republicano, que não achará facilmente, daqui a quatro anos, um sucessor para Reagan que, como este, se possa fazer apoiar por conservadores e por liberais.

De momento, porém, os factos estão à vista: a América descobre, tardiamente embora, o culto da personalidade. São inúmeros os comentadores que falaram, no momento da Convenção de Dallas, de «sagração» ou de «coroação». «Poderiam também tê-lo proclamado rei, já que ele o é, na prática, em todas as situações que contam», anotava então o **Washington Post,** criticando ironicamente Reagan por se ter dotado de um primeiro-ministro «fracote» (quando se sabe que a Constituição norte-americana mistura as duas funções, de chefe de Estado e do Governo).

No entanto, que há de mais perigoso do que a embriaguez do sucesso? Ela já matou mais sociedades do que as guerras, ou as revoluções. A auto-satisfação dos Estados Unidos, hoje, como escreve lucidamente Nicole Bernheim no seu livro sobre os «anos Reagan», é feita «de betão». Talvez seja a altura de os americanos se lembrarem que o **caveant!** romano **(Desconfiem!)** também faz parte do seu vocabulário.

ANDRÉ FONTAINE

São citados neste artigo:

- **Thomas Payne, no seu panfleto Common Sense,** editado em 1776, cuja brutalidade, no dizer de George Washington, veio a «efectuar em muitos espíritos uma mudança maravilhosa».
- **Nicole Bernheim, Les Années Reagan,** ed. Stock, Paris, 1984.

rival entre os republicanos

Preparando-se para montar a cavalo na base de Quantico, Virgínia

I N F E R N O S

Sul do Líbano: a «gaiola»

A *Régie* dos tabacos... Só pronunciar o nome deste amplo edifício empoleirado no alto de uma colina que domina a grande cidade comercial do Sul, faz estremecer os libaneses. Trata-se, com efeito, de um dos quatro centros de interrogatórios, juntamente com Mar-Elias, perto de Saï, Tyr e o observatório de Jabal-Safi, que o exército israelita instalou no sul do Líbano. Uma passagem mais ou menos prolongada por estes centros, que o Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICR) não tem autorização de visitar, precede geralmente a prisão no campo de Ansar.

Com a multiplicação dos ataques contra as suas tropas, Israel endureceu a ocupação e a repressão dos «conluios hostis». Todos os testemunhos recolhidos falam de «torturas» nestes centros de interrogatório onde os detidos chegam a permanecer três meses. Um médico de Nabatieh, que passou uma noite perto da *Régie*, disse-nos ter ouvido gritos de sofrimento.

Ao mesmo tempo que a presença militar israelita se torna menos visível, os homens de Shin Bet (serviço de informação) e os da unidade antiterrorista, que geralmente opera nos territórios ocupados, abundam no Líbano do Sul! Com traje civil circulam em carros de matrícula libanesa ou até sem matrícula. Atravessam as zonas da força provisória das Nações Unidas do Líbano (FINUL) com as suas armas apresentando unicamente os seus cartões. *«Quando recusam mostrá-los, não passam»*, diz-nos um responsável da FINUL. *«Isto dá origem a alguns protestos. Não se pode fazer mais.»* Estes agentes são vistos em toda a região a sair dos quartéis israelitas e a mandar parar automóveis nas estradas. De resto, podem ser facilmente confundidos com jovens libaneses, cujo estilo descontraído, «jeans» e «tee-shirts» adoptaram. A maior parte das prisões são agora efectuadas por estes «especialistas» que, a maior parte das vezes, operam de noite. De súbito, desembarcam de vários veículos, numa aldeia, provocando a aflição dos seus habitantes e, muitas vezes, perturbações que dão mesmo origem a mortes. Os soldados franceses da FINUL, depois de um incidente deste género numa aldeia da sua zona, deram aos habitantes foguetões luminosos para que possam preveni-los de toda e qualquer chegada intempestiva. Em Maaraké, desde as perturbações do mês de Agosto, quinze soldados senegaleses da Força provisória patrulham a aldeia de noite.

«Quando os vemos chegar seguimo-los e tentamos saber o que eles querem. Mas eles dizem-nos agir pela segurança das forças de ocupação, e não podemos fazer grande coisa», reconhece um dirigente da FINUL. Em toda a zona onde se encontram os soldados da ONU, o Exército israelita também tem postos fixos, e as duas autoridades têm os seus problemas. *«Como chegámos antes deles, temos as melhores posições, e eles vêm instalar-se perto de nós. Para mais, como não somos visados pelos tiros, é uma pequena segurança para eles. Temos que os compreender»*, acrescenta o nosso interlocutor. No entanto, esta vizinhança nem sempre é compreendida pela população, que espera uma protecção dos «capacetes azuis».

A «boa fronteira»

Esvasiado dos seus ocupantes no passado mês de Novembro, o campo de Ansar contém hoje entre os setecentos e os oitocentos prisioneiros, três quartos dos quais seriam simpatizantes de Amal. A este número devem acrescentar-se os detidos que estão nos centros de interrogatórios e cujo número é difícil de estabelecer, assim como os resistentes sobre os quais pesam as maiores desconfianças e que, esses, estão presos em Israel.

As coisas mudaram muito para as tropas israelitas desde Junho de 1982, e isto mesmo na tira fronteiriça ocupada desde 1978 pelo Estado hebreu. *«Antes, as pessoas iam facilmente a Israel para trabalhar ou para receber tratamentos»*, reconheceu um professor de Ain-Ebel, pequena vila cristã na «boa fronteira».

«É necessária uma autorização para ir buscar medicamentos a Beirute, acrescenta. *Tem que se passar pela* **regie** *dos tabacos e esperar durante horas para conseguir o direito de transportar um doente para Saida. O telefone está cortado entre as principais cidades do Sul. Somos tratados como menores.»*

O flagelo das taxas

É no plano económico que as queixas são mais severas e Israel é acusado por todos de «destruir» a economia do Líbano do Sul para anexar o seu mercado. *«Desde a ocupação, a taxa de desemprego passou de 5% para 35%*, assegura um perito agrónomo de Saida. *200 hectares de pomares foram destruidos por razões de segurança pelos israelitas, e, de qualquer modo já não temos meios de enviar a nossa produção para o Norte. Então ela apodrece e somos invadidos por laranjas e legumes israelitas.»* Estes chegam por Nagoura para onde são transferidos em caixas de cartão com a marca de *«Product of Lebanon»* para serem reexpedidas para Beirute, Chtaura e o mundo árabe. Este contrabando, praticado em grande escala, enriquece certos comerciantes libaneses, que depressa compreenderam, por exemplo, o lucro que podiam tirar do porto franco de Haifa. Para evitar os direitos alfandegários no Líbano, estes espertalhões importam da Europa toneladas de mercadorias que fazem desembarcar em Haifa. Encorajado por Israel, este tráfico retribui assim os seus aliados, a ALS por um lado, as milícias cristãs ou druzas por outro.

Quem perde são os pequenos comerciantes locais, arruinados por esta concorrência. Assim, o cristão de Saida que, diariamente mandava para Beirute um camião carregado de laranjas, tangerinas, limões, já só o pode fazer uma vez por mês. *«O ferry-boat só transporta cinco ou seis camiões por viagem»*, diz ele, tentando consolar: *«Ainda é pior para os muçulmanos, que não podem ir por estrada.»*

Gassan Haidar, governador de Tyr e de Bent-Jbail, está cansado de recensear todos os seus problemas com o ocupante. *«Ontem*, diz-nos ele, *passei dez horas em Tyr para conseguir autorização para fazer atracar um barco carregado de trigo, vindo de Beirute e que estava há quinze dias à espera. Querem vender-nos a sua farinha mas, na nossa terra, o Estado subvenciona o trigo a fim de manter a vida a um preço aceitável. Ao impedir a chegada dos barcos, fazem subir os preços e aumentam a tensão. Noutro domínio, obtivemos 50 milhões de libras do Estado para reparar as estradas (particularmente estragadas no sul, por manutenção deficiente e a incessante passagem dos blindados israelitas), mas até agora os israelitas não deixaram passar o asfalto vindo de Beirute. Querem que lhe compremos o asfalto a eles. Então, não se faz nada e daqui por dois meses será tarde demais por causa das chuvas.»*

A falência ameaça nesta região onde 80% dos postos de trabalho são agrícolas. A sorte dos pescadores de Tyr, de Sarafand ou de Saida também não é invejável. Todos estão proibidos de ultrapassar um perímetro de 5 quilómetros para além do porto onde os seus barcos se encontram ancorados, e, no mar, são perseguidos pela marinha israelita, que multiplica os controlos. Depois, no seu regresso, têm que pagar à ALS um imposto sobre o pescado.

Estas taxas, exigidas pela ALS na mais perfeita ilegalidade, tornaram-se um flagelo de que se queixam tanto os cristãos como os muçulmanos. Todos sentem que são espoliados a cada passo. *«Para fazer ou obter o que quer que seja*, diz o doutor Bizri, deputado de Saida, *é preciso pagar à ALS ou as Forças libanesas com uma percentagem em cada acto administrativo, a compra ou a venda de um terreno, a obtenção de um bilhete de identidade ou de um atestado de estado civil.»* Cada família tem que pagar uma «contribuição» que muitas vezes lhe é extorquida. Devido a estas práticas a ALS é detestada por uma população cuja resistência ao ocupante aumenta sem cessar.

«Se as grandes potências não obrigam um dia Israel a retirar-se e a pôr fim aos seus procedimentos contra o povo inocente do Líbano do Sul, combatê-las-emos em todo o mundo.» Dirigente do movimento chiita Amal do Líbano há já cinco anos, Mahmoud Fakih vive na clandestinidade desde 17 de Março passado, data em que foi preso pela sétima vez pelos israelitas que o «aconselharam» vivamente a deixar o Líbano do Sul. Desde então o seu nome figurou com mais onze, num panfleto distribuído na região de Nabatieh por «civis» israelitas, assinado por misteriosos *«Filhos do Sul»*, e contendo ameaças de morte.

A resistência armada

Este professor de trinta e dois anos recebe num dos seus esconderijos que nunca é o mesmo duas noites a fio. Sorridente e descontraído, entre o grande retrato do imã Moussa Sadr na parede, e a fotografia de Berri, colocada sobre a mesa, não é homem que subestime o perigo.

«Nabih Berri, diz ele, *não pode lutar contra o sentimento popular. Ele tentará livrar o povo do Sul, mas toda a resistência é legítima. Israel tem de se retirar e, para o fazer a isso, todos os meios são bons.»*

No princípio da ocupação israelita, o nosso interlocutor tal como a maior parte dos dirigentes políticos do Sul, foi contactado pelos recém-chegados em busca de amigos, mas, reconhece ele, *«se em Junho de 1982 as pessoas estavam bastante contentes por se verem livres dos palestinianos, depois de um mês de ocupação, era bem claro que o Estado hebreu não procurava somente proteger a sua segurança mas muito simplesmente, anexar, de uma maneira ou de outra, o Líbano.»*

Amal constitui hoje, sem dúvida, a principal força política do Líbano do Sul agindo à luz do dia. O movimento aumentou tanto mais a sua influência quanto a ocupação radicalizou a população, e as suas relações com os religiosos são, sem dúvida, mais íntimas do que em Beirute. *«Os xeques representam o espírito religioso do movimento e trabalhamos juntos»*, diz Mahmoud Fakih.

Será, no entanto, Amal a peça principal da resistência «militar»? Não parece, tanto mais que as suas opiniões, mesmo no interior do movimento, são partilhadas, no que diz respeito à eficácia da acção armada. Esta não é muito estruturada, o que explica que seja tão difícil de desmantelar. A participação dos militantes dos partidos de esquerda (PC, OACL, Organização de Acção Comunista no Líbano), que tinham estreitos elos com os palestinianos e que desde a invasão adoptaram uma atitude discreta, é muito provável, sem que se possa exactamente referir a parte de cada um na conduta das operações. Os palestinianos particularmente vigiados, não são decerto maioritários nas redes, mesmo que possam fornecer informações técnicas sobre a montagem de uma operação e, sobretudo, indicar a colocação dos seus antigos esconderijos de armas. Extremistas religiosos filiados nos Hesbollahis (partidos de Deus), ou Irmãos muçulmanos na região de Saida, também participam nas acções anti-israelitas. Mas Amal serve de «cobertura» geral a todos estes movimentos que contam nas suas fileiras com chiitas mas também com cristãos ou sunnitas. As armas provêm, segundo todos os observadores, dos stocks deixados pelos palestinianos quando da sua derrota de 1982. *«Os palestinianos dispersavam muitas vezes o seu armamento»*, diz um membro da FINUL que nessa época se encontrava no Sul. *Três kalachnikovs aqui, duas grandes além, um RPG noutro lugar. Os seus aliados de ontem recuperam-nos a medida das suas necessidades.»*

«A nossa resistência é, antes de mais, popular, assegura Mustafa Saad, chefe do partido nasseriano de Saida. *Cada vítima de vexames israelita tenta desforrar-se. Cada um reage sem coordenação, mas os resistentes encontram ajuda na população.»* As reivindicações de Amal em Beirute? *«É propaganda.»* A resposta é a mesma a todas as perguntas: *«Ninguém sabe quem fez um atentado.»*

«Todos os libaneses são contra a ocupação israelita, afirma, por sua vez, o doutor Bizri, deputado de Saida e que representa um pouco o establishment sunnita da cidade. *«A manifestação desta recusa traduz-se de duas maneiras: a resistência civil — não se fala com os israelitas, não se vai a casa deles, boicotam-se os seus produtos e a resistência militar, isto é, o ataque das patrulhas, os atentados.* Aprova a segunda? *«Não sou contra nada que possa fazer com que os israelitas saiam do Líbano»*, diz ele simplesmente. A resposta surpreende neste indivíduo de uma certa idade que nos recebe no seu gabinete com lambris. *«Um grande número de cristãos são membros da resistência civil*, acrescenta, *porque a maioria dos cristãos recusam a presença israelita. Simplesmente, a muitos deles, não contando com os que são membros dos partidos de esquerda, repugna atirar sobre soldados israelitas, devido ao seu rancor aos palestinianos e ao receio que têm de que estes regressem.»*

As pressões e as manobras de Jerusalém aumentam o fosso entre cristãos e muçulmanos. Os israelitas dispõem de dois meios de acção. De um lado o exército do Líbano-Sul (ALS) do general Lahad, e, do outro a Reunião Cristã Livre, criada em Fevereiro último.

A ALS que sucedeu, por morte do major Haddad, ao exército do Líbano livre, mudou, com efeito, um pouco, com o afluxo dos milicianos das forças libanesas (milícias cristãs unificadas) quando os israelitas os obrigaram a fechar os seus quartéis no Sul. Dos dois mil e quinhentos homens que o general Lahad reivindica, quase um terço das milícias cristãs. O general Lahad, ao contrário do major Haddad que era do sul e aí tinha uma pequena força popular, é natural do Chouf e não tem aí nenhuma ligação.

Na sua modesta casa do Marjayoun, a alguns quilómetros da fronteira israelita, guardado com certa desatenção por uns doze veteranos cuja idade anda pelos sessenta, o general

Continua na pág. 8

P U R G A T Ó R I O S

A Nicarágua não é uma segunda Cuba

Diz-se que a Nicarágua seria uma «segunda Cuba», uma peça do dominó soviético, nas mãos de um governo que viola resolutamente os direitos do homem e que é perigoso para a paz. É verdade que, neste pretenso «goulag tropical», existem 2500 presos políticos. Mas na sua quase totalidade são antigos guardas somozistas. Teríamos nós tolerado, depois da guerra, que os criminosos nazis fossem postos em liberdade menos de cinco anos após o seu julgamento?

É verdade que a censura se exerce sobre tudo o que respeita às questões militares e às dificuldades de abastecimentos: mas em que país em guerra se vê um jornal como «La Prensa» apoiar tão abertamente a potência que agride o país, quer dizer, os Estados Unidos?

É verdade que, como os seus predecessores, o governo sandinista cometeu erros, motivados pela ignorância e pela precipitação, no modo como tratou o problema dos Miskitos. Mas, ao longo dos séculos, as relações entre os «espanhóis» da costa pacífica e as populações da costa atlântica foram frequentemente difíceis. E não se pode esquecer que se trata de uma região onde, hoje, se afrontam sandinistas e contra-revolucionários: os Miskitos não são vítimas do sandinismo, mas da guerra que Reagan trava contra a Nicarágua. E em que país da América Latina se podem ver tantos esforços desenvolvidos para preservar a identidade cultural? Não existe qualquer espécie de «etnocídio» dos Miskitos; pelo contrário: é a primeira vez, na história da Nicarágua, que existe a preocupação de realizar um verdadeiro desenvolvimento desse povo.

É verdade que o racionamento existe, devido ao bloqueio imposto pelos Estados Unidos; mas a alimentação de base é assegurada, mesmo se é necessário fazer bicha para a obter.

Olhemos enfim, a Igreja! De um lado, uma hierarquia envelhecida, estilo Pio XII; do outro, comunidades cristãs de base com os seus «padres vermelhos» que nunca tinham tido semelhante oportunidade de praticar o Evangelho, apoiando a revolução. Tudo isto vive, exprime-se; mesmo no sector mais reaccionário da Igreja não se pode seriamente pretender que existe um atentado à liberdade religiosa. Fernando Cardenal, padre e ministro da Educação, disse a propósito da sua nomeação, contestada pela hierarquia: «Podemo-nos enganar. Durante século, a Igreja estava enganada a favor dos ricos e poderosos; agora, desta vez prefiro correr o risco de me enganar a favor dos pobres».

Tentam fazer-nos crer que se trata de um regime totalitário. Os partidos que, em Novembro, disputarão as eleições para a Assembleia Constituinte e a Presidência fazem abertamente campanha sobre temas que põem em causa a hegemonia sandinista.

Três partidos de direita decidiram não participar nas eleições, para darem crédito à ideia de que elas são manipuladas. No entanto, com ou sem a sua participação, a Frente Sandinista confirmará a sua legitimidade através das urnas. Apesar de todas as dificuldades materiais e a perda de uma parte da sua audiência, ela conta com um considerável apoio popular. Estas eleições serão as mais livres que os nicaraguenses jamais conheceram: 94,6 por cento dos cidadãos em idade de votar inscreveram-se nos cadernos eleitorais.

Dos 3 milhões de nicaraguenses, metade eram analfabetos. 400 000 aprenderam a ler e a escrever; 1 méilhão encontra-se, actualmente, em formação escolar ou universitária. Setecentos mil hectares de terra foram redistribuídos pelos pequenos e médios camponeses. Vão à Nicarágua, verão estes camponeses oruglhosos em vos mostrar o seu título de reforma agrária, as mães de família cujos filhos foram vacinados num país que é citado como exemplo pela Organização Mundial de Saúde. O que há de espantoso no facto deste povo querer, após séculos de repressão e de humilhação, defender essas conquistas e esta dignidade através das armas e do boletim de voto?

Nos livros da história haverá um dia um capítulo sobre a obra do sandinismo. Pois o que aqui se joga não é uma revolução de palácio, mas sim a esperança do Sul. O formidável movimento dos povos oprimidos, que tanto nos inquieta, nosso inconsciente colectivo ocidental, hoje pela sua dívida bancária, ontem pelas suas guerras e o seu crescimento demográfico, amanhã pela sua verdadeira libertação. A esperança. Um valor que já não está em uso entre nós, mas sim lá fora, entre os danados da terra.

As grelhas de leitura que utilizamos para julgar os países do Terceiro Mundo, e entre eles a Nicarágua — liberdade de Imprensa, direitos do homem, etc..., — serão operacionais para dar conta da realidade dos povos do Sul? Está-se em Manágua na presença do Grande Inquisidor ou, sim, na da imensa esperança de dignidade dos povos do Sul? Não se trata, claro de deixarmos de estar vigilantes e críticos. Mas não é estranho que o debate na Imprensa sobre o processo nicaraguense esteja muito mais aberto aos Estados Unidos do que à Nicarágua?

A Nicarágua está a pagar o preço das nossas grandes desilusões. Após a URSS, a China, Cuba, o Vietname, o Cambodja... a grande Imprensa ocidental adoptou, depois da tomada do poder dos sandinistas em 1979, uma posição cada vez mais dubitativa, e por fim hostil. O excesso de vigilância impediu-a de estar à escuta, de ver e de compreender.

Nesta recusa de dar qualquer crédito à revolução nicaraguense, o mais pequeno passo em falso é sistematicamente posto em evidência. A prudência, as conquistas e os progressos são ou sinalados sem serem sublinhados, ou passados em silêncio. É grande o perigo de deixar assim o caminho livre a Reagan, de ver extinguir-se a pressão, já bem limitada, dos governos europeus sobre Washington, de ver as opiniões insensibilizarem-se.

Ora a destruição do regime sandinista é, sem margem para dúvida, uma das obras que Reagan quer ter no seu palmarés, para ficar na história como o homem que conseguiu expulsar o «comunismo» do seu continente. Através de pequenos toques sucessivos, e sem uma análise séria, deixamo-nos levar a crer que a situação na América Central releva directamente do conflito Leste-Oeste e que Manágua está enfeudada a Moscovo, do mesmo modo que Havana. Em que é que consiste afinal esse «comunismo» nicaraguense? Numa pretensa ameaça que ele representa para os Estados Unidos? Na sua aliança com o bloco socialista?

As suas trocas económicas com o Este não representam mais do que 25 por cento do seu comércio exterior. A Nicarágua não assinou qualquer dos pactos em que assenta bo bloco socialista. No caso da agressão americana se amplificar, ela não disporá mais do que kalachnikovs, de alguns velhos carros russos e talvez de duzentos conselheiros militares cubanos. Se rebentar a guerra, o reabastecimento de armas, o transporte de tropas de Cuba para a Nicarágua, ficarão impossibilitados devido ao isolamento geográfico do país. Conflito Este-Oeste? A URSS e Cuba declararam já que, apesar da sua simpatia, não intervirão. Os nicaraguenses ficarão sós. Centenas de milhares, nesse «povo em armas», estão sem dúvida dispostos a morrer pela sua revolução.

Pela sua passividade, as nossas consciências estão já a participar no reforço desse isolamento, no reforço dos riscos de massacre. Voltamos nós as costas à libertação dos povos? Abandonámos nós, realmente, toda a esperança no Sul?

FRÉDERIC DEVE

perito da FAO na Nicarágua entre 1981 e 1984

Qim

● É sob o «signo do terror» que hoje se inicia uma nova semana: a guerra — a nuclear — aí está. Mas... não se assuste, por enquanto ela processa-se ainda (?) no campo da ficção. Após ter deixado passar ao lado o telefilme americano «The Day After», a RTP resolveu não repetir a proeza e exibe hoje, às 22 e 45, a réplica da BBC àquele filme: «Threads» (A Teia), realizado por Mike Jackson. Entre o documentário e o drama, «Threads» parte da hipótese de um ataque nuclear contra a Grã-Bretanha para nos mostrar não o dia seguite à catástrofe, mas os dez anos que se lhe seguem. Um filme a não perder, por todas as razões. Na quarta-feira, se já estiver refeito do susto, pode ver, também na RTP-1, às 21 horas, «Mogambo», uma fita de John Ford com Clark Gable, Ava Gardner e Grace Kelly.

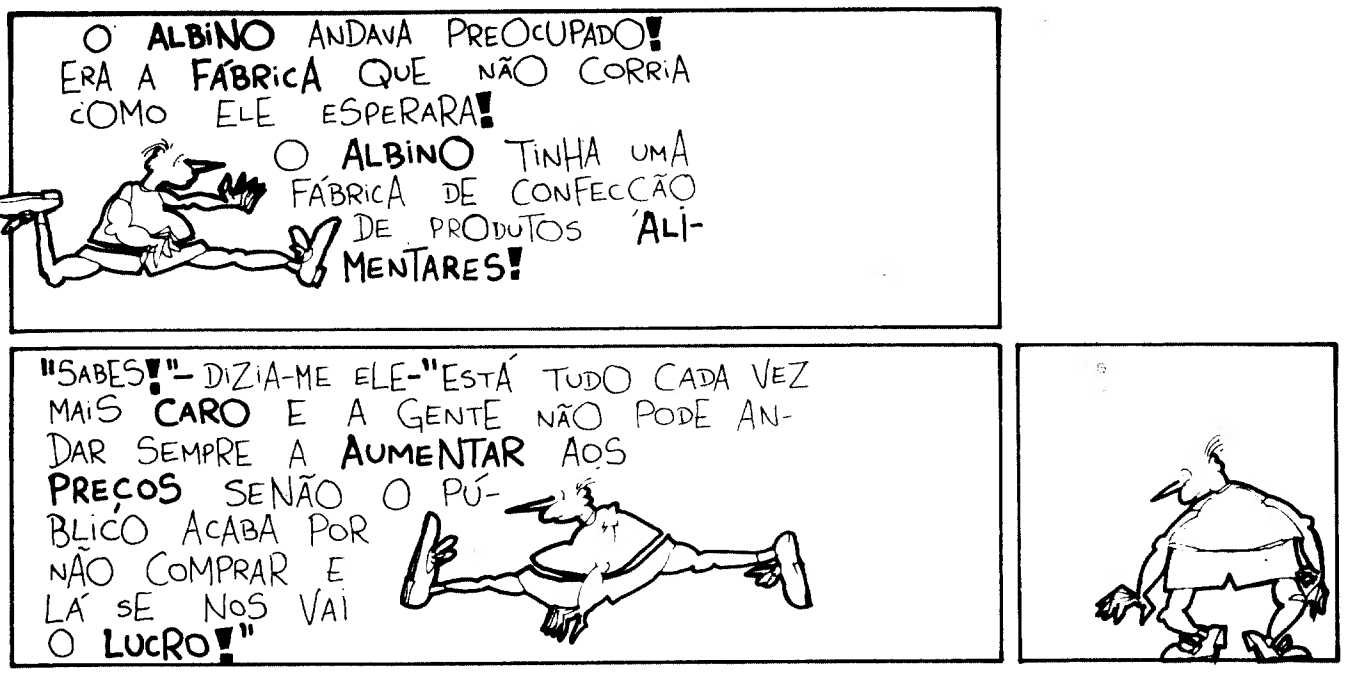
● O fim do ciclo da realizadora alemã Helma Sanders e o início de um outro dedicado ao fotógrafo de cinema Rudolph Maté são os «acontecimentos» da semana no que respeita ao mundo cinéfilo. Ao fim da tarde de hoje, a Cinemateca exibe «Weekend» de Godard, escolhido por Helma Sanders, de quem é o filme da noite: «O Tríptico de Vringsveedeler». Amanhã a realizadora despede-se do público português com «Heinrich» e «A Rapariga Oferecida», às 18 e 21 e 30 respectivamente. Também na Cinemateca começa quarta-feira, às 21 e 30, o ciclo Rudolph Maté, com «A Paixão de Joana D'Arc» de Dreyer (1929). Na quinta-feira, à mesma hora, «Lilion» de Fritz Lang (1934) e na sexta-feira, «Le Dernier Milliarfaire» de René Clair e «Blockade» de William Diterle, às 18 e às 21 e 30. Na quinta-feira, no Ar.Co, inicia-se um novo ciclo dedicado a Claude Chabrol, com «Le Beau Serge», às 21 e 45. Mais tarde, às 23 e 45, a oportunidade de rever «O Menino Selvagem» de Truffaut, no City-Cine.

● Quanto a teatro, o mês de Outubro é dominado pelos «nuestros hermanos». De Madrid vieram seis companhias para dar a conhecer o que se faz em Espanha. De terça a domingo, encontra-se no Teatro D. Maria II a peça «Luces de Bohemia», uma co-produção do Centro Dramático Nacional de Espanha e do Théatre de L'Europe. De quinta a domingo, «Los Milagros de Nuestra Señora», levado à cena pelo grupo Corral del Principe, ocupa o espaço do Teatro Ibérito.

● No Centro de Arte Moderna a atenção continua centrada em Almada Negreiros: de quarta a sexta-feira, Almada é pretexto para um colóquio onde intervêm José-Augusto França, Joel Serrão, Artur Nobre de Gusmão e Pedro Vicente (4.ª-feira). Fernando Guimarães, David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço e Lima de Freitas (5.ª-feira). Vítor Pavão dos Santos, José Sasportes, Rui Mário Gonçalves e Fernando Peres (6.ª-feira).

● Duas exposições patentes na Gulbenkian são mais uma das iniciativas promovidas pelo British Council para comemorar o seu 50.º aniversário. A carreira do libertino «The Rake's Progress» e a Cornualha são os temas das exposições cujos autores são, respectivamente, William Nogart (1697-1764) e David Hockney (1937) e Peter Lanyon (pintura e desenho) e Andrew Lanyon (fotografias).

doces crónicas



A «gaiola» libanesa

Continuação da pág. 6

recebe-nos sem criar grandes dificuldades. Forte, cabelo branco nas têmporas, farda impecável, este oficial de cinquenta e seis anos, na reforma, que rompeu com os seus companheiros de armas para vir colocar-se sob a tutela israelita, nega ser um renegado. *«Vim para defender o Líbano*, diz ele. *Não tenho relação alguma com o Estado libanês, mas ajudo-o assegurando a sua administração aqui.» «A ALS tem destacamentos em todo o Líbano do Sul, mas nós procedemos por etapas para substituir os israelitas»*, afirma, prudente. De facto, a ALS controla sobretudo as regiões de maioria cristã, o eixo Marjayoun-Jezzine-Kfar-Falous e o centro das cidades de Saida e de Nabatieh, onde o exército israelita corre mais riscos.

«Recruto duzentos a trezentos homens por mês», assegura o general Lahad. No entanto, os seus efectivos não aumentaram desde que há seis meses, entrou em funções. Para muitos observadores do Líbano do Sul, o seu pequeno exército não tem futuro sem a presença de Israel. *Muitos jovens juntam-se a Lahad porque ele lhes paga bem: 1750 LL por mês, mas pouco o fazem por convicção»*, diz-nos um professor de Nabatieh.

«Lahad nunca moderá assegurar a segurança do Awali na fronteira. Só será capaz de olhar pela cintura de segurança dantes controlada pelo major Haddad, diz por sua vez, Saad. *Sem uma nova contribuição das forças libanesas nunca reunirá cinco mil homens e, em caso de retirada israelita só terá uma coisa a fazer, seguir os seus patrões»*. Neste terreno a ALS comporta-se mais como uma milícia do que como um verdadeiro exército, e a disciplina não parece ser o seu forte.

O espectro dos massacres

O espectro dos massacres da guerra da montanha entre drusos e cristãos, em Setembro de 1983, também começa a surgir a sul, mesmo que a grande maioria dos dirigentes rejeite esta eventualidade, argumentando com a ausência de *«contencioso histórico»* entre cristãos e muçulmanos na região. *«Amal e os patriotas opor-se-ão a todo e qualquer choque entre cristãos e muçulmanos, em caso de retirada israelita»*, assegura Mahmoud Fakhi, que acrescenta: *«O problema coloca-se de preferência com as Forças libanesas. Antes da invasão, estes milicianos não estavam aqui»*. Saad arrisca um prognóstico: *«Se Israel se retirar, talvez haja dois ou três dias de combates, depois, as frotas libanesas vão-se embora por sua vez.»*

Monsenhor Brahim Hilou, arcebispo maronita de Saida, evoca, para os deplorar, os progressos do confessionalismo *«atiçado pelas ingerências estrangeiras»*. *«Não sou dos que acreditam numa pátria confessional*, diz ele, *mas tenho medo quando os dirigentes desejam essa subida do integrismo para confessionalizar o Líbano.»*

«Para nós, o futuro depende de três factores, afirma, por sua vez o doutor Bizri: *o aumento de resistência; o fortalecimento do governo central para que seja capaz de negociar indirectamente arranjos de segurança; o empenhamento, ao nosso lado, dos grandes países para que levem Israel, de um modo ou de outro, a retirar-se.»*

Todos os dirigentes do Líbano do Sul que se opõem à ocupação, dizem-se, com efeito, favoráveis à conclusão de combinações com o Estado hebreu, desde que estas só digam respeito a cláusulas de segurança e sejam negociadas por intermédio de terceiros entre Beirute e Jerusalém.

Mas o que quer na verdade Israel? A que preço aceitará ele retirar-se? Os rumores persistentes àcerca de uma retirada de tal ou tal «linha» do seu exército não adquirem consistência.

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

Máquina fotográfica

Vendo por 25 contos Asahi Pentax Spotmatic 1:1.8/55 c/estojo, pouco uso. Telefone para 2420193 depois das 18 horas ou escreva para Parque Oceano, 11-4.º E.º — 2780 Oeiras.

Colaboradores

Procura-se colaboração de leitores interessados em relatar histórias e factos insólitos ligados à vossa terra e região. Escreve para ASIC-JK-Av. MFA lote 2, 3.º D.º Torre da Marinha — 2840 SEIXAL

Aluga-se quarto

Na Damaia, a universitária, em casa muito sossegada e ambiente familiar. Autocarro à porta para a Cidade Universitária e a 3 minutos da estação caminho ferro. Favor contactar pelo telefone 976510, depois das 16 horas.

Recortes

Procura-se contacto com leitores de publicações num dos idiomas seguintes: francês, inglês, alemão ou sueco, para recortar ou fotocopiar artigos sobre Portugal. Todas despesas pagas. Escreve para: Tulipa Vermelha — Postbus 12 039 — 1100 AA Amsterdam ZO Holanda.

Mesa de mistura

Vendo mesa de mistura marca Roland, com oito canais, completamente nova. E também uma bateria composta de tarola, timbal, timbalão, bombo e dois pratos.

Contactar durante o dia Telf. 57 95 96 – ext. 207 (Luís Dias), de noite Telef. 247 33 06.

Loja na Póvoa

Vendo, loja 130 m² com armazém, telefone, negócio funcionando, ou só imóvel em praceta comercial, construção nova, isolada, dá para indústria podendo ampliar construção.

Praceta da República, 2 – Quintinha – Póvoa St.º Adrião, Telef.: 982 52 78.

Reforma Agrária

A Tulipa Vermelha organiza neste momento, **no estrangeiro,** uma campanha de recolha de assinaturas em defesa da Reforma Agrária portuguesa. Quer ajudar? Escreva-nos e teremos muito gosto em enviar-lhe uma lista e mais informações.

Tulipa Vermelha — Postbus 12 039 — 1100 AA Amsterdam ZO — Holanda.

Desenhador

Desenhador oferece-se. Qualquer regime. Serralharia civil, ferro e alumínio. Estruturas metálicas. Máquinas e construção civil. Carpintarias, caixilharia, móveis, pormenores Orlando Silva, Tel. 640376.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA